

Macau 澳門

ANO DO BÚFALO

O SIGNO DA POSITIVIDADE



DOUTORES 'MADE IN MACAU'

Jovens contam por que tirar um doutoramento na RAEM



ESCOLA DE TEATRO

Há três décadas como incubadora de talentos





Lou Kau Mansion / Casa de Lou Kau

Opening hours: Tuesday to Sunday, 10:00 -18:00
(No admission after 17:30)

Address: No.7, Travessa da Sé

Horário de Funcionamento: De Terça-feira a Domingo,
10:00-18:00 (Entrada permitida até às 17:30)

Endereço: Travessa da Sé, n.º 7, Macau

FREE
ADMISSION
ENTRADA
LIVRE



Guia Fortress / Fortaleza da Guia

Opening hours: Guia Fortress and Information Centre:
9:00 -18:00 (No admission after 17:30)
Guia Chapel: 10:00 -17:00

Address: Guia Hill

Horário de Funcionamento: Fortaleza da Guia e Centro de Informações:
9:00-18:00 (Entrada permitida até às 17:30)
Capela da Guia: 10:00-17:00

Endereço: Colina da Guia

Macau 澳門

DIRECTORA
Chan Lou

DIRECTORA EXECUTIVA
Amelia Leong

EDITOR EXECUTIVO
Alberto Au

PROPRIEDADE
Gabinete de Comunicação Social
da Região Administrativa Especial de Macau
Avenida da Praia Grande, n.º 762 a 804
Edif. China Plaza, 15.º andar, Macau
Tel: (+853) 2833 2886 Fax: (+853) 2835 5426
e-mail: info@gcs.gov.mo

PRODUÇÃO, GESTÃO E DISTRIBUIÇÃO
Delta Edições, Lda.
Av. Comercial de Macau, 251A-301
AIA Tower, 20.º andar
Tel: (+853) 8294 2274 Fax: (+853) 8294 2399
e-mail: contacto@revistamacau.com
www.revistamacau.com

EDITOR
Luís Ortet

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Vanessa Amaro

COORDENAÇÃO DE FOTOGRAFIA
Gonçalo Lobo Pinheiro

LAYOUT
Marta Gregório

DIREÇÃO GRÁFICA
Ipsis Verbis Communication

COLABORADORES
Andreia Sofia Silva, António Bilrero, Catarina Brites Soares,
Catarina Mesquita, Cláudia Aranda, Dalton Siteo (Moçambique), Marco
Carvalho, Marta Curto (Portugal), Paulo Barbosa, Rui Rocha e
Sandra Lobo Pimentel

TRADUÇÃO
Deolinda de Oliveira

FOTOGRAFIA
Gonçalo Lobo Pinheiro, Paulo Cordeiro (Portugal),
Tatiana Lages, Tiago Alcântara e Salvador Sigaúpe (Moçambique)

As imagens que estão publicadas nesta edição e não estão creditadas foram adquiridas em diferentes bancos de imagem, devidamente licenciados.

IMPRESSÃO
Tipografia Welfare, Macau

TIRAGEM
1500 exemplares

ISSN: 0871-004X

Escaneie o nosso QR code e siga-nos
nas redes sociais



www.revistamacau.com



www.facebook.com/RevistaMacau

APP DA REVISTA MACAU DISPONÍVEL EM:



Do Editor

Luís Ortet

Em vésperas do fecho da presente edição, o Chefe do Executivo da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) visitava diversas cidades da província de Guangdong, onde manteve contactos com dirigentes governamentais visando aprofundar o impulso dos trabalhos de construção da Grande Baía de Guangdong-Hong Kong-Macau, que se pretende que venha a tornar-se uma região metropolitana de nível mundial.

Este é um dos temas abordados neste número da revista, onde igualmente se dá conta das individualidades e entidades agraciadas com medalhas e títulos honoríficos do ano de 2020.

Carmen Amado Mendes, presidente do Centro Científico e Cultural de Macau, em Lisboa, evoca em entrevista a importância do Memorando de Entendimento assinado em finais de 2018 entre o Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior português e o Ministério da Ciência e Tecnologia da República Popular da China, visando a implementação da Parceria China-Portugal Ciência e Tecnologia 2030. A entrevistada igualmente detalha as grandes linhas das acções que serão desenvolvidas pelo Centro nos próximos anos.

O novo ano do calendário lunar chinês, sob o signo do Búfalo, inicia-se no dia 12 de Fevereiro e o assunto tem um natural destaque nesta edição, já que está em causa a mais importante das festividades chinesas. Como tem acontecido em anos anteriores, apresentamos um resumo das previsões dos almanaques para o novo ano e um artigo que explica a simbologia associada ao signo do Búfalo.

Carlos Morais José, jornalista, autor e editor, é outro dos entrevistados desta edição e fala do trabalho que tem desenvolvido em prol da divulgação em língua portuguesa do pensamento chinês.

A Escola de Teatro do Conservatório de Macau, a arte de escultura religiosa em madeira, os jardins de plantas medicinais na ilha de Coloane e estudantes estrangeiros e locais que frequentam doutoramentos em Macau são outros temas abordados.

O perfil do escultor Eloi Scarva, a agenda de eventos culturais e noticiário diverso podem ainda ser lidos nesta edição.

06

ACONTECEU

As principais notícias que marcam a actualidade de Macau

08

BALANÇO DE 2020 E DESAFIOS PARA 2021

Depois de um ano difícil, o foco do Governo está na recuperação económica e no bem-estar e na saúde da população



14

MEDALHAS DE MÉRITO

As 34 personalidades distinguidas pelo Governo pelos seus contributos à RAEM



16

CHEFE DO EXECUTIVO NUM PÉRIPOLO PELA GRANDE BAÍA

Em quatro dias, oito cidades. Passar da teoria à prática na cooperação

22

ENTREVISTA: CARMEN AMADO MENDES

Nova presidente do Centro Científico e Cultural de Macau em Portugal fala sobre os seus planos de dinamização



28

MOÇAMBIQUE: TELEVISÃO DIGITAL PELA INCLUSÃO

Projecto chinês leva informação e entretenimento a aldeias rurais



32

RADAR LUSÓFONO

Os últimos acontecimentos a marcar a agenda de cooperação China-países lusófonos

36

SIMBOLOGIA DO BÚFALO

Símbolo da tranquilidade e da força, o Búfalo é venerado em todas as artes e visto como um auxiliar valioso dos humanos



44

PREVISÕES PARA O NOVO ANO

Confira o que dizem os almanaques chineses para cada signo do zodíaco



54

DOUTORES 'MADE IN MACAU'

São jovens que viram nas instituições de ensino de Macau a possibilidade de uma formação rigorosa e exigente. Uma pequena amostra dos doutorandos da cidade



76

ENTREVISTA: CARLOS MORAIS JOSÉ

O jornalista e editor local reflecte sobre as lacunas e os desafios da tradução de grandes obras chinesas para português.



82

ÁTRIO: ELOI SCARVA

Formado em Escultura, o jovem artista local também explora a fotografia como arte na sua mais recente exposição



64

ESCOLA DE TEATRO DO CONSERVATÓRIO

Uma incubadora de talentos de portas abertas para amantes do teatro desde 1989



70

PATRIMÓNIO: ESCULTURAS SAGRADAS

Com mais de 100 anos de história, a escultura de imagens sagradas em madeira tornou-se uma tradição requintada



86

LIVROS E EVENTOS

Os lançamentos editoriais e os principais eventos na agenda da cidade para as próximas semanas

90

MEMÓRIAS: RUA DA FELICIDADE

A rica história de uma das ruas mais emblemáticas de Macau explicada de forma sintetizada

Bairro de Macau em Hengqin pronto em 2023 • Foram oficialmente iniciados os trabalhos de construção do projecto “Novo Bairro de Macau em Hengqin”, que irá disponibilizar, para residentes da RAEM, 4000 fracções habitacionais distribuídas por 27 torres. De acordo com a Macau Renovação Urbana S.A., o projecto deverá estar concluído em 2023 e preconiza a criação de espaços para o estacionamento de cerca de 4000 veículos. Cerca de 80 por cento das fracções são de tipologia T2 e as restantes T3. O “Novo Bairro de Macau em Hengqin” incluirá ainda zonas comerciais, uma escola, um centro de saúde e um centro de serviços comunitários. A sociedade de capitais públicos referiu ainda que as habitações e as instalações comunitárias estarão concluídas em simultâneo e os proprietários poderão solicitar autorização para a entrada de veículos só com uma matrícula na Ilha da Montanha. A Macau Renovação Urbana revelou, por outro lado, que poderá estabelecer um serviço de “shuttle bus” entre o bairro e o Posto Fronteiriço de Hengqin.



Proibida a importação de embalagens de esferovite • A proibição da importação e trânsito dos utensílios de esferovite, incluindo as caixas utilizadas nos estabelecimentos de comidas, os chamados “tapau”, entrou em vigor no primeiro dia de 2020. O despacho do Chefe do Executivo preconiza a proibição de importação e circulação de caixas descartáveis para comida, tigelas e copos, bem como pratos do mesmo material. O Governo acredita que a implementação desta medida acontece no momento certo, até porque os proprietários de estabelecimentos da restauração e fornecedores já tinham sido avisados sobre a intenção das autoridades em Julho do ano passado. Segundo garantiram os Serviços de Protecção Ambiental (DSPA), a maioria dos fornecedores e dos restaurantes mostrou-se favorável à proibição de esferovite.



A Macau dos filmes em excursões a pé • Atendendo à boa receptividade do público relativamente aos “Espectáculos no âmbito da Excursão Cultural Profunda nas zonas do Porto Interior e da Taipa” desde Junho de 2020, o Instituto Cultural (IC) irá continuar agora com esta iniciativa mas em moldes diferentes, relacionados com o cinema. A ideia é oferecer uma experiência imersiva das cenas de filmes nos bairros históricos de Macau. A iniciativa “Visitar o Porto Interior, Taipa e Coloane seguindo os filmes”, que começou no início de Janeiro e estende-se até ao final de Fevereiro”, está disponível aos sábados, domingos e feriados, com dois percursos, num total de 18 sessões. São apresentados cerca de 50 filmes, com cenas filmadas em Macau no período dos anos 1950 até hoje, bem como películas realizadas no território por criadores locais na última década. Entre estes, encontram-se “Days of Tomorrow”, “A Última Vez que Vi Macau” e “Flowers of Shanghai”, que foram parcialmente filmados no Porto Interior; bem como, “Rouge”, “Exilados” e “Tong – Chinatown Story”, rodados em parte no Largo do Lilau. Cineastas e actores locais são os “guias” destas excursões.



Árvores de antiga fábrica de panchões consideradas património

• No último dia de 2020, foi publicada a versão actualizada da Lista de Salvaguarda de Árvores Antigas e de Reconhecido Valor, que abrange 584 exemplares. Na nova versão, o Instituto para os Assuntos Municipais (IAM) inclui 32 árvores antigas que estão no lote da antiga Fábrica de panchões Iec Long, na Taipa, e na Colina da Ilha Verde. Das 584 árvores, 57 encontram-se em espaços de propriedade privada. Por outro lado, 12 estão classificadas com o grau 1 (nível máximo) de protecção, das quais sete se integram nesta categoria por perigo de extinção. São os caso da ameixoeira de Java no templo de Kun Iam que, com 510 anos, que será a mais antiga de Macau, e outra no mesmo local que tem 490 anos. O IAM revelou ainda que deverá incluir na lista mais 50 a 60 árvores junto ao Centro de Formação Juvenil Dom Bosco, em Coloane.



Qualidade do ar com novos padrões de medição • A Direcção dos Serviços Meteorológicos e Geofísicos (SMG) actualizou, no início deste ano, o índice da qualidade do ar (IQA), adoptando padrões mais rigorosos para as concentrações de poluentes, em consonância com as directrizes da Organização Mundial da Saúde (OMS). Em concreto, foram ajustados 24 de 36 valores indicativos relativamente aos índices das partículas PM2.5 e PM10, bem como o ozono (O3), o dióxido de azoto (NO2) e o dióxido de enxofre (SO2). Face a esses novos critérios, prevê-se que o número de dias com ar classificado como “insalubre” deverá aumentar cerca de 20 por cento. Contudo, esse aumento não traduzirá necessariamente um cenário de agravamento da poluição do ar, uma vez que estão em causa padrões mais rigorosos. A qualidade do ar em Macau melhorou em 2020, tendo sido registados sete dias com ar insalubre nas estações ambientais, ou seja, menos 19 dias do que em 2019.



Infantários devem hastear a bandeira nacional

• A revisão da Lei da Bandeira Nacional da República Popular da China, que entrou em vigor no início deste ano, vem alargar o hastear da bandeira aos jardins de infância no território – uma medida já prevista para as escolas primárias e secundárias. O diploma indica ainda que deve fazer-se da Bandeira Nacional “um elemento fundamental da educação patriótica”. Neste sentido, nos ensinamentos primário e secundário, “deve ensinar-se aos alunos a compreender a história e o espírito da Bandeira Nacional, cumprir as normas sobre o hastear e o uso da Bandeira Nacional, bem como a respeitar o cerimonial” durante o hastear da bandeira.



Mais estudantes no ensino superior até 2025

• O Governo pretende aumentar o número de estudantes do ensino superior para 50 mil no ano lectivo de 2025/2026, recorrendo, sobretudo, a alunos do Interior do País e estrangeiros. É o que consta das “Linhas Gerais do Desenvolvimento a Médio e Longo Prazo do Ensino Superior de Macau (2021-2030)” que foram apresentadas e publicadas em Dezembro. Actualmente, há um total de 36 mil estudantes a frequentar 300 cursos em funcionamento nas 10 instituições de ensino superior (quatro públicas e seis privadas), incluindo doutoramentos, mestrados, licenciaturas, bacharelato, diplomas de pós-graduação e de ensino superior. Cerca de 40 por cento dos alunos que frequentam estas instituições estão a estudar cursos ligados às áreas de gestão, comércio, turismo e entretenimento.

Balances e perspectivas

Apesar da crise sem paralelo, o Chefe do Executivo vinca que a qualidade de vida melhorou em 2020. Ho Iat Seng diz que no ano passado se verificaram “novos progressos em todas as vertentes e uma melhoria progressiva da qualidade de vida da população”

Texto | Catarina Brites Soares

O Chefe do Executivo fez um balanço positivo de 2020 e prometeu boas perspectivas para 2021. Na mensagem de Ano Novo, Ho Iat Seng considerou que em 2020 se verificou “uma conjuntura socioeconómica estável” e voltou a frisar que o combate à pandemia continua a estar no topo das prioridades, mensagem que tem reiterado nos discursos em momentos importantes como aconteceu durante a apresentação das Linhas de Acção Governativa, em Novembro, e nas celebrações do dia da RAEM, a 20 de Dezembro.

“Com o reforço constante da capacidade da saúde pública e a entrada da vacina no mercado, venceremos seguramente esta grande batalha epidémica”, afirmou o líder do Governo. Ho garantiu que as autoridades continuam determinadas na “promoção da normalização da prevenção e controlo da epidemia e na

missão de ‘prevenir casos importados e evitar o ressurgimento interno’”.

Na mensagem, o Chefe do Executivo recordou que a missão é árdua e que exige um esforço “incansável de todos” no cumprimento das medidas de prevenção contra o vírus da Covid-19. “O ano de 2020 foi particularmente difícil. A pandemia da pneumonia causada pelo novo tipo de coronavírus, que se alastra pelo mundo, mudou de forma profunda a percepção das pessoas sobre a vida e a saúde, alterando os seus estilos de vida, e trouxe um impacto e desafio sem precedentes para Macau e o mundo.”

Apesar das dificuldades, Ho Iat Seng realçou que 2020 também ficará marcado pela solidariedade e capacidade de superar os obstáculos. “O Governo da RAEM implementou várias medidas de estabilização da economia e de garantia do emprego e da qualidade de vida da população, ajudan-





Apesar das dificuldades, Ho Iat Seng realçou que 2020 também ficará marcado pela solidariedade e capacidade de superar os obstáculos



do as empresas e os cidadãos a ultrapassar as dificuldades. Os diversos sectores da sociedade demonstraram o excelente e tradicional valor da entreatajuda, bem como um espírito de luta e de auto-aperfeiçoamento”, reforçou. “Em 2020, Macau registou, de um modo geral, uma conjuntura socioeconómica estável, novos progressos em todas as vertentes e uma melhoria progressiva da qualidade de vida da população.”

O AMANHÃ

O líder do Governo voltou a frisar que a vida e a saúde dos residentes estiveram sempre em primeiro lugar e prova disso foi a acção do Executivo,

que respondeu “atempada e firmemente” com várias medidas de prevenção e combate à pandemia. Para Ho, foram alcançados resultados positivos e ficou “demonstrado um grandioso espírito de luta contra a Covid-19”.

“Estou convicto de que, com o forte apoio do Governo Central e o esforço conjunto de toda a população, a RAEM superará as dificuldades que enfrenta e alcançará novos desenvolvimentos e progressos em prol da implementação estável e duradoura do princípio ‘um país, dois sistemas’, com características de Macau”, perspectivou.

O governante aproveitou a mensagem para pedir “con-

fiança e coragem para vencer as diversidades”, prevendo “a coexistência de oportunidades e desafios, de esperança e de dificuldades” no ano que agora começa.

Também deixou promessas, como a de continuar a estimular “a recuperação da economia e a sua diversificação adequada”. Com esse objectivo em mente, o líder do Governo prometeu valorizar as “vantagens singulares de Macau e participar activa e pragmaticamente na dupla circulação económica” do país e no desenvolvimento económico da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau e da iniciativa ‘Uma Faixa, Uma Rota’, “em prol da integração

“O ANO DE 2020 FOI PARTICULARMENTE DIFÍCIL. A PANDEMIA MUDOU DE FORMA PROFUNDA A PERCEÇÃO DAS PESSOAS SOBRE A VIDA E A SAÚDE, ALTERANDO OS SEUS ESTILOS DE VIDA”



de Macau na conjuntura do desenvolvimento” chinês.

“Iremos otimizar constantemente as acções vocacionadas para a qualidade de vida da população, garantir o emprego e resolver progressivamente as preocupações da população, designadamente as de habitação, transportes e cuidados de saúde; iremos promover os nossos tradicionais valores do amor pela Pátria e por Macau, da tolerância e da harmonia, intensificar as acções vocacionadas para a juventude, salvaguardar a conjuntura estável da RAEM, assegurar a realização com sucesso das eleições para a 7.ª Assembleia Legislativa e consolidar a base sociopolítica do

amor pela Pátria e por Macau”, detalhou.

A SOLUÇÃO PARA A ECONOMIA

O ano de 2021 é também visto pela Administração como de recuperação depois de um 2020 difícil economicamente. A economia está em recessão há mais de um ano, o desemprego atingiu os valores da crise financeira de 2009, conduzindo à austeridade na função pública, cortes salariais e medidas de *lay-off* no sector privado. A vacina é encarada como a solução para recuperar a indústria do jogo e do turismo, os principais motores económicos da região.

O Chefe do Executivo e a



O ANO DE 2021 É TAMBÉM VISTO COMO DE RECUPERAÇÃO DEPOIS DE UM 2020 DIFÍCIL ECONOMICAMENTE. A ECONOMIA ESTÁ EM RECESSÃO E O DESEMPREGO ATINGIU OS VALORES DA CRISE FINANCEIRA DE 2009

directora dos Serviços de Turismo, Maria Helena de Sena Fernandes, deixaram claro que só a vacinação permitirá o regresso à normalidade. Em 2019, Macau recebeu quase 40 milhões de turistas e arrecadou perto de 292 mil milhões de patacas em receitas de jogo. Apesar de em 2020 as receitas assim como o turismo terem sofrido uma quebra significativa, o Governo já assegurou que o caderno de encargos definido para 2021 é para cumprir.

A “recuperação e diversificação económica, a garantia do emprego”, a “promoção da reforma da Administração Pública” e “a construção de uma cidade inteligente com condições ideais de habitabilidade”

são alguns dos objectivos para este ano.

O Executivo antecipa um orçamento deficitário, com previsões de receitas provenientes dos *resorts* integrados na ordem dos 130 mil milhões de patacas –

menos de metade do registado em 2019, antes da pandemia.

A integração progressiva no Interior do País será uma das apostas para responder aos desafios e prova disso é a menção constante da importância de impulsionar o projecto da Grande Baía, tanto pelo Governo local como pelo Governo Central.

O investimento na economia local – por exemplo através das

obras públicas – é outra das fórmulas do Governo para estimular a economia local. O investimento de 18,5 mil milhões de patacas destinados a obras públicas abrange projectos como a quarta ponte Macau-Taipa, a expansão do Aeroporto Internacional e a extensão da linha do metro ligeiro.

TURISTAS DE VOLTA

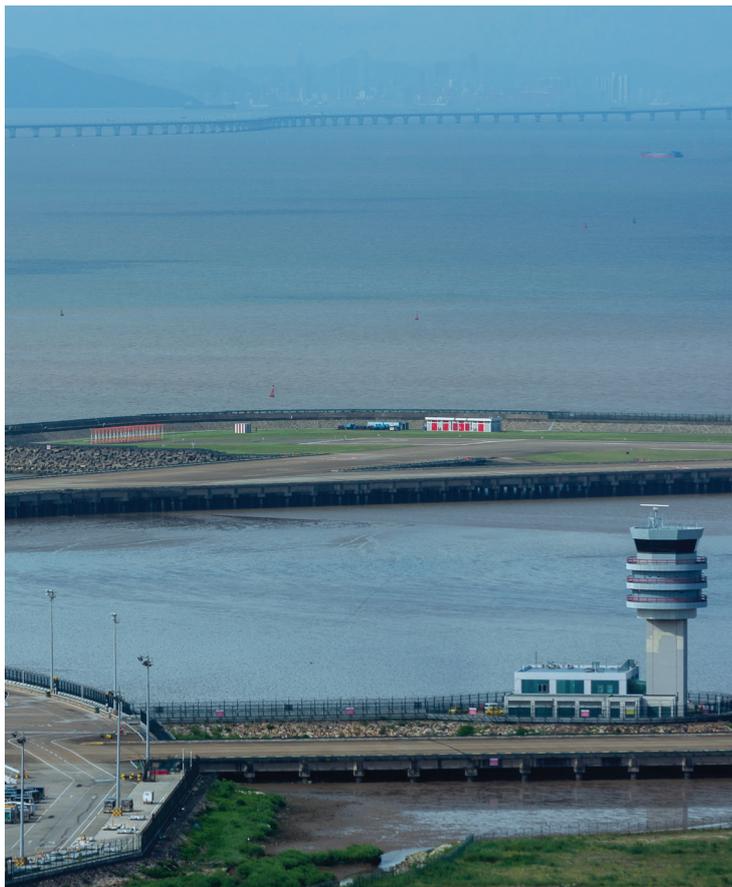
Foram mais de 30 mil os visitantes que entraram em Macau na véspera da passagem de ano. É o número mais elevado diário dos últimos 11 meses, segundo dados oficiais. A recuperação é atribuída ao facto de a situação epidémica “estar basicamente está-

vel tanto no Interior da China como em Macau, aliada ao reforço dos esforços de promoção da Direcção dos Serviços de Turismo em sintonia com a retoma da emissão de documentos de viagem turísticos a residentes do Interior da China para deslocação a Macau e na divulgação de Macau como destino seguro e acessível”. O Turismo de Macau refere ainda que “a média diária de visitantes de Macau ultrapassou as 21 mil pessoas, e a taxa média de ocupação hoteleira foi de mais de 67 por cento” entre 31 de Dezembro de 2020 e 3 de Janeiro de 2021. A maioria dos turistas é do Interior do País, seguindo-se os de Hong

OS SERVIÇOS DE TURISMO TEM CONCENTRADO OS SEUS ESFORÇOS NA PROMOÇÃO DE MACAU COMO DESTINO SEGURO, JUNTO DE INFLUENCIADORES DIGITAIS DO INTERIOR DO PAÍS E NOVAS PLATAFORMAS SOCIAIS

ESPERANÇAS REFORÇADAS PARA O ANO DO BÚFALO

Por ocasião da recepção da Festa da Primavera organizada pelo Gabinete de Ligação do Governo Popular Central na RAEM, o Chefe do Governo de Macau reiterou que o Executivo vai continuar empenhado na prevenção e no controlo da Covid-19 “face à complexidade e incerteza da evolução” da pandemia, “sem nunca baixar a guarda”. O evento, realizado a 18 de Janeiro, teve este ano uma redução significativa do número de convidados e transmissão online. “Face à complexidade e incerteza da evolução da pandemia mundial, o Governo da RAEM continuará empenhado na estratégia ‘prevenir casos importados e evitar o ressurgimento interno’, sem nunca baixar a guarda”, garantiu. O objectivo do Governo é a “recuperação do desenvolvimento socioeconómico” do território, salientou Ho, lembrando o “grave impacto nos diversos sectores de atividade de Macau” do novo coronavírus, que “afectou profundamente a vida dos residentes”. “Conseguimos garantir a segurança de Macau, proteger a saúde e a vida dos residentes e alcançar resultados positivos, nada fáceis de atingir, no combate à pandemia”, acrescentou. Para o governante, “o ano novo traz novas esperanças”, numa referência ao Ano Novo Lunar. “O Ano do Búfalo marca o início do 14.º Plano Quinquenal Nacional, e a entrada do País numa nova fase de desenvolvimento trará inquestionavelmente maiores oportunidades de desenvolvimento para Macau”, disse Ho Iat Seng, destacando a participação do território na “dupla circulação” económica da China e na promoção do princípio “Um país, dois sistemas” com “características de Macau”.



Kong e logo Taiwan.

Sob o lema de prosseguir com a promoção para atrair mais visitantes durante as férias e festividades, a Direcção dos Serviços de Turismo (DST) realça que tem “colaborado com a Tencent, Alibaba, Trip.com, UnionPay International e a Air Macau na divulgação de informações e descontos para atrair visitantes a Macau, encorajar o dispêndio turístico, prolongar o tempo de estadia na cidade, impulsionado economicamente os diferentes sectores”.

O organismo realça que, com a retoma da emissão de documentos de viagem turísticos a residentes do Interior do País para deslocação a Macau, a DST tem continuado a reforçar a promoção nas plataformas das redes sociais, incluindo Douyin, Xiaohongshu, Weibo, WeChat, Mafengwo, entre outras, e realizando os vivos com influenciadores digitais. “A DST abriu ainda, no ano passado, conta oficial nas plataformas Xiaohongshu e Douyin para ir ao encontro dos hábitos de uso das redes sociais dos residentes do Interior da China. Foram também convidados influenciadores de turismo para visitas de familiarização a Macau, para ajudar a divulgar a imagem de Macau como destino seguro e acessível. Ao mesmo tempo, a DST tem cooperado com agências de viagens *online*, para promover produtos turísticos de Macau a tarifas especiais”, lê-se no comunicado emitido pelo organismo.

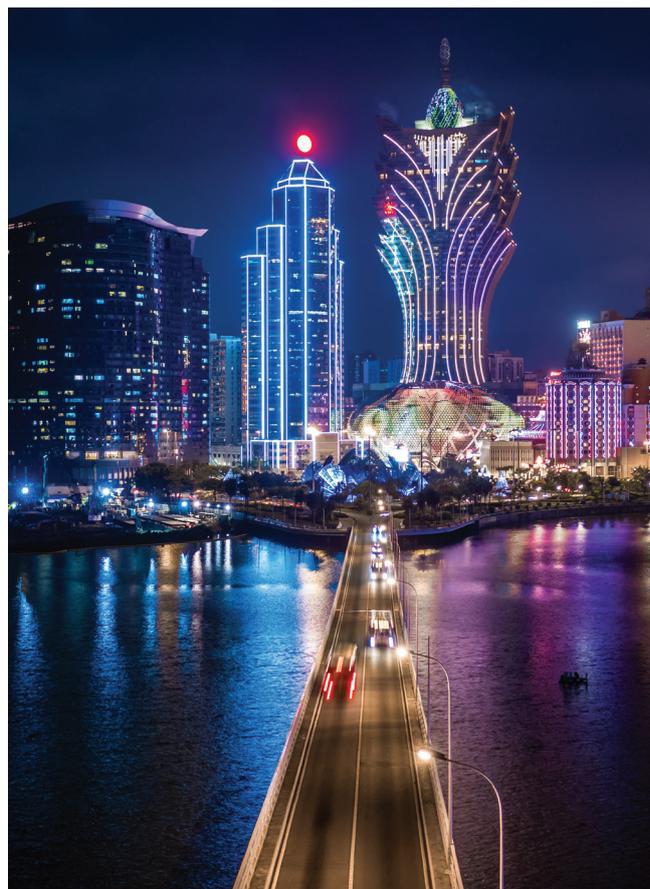
A DST adianta que agora o objectivo é promover as iniciativas Semana de Macau



em Pequim, o Carnaval para Desfrutar Macau, a plataforma electrónica de promoções “Macau Ready Go” e realizar 60 vídeos sobre temas ligados ao turismo local. Além disso, pretende também divulgar a cidade como segura, “para recuperar a confiança em viajar, encorajando mais visitantes do Interior da China a visitarem Macau em férias e festividades”, e assim impulsionar a recuperação.

Já a Direcção de Inspeção e Coordenação de Jogos refere que Dezembro de 2020 foi o melhor mês no que respeita às receitas no sector desde o início da pandemia. O encaixe foi de 7,82 mil milhões de patacas, representando, contudo, uma quebra anual de 65,8 por cento.

Até ao fecho desta edição, o último caso de Covid-19 registado em Macau datava de Junho de 2020. 





Governo distingue profissionais de saúde por empenho na luta contra a Covid-19

Foram 34 as personalidades e entidades a quem o Chefe do Executivo, Ho Iat Seng, entregou medalhas e títulos honoríficos, por se terem notabilizado “por feitos pessoais, contributos para a sociedade ou serviços prestados à RAEM” em 2020. A lista deste ano foi constituída, sobretudo, por muitos dos profissionais de saúde e serviços que fizeram parte do mecanismo de resposta ao novo coronavírus.

O anterior Chefe do Executivo Chui Sai On e o médico Zhong Nanshan, especialista

em doenças contagiosas, foram agraciados com a mais alta distinção da RAEM: a Medalha de Honra Grande Lótus. Viriato Manuel Pinheiro de Lima, magistrado português do Tribunal de Última Instância reformado desde 2019, recebeu a medalha Lótus de Prata.

A Lótus de Ouro distinguiu o trabalho da Associação de Educação de Macau e os antigos secretários para os Transportes e Obras Públicas Lau Si Io, e para a Economia e Finanças Lionel Leong, bem como o antigo Comandante-geral dos Serviços

de Polícia Unitários (SPU) Ma Io Kun.

Lei Chin Ion, director dos Serviços de Saúde (SSM), recebeu a medalha de Mérito Altruístico, para além dos SSM terem sido distinguidos com a medalha de mérito profissional. Num ano marcado pela pandemia, Lei Chin Ion dedicou a medalha a todos os colegas, indicando que os profissionais de saúde e os trabalhadores da linha frente assumem uma missão importante.

Além de vários serviços públicos, entre os distinguidos

A LISTA DESTA ANO FOI CONSTITUÍDA, SOBRETUDO, POR MUITOS DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE E SERVIÇOS QUE FIZERAM PARTE DO MECANISMO DE RESPOSTA AO NOVO CORONAVÍRUS

estão também as equipas que ajudaram a resgatar os residentes de Macau retidos na província de Hubei e no cruzeiro Diamond Princess, no Japão, que receberam o Título Honorífico de Valor. Na mesma categoria, também a equipa de missão de apoio no combate à pandemia em África recebeu uma distinção.

A Medalha de Serviços Comunitários foi atribuída a três figuras que se tornaram conhecidas durante a pandemia: Alvis Lo Iek Long, pneumologista e médico adjunto da Direcção do Centro Hospitalar Conde de São Januário; Lam Chong, chefe do Centro de Prevenção e Controlo de Doença; e Leong Iek Hou, médica do Centro de Doenças Infecciosas.

As Medalhas de Valor, que “pretendem premiar as entidades ou órgãos públicos ou os trabalhadores que mais se distinguiram no desempenho das suas funções pela prestação de serviços de relevo ou pelo contributo activo e entrega abnegada evidenciados em acções em prol da sociedade e do bem comum”, foram para o Centro de Prevenção e Controlo da Doença dos Serviços de Saúde, o Serviço de Pneumologia do Centro Hospitalar Conde de São Januário e o Gabinete de Gestão de Crises do Turismo.

Também o Departamento de Fiscalização Alfandegária dos Postos Fronteiriços dos Serviços de Alfândega, a Equipa de Ambulâncias para Doenças Infecciosas do Corpo de Bombeiros, o Departamento de Controlo Fronteiriço do Corpo de Polícia de Segurança Pública e o Departamento de Informações e Apoio da Polícia Judiciária re-



O antigo Chefe do Executivo Chui Sai On recebeu a Medalha de Honra Grande Lótus

ceberam Medalhas de Valor.

A Medalha de Dedicção foi entregue aos Departamentos de Higiene Ambiental e Licenciamento e de Segurança Alimentar do Instituto para os Assuntos Municipais.

As associações de Indústria Turística de Macau, a das Agências de Turismo e das

Agências de Viagens de Macau foram distinguidas com a medalha de Mérito Turístico. Já no campo da cultura, as medalhas de mérito foram para a Livraria Seng Kwong, Ng Wai Kin e Kuan Kun Cheong, este último conhecido pelas pinturas chinesas de estilo Lingnan e por se ter dedicado ao desen-

volvimento da arte local há 40 anos.

A Medalha de Mérito Industrial e Comercial, por sua vez, foi atribuída à Associação das Empresas Chinesas de Macau e à União das Associações dos Proprietários de Estabelecimentos de Restauração e Bebidas de Macau. 



O médico Zhong Nanshan, especialista em doenças contagiosas, também foi agraciado com a Medalha de Honra Grande Lótus

GRANDE BAÍA

Colaboração da teoria para a prática

O Chefe do Executivo visitou, em Janeiro, oito cidades da Grande Baía, num périplo de quatro dias. O reforço da cooperação em vários sectores da economia e a resposta conjunta aos desafios da pandemia da Covid-19 dominaram os encontros com os líderes das diferentes regiões. Ho Iat Seng aproveitou para promover Macau e agradecer o apoio das cidades aos obstáculos criados pela crise pandémica

A viagem oficial do Chefe do Executivo da RAEM, Ho Iat Seng, às cidades vizinhas a Macau que fazem parte do projecto da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau teve como principal missão “permitir concretizar uma complementaridade de recursos e exploração conjunta do desenvolvimento da Grande Baía”. O líder da RAEM esteve em Shenzhen, Huizhou, Dongguan, Cantão, Foshan, Zhongshan, Jiangmen e Zhaoqing, entre 8 a 11 de Janeiro.

Na comitiva, estiverem personalidades como o secretário para a Economia e Finanças, Lei Wai Nong, e diversos responsáveis, como os directores dos Serviços de Turismo, Helena de Senna Fernandes, e de Economia, Tai Kin Ip, o presidente do Conselho de Administração do Institu-

to de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau, Lau Wai Meng, a coordenadora do Gabinete de Protocolo, Relações Públicas e Assuntos Externos, Lei Ut Mui, e a directora do Gabinete de Comunicação Social, Chan Lou.

CANTÃO

Em Cantão, a prevenção e controlo conjunto da pandemia da pneumonia causada pelo novo tipo de coronavírus voltou a ser tema. Nos encontros oficiais, debateu-se ainda formas de impulsionar conjuntamente a construção da zona de cooperação aprofundada entre Guangdong e Macau na Ilha da Montanha e a participação de Macau no desenvolvimento da Grande Baía.

Durante a visita, os dois lados insistiram na importância de persistir nos trabalhos de prevenção e controlo conjunto contra a pandemia, e no empenho para a recuperação económica e social.

O líder do Governo agradeceu o apoio de Guangdong de prestação de cuidados médicos e no abastecimento de cereais, óleo e outros alimentos. Ho Iat Seng destacou ainda

NA COMITIVA, ESTIVEREM PERSONALIDADES COMO O SECRETÁRIO PARA A ECONOMIA E FINANÇAS, LEI WAI NONG, E DIVERSOS RESPONSÁVEIS DEPARTAMENTAIS



△
Chefe do Executivo, Ho Iat Seng, num encontro com o secretário do Comité Provincial de Guangdong do Partido Comunista Chinês (PCC), Li Xi, em Cantão

que Guangdong foi a primeira província a retomar gradualmente a emissão de vistos individuais de turismo com destino a Macau para residentes do Interior da China e que sempre procurou ajudar na resolução de problemas relacionados com a passagem das fronteiras dos locais, permitindo manter a relação de Macau com o Interior da China.

SHENZHEN

Acompanhado pelo secretário do Comité do Partido Comunista da cidade de Shenzhen, Wang Weizhong, Ho Iat Seng visitou uma empresa local de Internet, a bolsa de valores e o parque de uma empresa local de tecnologias.

Os responsáveis pelas duas cidades consideram que já existe uma cooperação sólida em vários domínios, e que pretendem reforçar relações nas



△
Numa visita à Bolsa de Valores de Shenzhen, acompanhado pelo vice governador, Ai Xuefeng

áreas da inovação tecnológica, da educação e das indústrias culturais e criativas.

Wang Weizhong fez questão de frisar que Shenzhen “quer aproveitar as vantagens de Macau no sentido de promover em conjunto uma cooperação mais concisa nos serviços modernos e na inovação tecnológica, bem como aproveitar o papel de Macau como



Chefe do Executivo, Ho Iat Seng, na chegada à cidade Dongguan, onde visita uma empresa de telecomunicações móveis

plataforma comercial entre a China e os países de língua portuguesa e incrementar o intercâmbio e a integração com os países lusófonos”.

Ho Iat Seng, por sua vez, valorizou as boas relações entre as regiões, que espera ver reforçada em várias áreas. O líder do Governo salientou que Macau está empenhado em desenvolver a indústria da medicina tradicional chinesa e que, no futuro, os medicamentos poderão ser registados na cidade e vendidos para a Grande Baía e outras regiões.

Salientou também que as empresas de Shenzhen que procuram internacionalizar-se, podem aproveitar o papel

de plataforma de Macau para explorar o mercado lusófono. “O governo vai aperfeiçoar de forma constante a sua função de plataforma de serviços para a cooperação empresarial sino-portuguesa. Além disso, espera dinamizar o desenvolvimento do turismo cultural e das indústrias culturais criativas. Shenzhen conseguiu alcançar um desenvolvimento frutífero nestas áreas pelo que espera reforçar a cooperação bilateral.”

HUIZHOU E DONGGUAN

A cooperação, ainda que com tónica noutras áreas, também foi o assunto primordial nos encontros com governantes lo-

cais nas cidades de Dongguan e Huizhou, que o líder do Governo visitou a 10 de Janeiro.

Dongguan foi a primeira, e aqui a indústria, a ciência e as tecnologias inovadoras, a cultura e o ensino foram os campos em destaque. O Chefe do Executivo aproveitou para agradecer o apoio de Dongguan durante a pandemia, em particular no que diz respeito ao abastecimento de recursos, determinante para “manter a estabilidade e a tranquilidade da sociedade”.

Ho Iat Seng reiterou que Macau é uma cidade segura com zero casos activos, mas que a epidemia teve grande impacto e que por isso o go-

verno quer que a diversificação das indústrias locais seja a prioridade no desenvolvimento económico, por exemplo das indústrias ligadas à saúde, finanças e ciências e tecnologias.

O Chefe do Executivo diz estar convicto no aprofundamento da cooperação entre as duas regiões, tendo em conta que Dongguan possui um mercado importante na procura de inovação e tecnologias e Macau tem bastante força no estudo e na investigação - especialmente a Universidade de Macau e a Universidade de Ciência e Tecnologia de Macau - e porque Dongguan tem-se consolidado na área da fabricação e na cadeia de produção.

Huizhou, por sua vez, foi referida como uma das cidades da província de Guangdong “mais avançada no desenvolvimento industrial”. Ho Iat Seng priorizou a cooperação na investigação na medicina tradicional chinesa, nas tecnologias de microelectrónica, na engenharia aeroespacial e no que diz respeito à construção da cidade inteligente. “Macau tem uma elevada capacidade de estudo e investigação, apesar de existirem falta de empresas de produção. Neste sentido, Macau e Huizhou podem complementar-se e aprofundar a cooperação nesta área transformando, em conjunto, os resultados laboratoriais em produtos para serem lançados no mercado”, afirmou.

Já Li Yiwei, secretário do Comité do Partido Comunista da cidade Huizhou, salientou que a cidade procura acelerar o desenvolvimento de novo

material de energia petroquímica, informação digital e saúde, esperando formar uma cadeia de valor industrial, potenciar a aglomeração de vantagens, diminuir os custos de produção das empresas e aumentar a atracção de empresas estrangeiras na criação de linhas de produção.

O responsável acrescentou ainda que espera que as duas regiões cooperem mais a nível técnico, na criação de plataformas para as empresas e instituições conjuntas na indústria da medicina tradicional chinesa, tanto ao nível de recursos humanos como técnicos.

FOSHAN

No dia em que a comitiva esteve na cidade, foi visitar uma empresa de medicina tradicional chinesa para conhecer os procedimentos de fabricação, a tecnologia de mistura e os padrões de controlo de qualidade. A delegação visi-

tou ainda “Lingnan Tiandi” e foi conhecer os bairros antigos revitalizados, fruto do modelo de gestão que integra os factores histórico, cultural, artístico e comercial. Antes do almoço entre o Chefe do Executivo e o sub-secretário, Guo Wenhai, a delegação deslocou-se à base de empreendedorismo para jovens de Foshan, Hong Kong, Macau e Taiwan, para assistirem a uma apresentação sobre empreendedorismo.

Na cidade, o Chefe do Executivo afirmou querer reforçar laços em muitas áreas como o turismo. Ho Iat Seng lembrou que Macau, Chengdu, da província de Sichuan, e Shunde, da cidade Foshan, foram designadas pela UNESCO como “Cidade Criativa de Gastronomia” e que por isso o intercâmbio pode ser reforçado. “Relativamente ao turismo, existe um grande espaço e potencial de cooperação profunda relativamente à revitalização de bairros antigos. Ambas

as partes, podem vir a reforçar a cooperação em promover o desenvolvimento da ciência e tecnologia e na promoção de comércio e atracção de investimento”, acrescentou.

O Chefe do Executivo considerou ainda que os dois territórios devem trabalhar em conjunto no desenvolvimento da indústria da medicina tradicional chinesa, aproveitando que Foshan tem uma fábrica de grânulos para fórmulas de medicina tradicional chinesa com altos padrões de qualidade, eficácia clínica e segurança, e que Macau tem um Laboratório de Referência do Estado na área da Medicina Chinesa e um Parque Científico e Industrial de Medicina Tradicional Chinesa na Ilha de Hengqin.

O sub-secretário do Comité do Partido Comunista da cidade de Foshan, Guo Wenhai, realçou que, embora tenha sido afectada pela pandemia, a economia recuperou bem. O tam-

Chefe do Executivo, Ho Iat Seng, num encontro com o sub-secretário do Comité do Partido Comunista da cidade Foshan e secretário do Comité Municipal de Shunde, Guo Wenhai



Na cidade de Zhongshan, numa visita a uma empresa de produção e comercialização de produtos farmacêuticos



Na cidade de Foshan, numa visita à uma empresa de investigação e produção de medicamentos tradicionais chineses

bém secretário do Comité Municipal de Shunde realçou que a cidade é reconhecida pela manufactura, especialmente electrodomésticos e equipamentos, com um Produto Interno Bruto (PIB) que ultrapassou o bilião de yuans, em 2019. O território, acrescentou Guo, é ainda conhecido pela cultura de Lingnan, as artes marciais, o legado histórico e a tradição do Barco-Dragão.

ZHONGSHAN, JIANGMEN E ZHAOQING

Já em Zhongshan, Jiangmen e Zhaoqing repetiram-se as prioridades: cooperação e desafios criados pela crise pandémica mundial. O turismo, comércio, finanças, educação, cultura e tecnologia foram algumas das áreas em foco para potenciais parcerias.

O responsável de Zhaoqing enfatizou o desenvolvimento da cidade nos últimos anos e as vantagens que oferece à Grande Baía, como a locali-

zação favorável em termos de circulação e trânsito, a história e cultura, o ambiente de negócios e a dimensão geográfica. Sublinhou também que a cidade está empenhada na protecção da qualidade da água do Rio Xijiang, que a atravessa, e que Macau também beneficiará com isso.

Fan Zhongjie realçou ainda que, tendo em conta a vasta área territorial e o baixo custo, Zhaoqing reúne mais-valias em termos de desenvolvimento industrial, e recordou que cerca de dez mil cidadãos da cidade residem em Macau, onde já criaram associações.

O Chefe do Executivo enalteceu as boas condições ambientais de Zhaoqing, determinantes na agricultura, e espera que Macau e Zhaoqing possam reforçar a cooperação nessa área, ao nível do fornecimento de produtos agrícolas, mas também no turismo, cultura, educação e finanças.

Em Jiangmen, onde o líder

do Governo esteve depois de Zhongshan e antes de Zhaoqing, ambos os governantes destacaram o potencial de cooperação

no âmbito do turismo cultural, por exemplo de oferta de serviços e planos de turismo multidestinos, com vista à recuperação do sector.

Ho Iat Seng frisou que a pandemia teve um grande impacto na economia e no turismo, sendo crucial diversificar as indústrias locais. “O Governo está empenhado em aproveitar bem as actuais oportunidades para desenvolver as indústrias da saúde, finanças e ciência e tecnologia. O Chefe do Executivo espera que Jiangmen possa fortalecer ainda mais a cooperação com Macau nestes três domínios, incentivando ainda a participação das empresas dessa cidade nos projectos relacionados”, refere a nota do GCS.

Em Zhongshan, a primeira cidade da rota pela Gran-



◀ Em Zhaoqing, a visitar uma empresa de tecnologia avançada

de Baía, o Chefe do Executivo destacou que, o governo tem investido no desenvolvimento da medicina tradicional chinesa com uma série de políticas, que podem ser favoráveis às empresas de Zhongshan.

No que respeita à cooperação, Ho Iat Seng prometeu promover a implementação de projectos conjuntos no ensino superior, turismo e cultura. “Macau, como uma cidade saudável e segura, pode promover o intercâmbio de pessoas. Os dois territórios vão também regularizar o acordo-quadro de cooperação e definir as prioridades para a cooperação futura”, enfatizou, referindo-se ao facto da região estar livre de casos de Covid-19 há quase um ano, facto que repetiu e realçou em todos os encontros.

Já Lai Zehua, secretário do comité municipal de Zhongshan, afirmou que a cidade tem trabalhado com Macau nos ramos da indústria, tecnologia, cultura e turismo, e

da educação. “Tendo em conta que Macau foi designada uma das quatro cidades principais na construção da Grande Baía, com o papel de motor central, Zhongshan espera fortalecer ainda mais a cooperação bilateral dentro da Grande Baía, especialmente na área da indústria e biofarmacêutica. Além disso, os serviços públicos e a promoção do intercâmbio de pessoas podem ser

a direcção da futura cooperação entre os dois territórios”, apontou o governante.

Antes do encontro, o Chefe do Executivo e a delegação oficial visitaram a base industrial nacional de tecnologia de saúde (*National Health Technology Industrial Base*) e uma empresa de produção e comercialização de produtos farmacêuticos na cidade de Zhongshan. M

Encontro com o secretário do comité municipal de Jiangmen e presidente do Comité Permanente da Assembleia Popular Municipal de Jiangmen, Lin Yingwu





CARMEN AMADO MENDES

“Macau enquanto ligação entre a China e o mundo lusófono é um dos temas a privilegiar”

A nova presidente do Centro Científico e Cultural de Macau (CCCM), em Lisboa, fala de uma nova era. Em entrevista à MACAU, Carmen Amado Mendes afirma que quer evitar que o Centro continue a ser percebido como uma instituição estagnada, opaca e fechada. Assume que o plano para a próxima década é ousado. A académica, cuja carreira tem tido ligações a Macau e à China em geral, defende que há que “combater o desconhecimento profundo que grassa na sociedade portuguesa sobre a cultura estratégica chinesa, que impede qualquer reacção informada à sua abordagem na Europa”. E o centro, vinca, deve dar um contributo relevante

Texto | Catarina Brites Soares
Fotos | Paulo Cordeiro, em Lisboa

Quais os desafios da posição de presidente do Centro Científico e Cultural de Macau, que assumiu há um ano?

Afirmar o papel do CCCM como verdadeiro centro de investigação e documentação em rede e, ao mesmo tempo, dar visibilidade ao Museu. Do ponto de vista interno, reforçar a equipa e disponibilizar o património do CCCM a entidades que contribuam para a sua dinamização.

Que papel tem e pode ter o CCCM em Portugal, para Macau e nas relações sino-lusófonas?

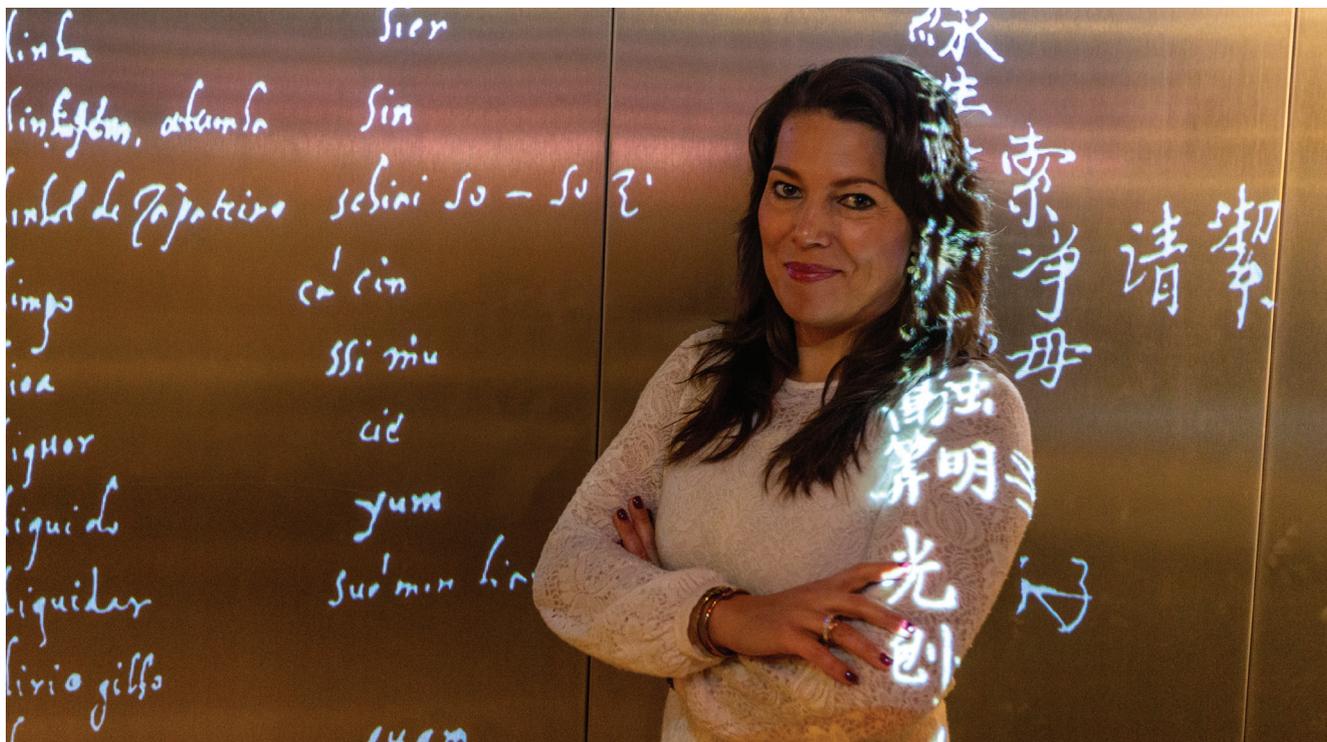
O CCCM é um instrumento privilegiado neste relacionamento, conforme reconhecido no Memorando de Entendimento assinado em finais de 2018 entre o Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior português e o Ministério

da Ciência e Tecnologia da República Popular da China sobre a Promoção das Actividades de Cooperação para a Implementação da Parceria China-Portugal Ciência e Tecnologia 2030. O CCCM é único ao ser um centro de investigação com este mandato do Ministério que o tutela, para se dedicar à investigação da história dos intercâmbios culturais entre Portugal e a China, e entre a Europa e a Ásia, bem como ao desenvolvimento de formas inovadoras que fomentem o entendimento mútuo.

Mencionou na apresentação do plano para a década 2020-2030, que se pretende que o CCCM se posicione como uma referência internacional em estudos euro-asiáticos e interculturais e em actividades científicas e culturais de referência na cooperação e relação Europa-Ásia. De que forma pretende conseguir tendo em conta a competitividade, incluindo na Europa?

O CCCM já tem um estatuto único como um centro de investigação reconhecido internacionalmente no que diz respeito aos cinco longos séculos de história de contactos de Portugal com a China e com a Ásia. Foram muitos anos de inves-

“AO LONGO DOS ANOS, O CENTRO CONSTRUIU UMA DAS MELHORES COLECÇÕES DOCUMENTAIS NA ÁREA E UM MUSEU QUE ALBERGA MUITAS PEÇAS CHINESAS DE GRANDE VALOR NO ESTUDO DA HISTÓRIA DA ARTE E DA VIDA QUOTIDIANA CHINESA DE HÁ CENTENAS DE ANOS”



tigação de elevada qualidade sobre Macau, China e Ásia Oriental, desenvolvida por colaboradores portugueses e estrangeiros, que resultaram em várias publicações importantes. Ao longo dos anos, o Centro construiu uma das melhores colecções documentais na área e um Museu que alberga muitas peças chinesas de grande valor no estudo da história da arte e da vida quotidiana chinesa de há centenas de anos. Com estes alicerces ao nível da investigação, recursos documentais e artefactos históricos, o CCCM vai continuar a trabalhar no campo da história dos intercâmbios tecnológicos e culturais entre a Europa e a Ásia, nomeadamente entre Portugal e a China.

Serão esses os enfoques da investigação?

Os interesses de investigação vão também focar-se nas relações contemporâneas. A investigação em tópicos históricos e da actualidade será desenvolvida em cooperação com entidades académicas chinesas de topo, muitas das quais já formularam propostas de cooperação. Na Europa, o CCCM vai continuar a trabalhar em conjunto com os parceiros em várias redes académicas como a European Association for Chinese Studies, a EastAsiaNet e a European Alliance for Asian Studies, para desenvolver novos rumos de investigação.

E em Portugal?

Em Portugal, a colaboração interinstitucional com universidades, politécnicos e agências governamentais com quem fomos estabelecendo parcerias é essencial para potenciar o estatuto neutro do CCCM. Esse estatuto permite-nos acolher iniciativas comuns e transdisciplinares sem entrar em competição com as instituições de ensino superior. No fundo, isto acontece através da criação de uma rede de estudos asiáticos a partir do CCCM, congregando institutos universitários e culturais, associações e fundações, nacionais e internacionais. Para tudo isto, o apoio da Fundação Jorge Álvares, enquanto principal mecenas do CCCM, vai continuar a ser fundamental.

Há cada vez mais institutos de vários países que apostam na relação e aproximação à Ásia, e especificamente à China. De que forma pode o CCCM diferenciar-se e destacar-se?

O CCCM já é reconhecido como um centro único e importante, que tem dado contribuições consideráveis para o entendimento das relações his-

tóricas entre Portugal e a China e, de forma mais abrangente, entre a Europa e a Ásia. Enquanto outros Estados-membros da União Europeia têm histórias de contacto e comércio com a China ao longo dos séculos, a experiência portuguesa, sendo o país que mais cedo desenvolveu contactos substanciais com a China e o Japão, é de um valor e importância inegáveis. A riqueza dos recursos documentais, que está nas bibliotecas e arquivos portugueses, na história do desenvolvimento dos contactos com a Ásia continua a não ser bem conhecida e amplamente usada. Um projecto novo e inovador está em desenvolvimento no CCCM para tornar o acesso a estes documentos mais disponíveis e estimular uma maior e aprofundada pesquisa neste campo fascinante.

Destacou quatro frentes de aposta: investigação, formação, museu e biblioteca. Começaria pela investigação, âmbito em que anunciou “o reforço do apoio à formação doutoral e investigação em estudos euro-asiáticos”. Pode ser mais específica?

A Fundação para a Ciência e a Tecnologia apoiará a atribuição de cinco a 10 bolsas por ano, destinadas a alunos de doutoramento inscritos em universidades portuguesas que façam teses sobre a Ásia. Um dos temas a privilegiar será o estudo do espólio museológico e documental do CCCM.

Ao nível da documentação e arquivo, com que entidades irá colaborar?

Com as entidades geograficamente mais próximas do CCCM, alargando numa segunda fase a instituições nacionais e depois internacionais. O projecto está no “papel”, ainda não começou a ser desenvolvido, e à medida que começarem os contactos é que a rede de instituições se vai construindo. Em Macau, os primeiros contactos são com a Biblioteca da Universidade de Macau.

Pode dar também exemplos de actividades no âmbito da museologia?

Proceder a uma contínua actualização das exposições temporárias e a uma reorganização da colecção permanente, de modo a abrir novas perspectivas ao público em geral, mas também habitual, do Museu do CCCM. As exposições são essenciais para manter os museus vivos, atrair e fidelizar públicos, pelo que vamos apostar num programa de exposições temporárias regulares, que tornem

acessíveis a um público mais abrangente os resultados da investigação, num retorno à sociedade do investimento feito na produção do conhecimento científico. O estudo das coleções do Museu será apoiado. Além disso, há que disponibilizar a informação, apostando no digital. Estamos também a planear alargar a oferta expositiva, nomeadamente em cooperação com outras instituições, como a Agência Ciência Viva.

E ao nível da oferta que já existe?

Há também a possibilidade de organização de visitas guiadas temáticas para crianças e adultos, em diversos campos das culturas asiáticas e, particularmente, chinesa, por exemplo nas áreas da filosofia, história, religião, arte e ciência; a oferta de oficinas sobre a China para diferentes faixas etárias, como aquela destinada para estudantes da primária que é intitulada “É a falar chinês que a gente se entende” e “A China em caracteres”, para os alunos do secundário. Temos ainda em vista o planeamento de novas oficinas e cursos livres sobre temas ainda pouco explorados, como o ensino do chinês tradicional e do cantonês; cursos de formação em diversas áreas dos estudos asiáticos, como, por exemplo, sobre a língua portuguesa na Ásia, os instrumentos musicais chineses, a tradução chinês-português e chinês para fins turísticos.



PERFIL

Carmen Amado Mendes é professora associada com agregação da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, onde criou o curso “China and the Portuguese-speaking Countries in World Trade”. É doutorada pela School of Oriental and African Studies da Universidade de Londres, mestre pelo Institut des Hautes Études Européennes – Universidade de Estrasburgo, e licenciada pelo Instituto de Ciências Sociais e Políticas – Universidade de Lisboa. É auditora do Instituto da Defesa Nacional e assumiu, em 2020, o cargo de presidente do Centro Científico e Cultural de Macau, em Lisboa. Escreveu *As Negociações de Macau e China’s New Silk Road: An Emerging World Order*.

No que respeita à dinamização das instalações, que resultados espera conseguir?

Com a requalificação e dinamização do CCCM, em articulação estreita com parceiros estratégicos, pretende-se um maior e melhor aproveitamento das instalações e do espaço, bem como um maior dinamismo das entidades envolvidas. No fundo, a criação de um polo vocacionado para as questões asiáticas, mais concretamente no que diz respeito às relações Portugal-China, congregando toda uma massa crítica que, actuando em proximidade e em parceria, possa beneficiar das diferentes valências de cada uma das entidades, fomentando a cooperação e potenciando resultados.

Sobre as relações Portugal/Macau e sino-lusófonas, a tónica assenta por norma na questão económica e comercial. Que importância pode e deve ter a cultura e a investigação na aproximação entre estes territórios e povos?

No mundo globalizado em que vivemos, a dita sociedade de informação, a cultura e a investigação não só são inseparáveis da economia como geram riqueza, não apenas para as instituições que fomentam as ligações, mas sobretudo para os povos que beneficiam delas. Temos um longo caminho a percorrer, por exemplo, no âmbito da formação, e contamos com os países da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa para nos ajudar na caminhada.

No plano de apresentação para a próxima década, refere igualmente que pretende evitar “que o Centro continue a ser percepcionado como uma instituição estagnada, opaca e fechada sobre si mesma”. É frequente esta imagem estar associada a este tipo de entidades, distantes do público, com eventos com pouca adesão e sem grande dinamismo. Como pretende alterar este aspecto?

Trazendo o campo de trabalho da investigação do século XVII e XVIII para o século XX e XXI, colocando o enfoque na actualidade, e investindo nas novas tecnologias para a divulgação e a abertura do Centro ao exterior. Devemos também proceder a uma melhor divulgação do CCCM nos meios de comunicação social, criando espaço de antena.

Realça ainda que “apesar da presença portuguesa em Macau durante quase cinco séculos, Portugal ainda carece de sinólogos com

conhecimento profundo sobre a China, situação muito distinta da realidade de outros países europeus.” Que motivos encontra para esse fosso e como pode o CCCM ajudar a colmatar essa lacuna?

A lacuna que refiro é sobretudo de ignorância. Há uma profunda desorientação e desorganização em Portugal no que se refere aos estudos asiáticos e sinológicos. A sinologia estrangeira, por vezes com bem menos fontes e materiais, obtém muitos melhores resultados mesmo no nosso terreno. Veja o caso de Charles Boxer [historiador inglês, nascido em 1904 em Inglaterra, considerado um dos mais importantes historiadores estrangeiros que se debruçaram sobre os Descobrimientos portugueses]. É preciso mudar as mentalidades e vocacioná-las para um discurso descomplexado. O “pouco” que temos tem um enorme valor, muitas vezes está mal estudado ou até se desconhece a sua existência. É essencial implementarmos parcerias com a academia e acolher projectos de investigação que promovam de facto o trabalho em equipa e permitam dar projecção nacional aos estudos nesta área.

Ainda sobre o tema, também sublinha que pretende que o CCCM ajude a projectar Portugal na China. Como?

Como parte da cooperação com parceiros académicos chineses na investigação e discussão, o CCCM vai organizar em conjunto *workshops* e conferências em Portugal e na China. Estes eventos vão ajudar a aumentar o entendimento mútuo entre os dois países e dar a possibilidade a investigadores portugueses de visitar a China e de chineses virem a Portugal. Ao aumentar os contactos entre os dois países em várias áreas académicas, o CCCM vai contribuir para promover um melhor diálogo e entendimento comum. Além disso, nas suas instalações em Lisboa, o CCCM vai organizar eventos e exposições no Museu que vão mostrar artefactos únicos e raros, que irão atrair visitantes nacionais e internacionais, incluindo chineses.

A China, também através de Macau, tem-se focado na lusofonia. De que forma pode o CCCM beneficiar com a aposta?

O CCCM está disponível para colaborar com as iniciativas desenvolvidas neste âmbito, quer por Lisboa quer por Macau. O papel de Macau enquanto plataforma de ligação entre a China e o



“HÁ UMA PROFUNDA DESORIENTAÇÃO E DESORGANIZAÇÃO EM PORTUGAL NO QUE SE REFERE AOS ESTUDOS ASIÁTICOS E SINOLÓGICOS. A SINOLOGIA ESTRANGEIRA, POR VEZES COM BEM MENOS FONTES E MATERIAIS, OBTÉM MUITOS MELHORES RESULTADOS MESMO NO NOSSO TERRENO”

mundo lusófono é um dos temas de investigação a privilegiar no CCCM e em breve esperamos oferecer formação nesse âmbito.

É-lhe conhecido o percurso dedicado à China e a Macau. Como surgiu esse interesse e de que forma a mudou?

Quando era estudante, comecei a dedicar os trabalhos de investigação a Macau por um mero acaso. O meu tio ia com frequência dar aulas à Universidade de Macau e trazia-me bibliografia interessantíssima numa altura em que não havia Internet e as consequentes facilidades de pesquisa. Depois de uma dissertação de mestrado, tese de doutoramento e investigação de pós-doutoramento dedicadas ao tema, já não fazia muito sentido mudar de área a nível profissional. Quer quando trabalhei na área empresarial quer na academia, fui mantendo o foco na China e em Macau, e tornou-se, de facto, uma paixão. Ao nível de personalidade isso fez de mim quem sou, não só porque uma carreira tão absorvente não se consegue dissociar da vida pessoal, mas também porque passar tanto tempo na China e em Macau me faz olhar para o mundo com outros olhos, principalmente quando estou em Portugal. M



MOÇAMBIQUE

Televisão via satélite chega a 20 mil famílias rurais

Mais de 20 mil famílias residentes nas zonas rurais de Moçambique já têm acesso à televisão digital por satélite, fruto do projecto “Acesso à TV via satélite para 10 mil aldeias africanas”, uma iniciativa do Governo chinês no âmbito da amizade e cooperação com os povos africanos

Texto | Dalton Siteo
Fotos | Salvador Sigaúque

Tudo começou quando o Presidente chinês Xi Jinping se reuniu, em Dezembro de 2015, com presidentes dos países africanos no Fórum de Cooperação China-África (FOCAC), realizado na África do Sul. Naquele evento, Xi Jinping anunciou 10 projectos para elevar o nível de cooperação entre a China e o continente africano. Um desses compromissos é a emancipação das famílias rurais africanas, dando-lhes acesso a informação de qualidade.

Em Moçambique, um dos países beneficiários do projecto de televisão digital via satélite, a implementação da iniciativa começou em 2018. Numa primeira fase, entre Abril e Setembro de 2018, foram abrangidas 500 aldeias; na segunda etapa, cuja execução decorreu de Outubro de 2019 a Maio de 2020, foram beneficiadas outras 500 aldeias. A implementação técnica do projecto esteve a cargo da empresa chinesa Startimes.

O gestor operacional da Startimes e supervisor da equipa técnica do projecto naquele país africano, Dário Cossa, explicou que após a concepção da iniciativa houve necessidade de produzir os equipamentos com as especificidades do plano. Justificou também que acabou por se escolher a Startimes como braço tecnológico da iniciativa porque, já na altura, era a operadora de televisão digital chinesa com forte presença em África, tendo iniciado a sua actividade em 2007/2008, no Ruanda.

Com o financiamento do



△ O projecto de cooperação China-África que visa reduzir a exclusão digital nas áreas rurais africanas, dando às aldeias acesso à televisão digital

AS ALDEIAS A SEREM CONTEMPLADAS FORAM SELECIONADAS PELAS AUTORIDADES MOÇAMBICANAS, TENDO EM CONTA CRITÉRIO PREVIAMENTE DEFINIDOS, COMO POSSUIR UM MÍNIMO DE 150 FAMÍLIAS RESIDENTES NA ALDEIA E TER ENERGIA ELÉCTRICA

Governo chinês, a Startimes produziu descodificadores, antenas parabólicas, projectores, painéis solares e televisores de 32 polegadas com descodificadores embutidos.

Os descodificadores e as antenas parabólicas foram entregues a 20 famílias em cada aldeia seleccionada; o televisor de 32 polegadas com descodificador embutido e acompanhado de um painel solar foi alocado em cada administração da vila beneficiária; e os projectores com colunas *bluetooth* foram oferecidos aos centros de saúde e escolas das aldeias.

Quem fez a lista das aldeias beneficiárias foi o Governo moçambicano. Para a selecção da comunidade rural, o requisito era ter acesso à energia e ter três instituições públicas como escola, hospital e a sede da administração responsável pela localidade. Por seu turno, as 20 famílias eram escolhidas pelo chefe da localida-

de, porém a família escolhida tinha de ter televisor e corrente eléctrica para receber o kit.

“Numa localidade vivem muitas famílias e tínhamos de dar a 20 casas apenas. O chefe local é que era a pessoa indicada para apontar, segundo o que lhe convier, quem pode receber. Desde que preenchessem os requisitos exigidos estava tudo bem”, sustentou Cossa. “Quando estamos a implementar algo do género em Moçambique, é preciso considerar que existem regras do projecto e há questões tradicionais do próprio país. Não há regra sem excepção, houve um e outro caso em que o chefe local apontava uma pessoa que não preenchia na íntegra os requisitos. E tínhamos de dar. Quem encontra tais casos precisa entender que se trata de alguém muito relevante naquele meio e que se você lhe exclui, vai ser difícil trabalhar nessa localidade. Contam-se a dedo esses casos, e tem mesmo a ver com questões tradicionais”, acrescentou o supervisor do projecto.

O equipamento instalado nos locais públicos (escolas, centros de saúde e administração) permite que todos possam assistir aos programas de televisão gratuitamente. As 20 famílias beneficiadas tiveram acesso gratuito aos canais nacionais e internacionais no primeiro mês, e criou-se um pacote especial de baixo custo, de 180 meticais por mês (cerca de um avo de pataca), para os meses subsequentes. Contudo, quando as famílias não têm condições financeiras para pagar, fica com acesso a um grupo essencial de canais nacio-



Dário Cossa, supervisor em Moçambique da equipa técnica da StarTimes

nais. As famílias que quiserem podem ainda assinar pacotes superiores que a operadora oferece.

“Nos locais públicos, como escolas, centros de saúde ou hospitais, bem como na administração da localidade, a ideia é garantir que não tenham despesas por conta desta iniciativa. Por isso, o televisor de 32 polegadas e o projector vão acompanhados de painel solar. Os decodificadores embutidos estão programados para não serem recarregados. Há um grupo de canais que se avaliou como essenciais para estes lugares e o acesso é facultado gratuitamente. Assim, assegura-se que há disciplina no uso”, esclareceu Dário Cossa.

Houve casos em que uma e outra aldeia não tinha as três instituições, nessas situações seleccionava-se uma outra instituição pública. “Entendemos que não é justo reprová-las a zona e 20 famílias não serem beneficiadas porque falta

uma das três instituições públicas previstas na regra. Se uma localidade não tem escola, por exemplo, dávamos ao posto policial. O nosso esforço era não reprová-las aldeias, mas houve algumas que tivemos de trocar porque de facto não reuniam condições”, subidiu o supervisor.

Além de instalar os *kits* nas casas, no âmbito do projecto, foram formados técnicos nas zonas rurais abrangidas para darem assistência aos beneficiários. Dário Cossa revelou que todo o movimento da iniciativa impactou pela positiva os técnicos da Startimes. “Lidar com a população rural foi uma experiência única, porque grande parte dos técnicos vive na cidade. Sempre que chegámos na localidade, fomos bem recebidos, porque estávamos a levar algo novo para eles. Até questionaram porque é que só 20 famílias por aldeia teriam direito ao kit. Mais do que essa vontade, mexeu connosco ver que a po-

pulação rural despertou e começou a acreditar que é possível ter televisão digital via satélite”, declarou Cossa.

FAMÍLIAS BENEFICIADAS MANIFESTAM GRATIDÃO

A equipa de reportagem da MACAU visitou duas comunidades rurais beneficiárias do projecto “Acesso à TV via satélite para 10 mil aldeias africanas”, nomeadamente, a aldeia do Mulotana e do Mahubo, ambas no município de Boane, na província de Maputo.

Salvador Langa, de 84 anos de idade, vive sozinho em Mulotana. É camponês e cultiva milho, feijão e amendoim. Ficou satisfeito por ter sido abrangido pelo projecto, porque veio dar-lhe opções para fazer alguma coisa depois das suas actividades agrícolas. “Quem criou este projecto está de parabéns. É um bom projecto. Eu gostei. É importante agora que aumente a abrangência, para que os outros irmãos também possam ter”, pediu.

Carla Fabião reside em Mulotana com o marido e os três filhos. Ela conta que recebeu de bom grado a televisão por satélite, pois antes assistia a canais utilizando a “antena normal,” que lhe dava acesso apenas a canais nacionais com uma fraca qualidade de imagem e agora os seus filhos têm mais opções de canais para assistir, principalmente os ligados à programação infantil.

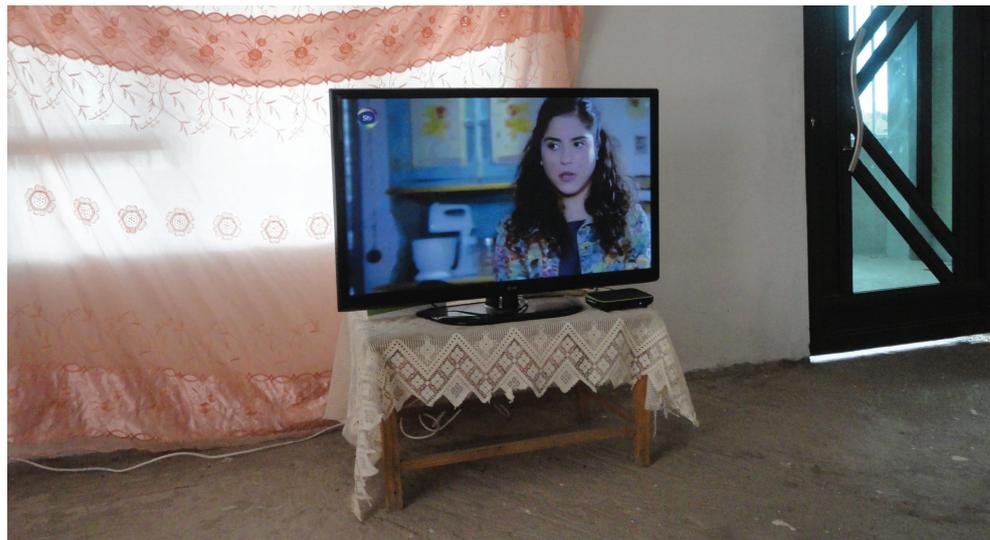
A televisão por satélite fez ainda nascer novas preferências de entretenimento em Mulotana. Lizete Pelembe, por exemplo, confessa já estar “apaixonada” pelos filmes chi-

NUMA PRIMEIRA FASE, EM 2018, FORAM ABRANGIDAS 500 ALDEIAS; NA SEGUNDA ETAPA, CUJA EXECUÇÃO DECORREU DE OUTUBRO DE 2019 A MAIO DE 2020, FORAM BENEFICIADAS OUTRAS 500 ALDEIAS MOÇAMBICANAS

neses. Na casa de Augusto Matola também surgiram novas preferências. Aliás, a sua mulher, Adelaide, revelou que agora já estão a pagar pacotes superiores para ter acesso à uma maior diversidade de canais para o casal e os seis filhos. Para além de canais que já viam com a “antena normal”, agora passaram a assistir telenovelas mexicanas.

Em Mahubo, onde a televisão por satélite chegou ainda em 2018, a MACAU visitou três instituições públicas: a Escola Secundária Eduardo Mondlane, o Centro de Saúde de Mahubo e a Secretaria da Localidade de Mahubo. O director da Escola Secundária, Paulino Guambe, disse que a iniciativa veio responder a uma necessidade da escola. “Já estávamos a precisar de uma televisão para acompanhar o que está a acontecer dentro e fora do país. Antes da Covid-19, o projector era colocado na biblioteca e ficava a disposição de todos. Algumas vezes projectávamos no pátio da escola e muita gente de Mahubo vinha cá assistir. Aconteceu muito no período dos jogos do Mundial de Futebol de 2018. O melhor de tudo é que, mesmo quando a energia eléctrica falha, podemos assistir porque temos o painel solar”, enalteceu Guambe.

António Gumende, responsável pelo Centro de Saúde de Mahubo, comentou que a iniciativa é útil para a unidade sanitária que dirige, porque através do projector os pacientes internados e os funcionários têm a possibilidade de assistir a algo enquanto estiverem na unidade sanitária, fora o facto



Na casa da família Matola, a televisão da família recebeu descodificador e antena parabólica

de a comunidade, também, ter acesso quando quer.

Entretanto, nem tudo é um “mar de rosas”. O grande desafio da iniciativa tem a ver com a manutenção, porque os técnicos formados nas localidades, por inúmeras razões, não estão a dar seguimento ao trabalho para qual foram capacitados. Depois de um dia de vento forte ou por alguma necessidade de assistência na reconfiguração, alguns beneficiários acabam ficando sem utilizar a televisão via satélite.

No Centro de Saúde e na Secretaria da Localidade de Mahubo não estão a utilizar, porque o vento forte danificou o painel solar, no caso da unidade sanitária, e na Secretaria provocou o movimento da antena, causando a perda de sinal. Como os técnicos formados em Mahubo para garantir a manutenção e assistência na localidade já não estão disponíveis, as instituições têm de esperar os técnicos da sede da Startimes, que estão baseados

numa cidade distante do local.

Dário Cossa reconhece que a manutenção é um dos “calcanhares de Aquiles” da iniciativa. Porém, assegura que uma vez que os técnicos locais estejam indisponíveis tem de ser feita visitas às localidades beneficiadas de um modo faseado. Aliás, o responsável pelo Centro de Saúde de Mahubo revelou que dias antes da ida da MACAU à localidade tinha passado por lá um técnico enviado da sede da Startimes, a fim de verificar o problema do painel solar para depois enviar a solução. **M**

O EQUIPAMENTO INSTALADO NOS LOCAIS PÚBLICOS (ESCOLAS, CENTROS DE SAÚDE E ADMINISTRAÇÃO) PERMITE QUE TODOS POSSAM ASSISTIR AOS PROGRAMAS DE TELEVISÃO GRATUITAMENTE. AS 20 FAMÍLIAS BENEFICIADAS EM CADA ALDEIA TÊM ACESSO A UM VASTO PACOTE DE CANAIS A UM VALOR SIMBÓLICO



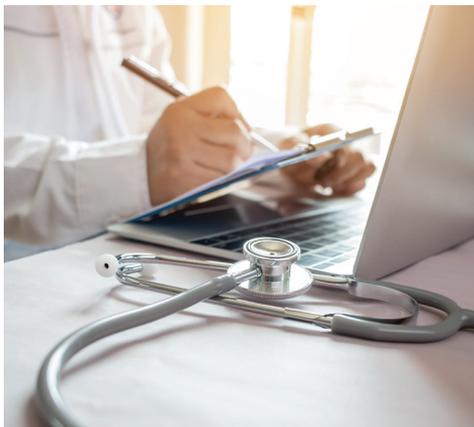
O Centro de Saúde de Mahubo recebeu um projector



China doa alimentos à Guiné-Bissau • A China ofereceu, em Janeiro, 2600 toneladas de apoio alimentar de emergência à Guiné-Bissau, visando ajudar o país a combater uma crise alimentar interna causada pelos impactos negativos da pandemia da Covid-19, revelou o embaixador da República Popular da China na nação africana, Guo Ce. O anúncio foi feito num artigo de opinião publicado no final de Dezembro no jornal *China Daily*, focado nas perspectivas para a cooperação entre os dois países em 2021. Segundo o diplomata chinês, a China está disponível para trabalhar com a Guiné-Bissau de forma a expandir a cooperação bilateral. O lado chinês está aberto a projectos que sejam benéficos para o desenvolvimento social e económico do país africano, ou que possam aprofundar as relações bilaterais entre as duas nações, escreveu o embaixador. Guo Ce acrescentou que os dois países estão a trabalhar em conjunto no que toca ao segmento da Guiné-Bissau de uma autoestrada costeira transcontinental que visa ligar diversas nações da África Ocidental.

Equipas médicas chinesas a caminho de países lusófonos

• A China está a ultimar os preparativos para o envio de novas missões médicas a Moçambique, Cabo Verde e Guiné-Bissau. Um total de 35 elementos irá integrar as missões médicas, após terem recentemente completado uma formação de cinco meses. A organização das equipas médicas está sob a alçada da Comissão Nacional de Saúde, que contou com a colaboração do Governo Popular da Província de Sichuan. O subdiretor-geral da Comissão de Saúde e Planeamento Familiar da Província de Sichuan, Zeng Huajun, disse que o envio regular de missões médicas para outros países coloca a China numa posição única a nível internacional, sendo um elemento importante da estratégia diplomática chinesa. Esta será a 23.^a vez que Sichuan vai enviar uma equipa médica a Moçambique, a 19.^a que tal acontece em relação a Cabo Verde, e a 18.^a no caso da Guiné-Bissau.



Economias chinesa e portuguesa fortemente complementares, diz diplomata

• A forte complementaridade entre as economias da China e de Portugal pode gerar novas perspectivas de cooperação, diz Xu Zhida, encarregado de Negócios da Embaixada da República Popular da China em Lisboa. O comentário foi feito num artigo de opinião no jornal português *Público*, divulgado em finais de Dezembro. No texto, o diplomata discute como o desenvolvimento da China pode criar novas oportunidades de cooperação entre a China e Portugal e entre a China e a Europa. Xu Zhida sublinha que a China pretende acelerar o desenvolvimento das indústrias de novas energias e protecção ambiental, o que coincide com os objectivos do Governo português de colocar as transições digital e climática como prioridades.



China fornece mais de um terço das matérias-primas farmacêuticas adquiridas pelo Brasil

• Cerca de 35 por cento das matérias-primas para uso farmacêutico importadas pelo Brasil são fornecidas pela China, apenas atrás da Índia, que representa 37 por cento destas importações. Segundo dados da Associação Brasileira da Indústria de Insumos Farmacêuticos (Abifiqi) e da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) do Brasil, 95 por cento das matérias-primas utilizadas pela indústria farmacêutica no Brasil são importadas. A China é hoje um importante parceiro da indústria farmacêutica do Brasil, uma posição que tem vindo a ser consolidada nos últimos 20 anos.





Timor-Leste espera atrair mais investimento chinês

• Timor-Leste espera atrair mais investimento de empresas chinesas para projectos nas áreas das infra-estruturas, turismo e pescas, essenciais para o desenvolvimento económico do arquipélago, segundo o embaixador de Timor-Leste em Pequim, Abrão dos Santos. A afirmação foi feita durante uma reunião, em Dezembro, com Zhang Yi, presidente da Fundação para o Desenvolvimento Económico e Comercial Amigável China-África. De acordo com uma nota da fundação, o embaixador de Timor-Leste acrescentou que o seu país está pronto para acolher a visita de delegações de empresários chineses organizadas pela fundação. Abrão dos Santos sublinhou que esse tipo de actividades terá todo o apoio da Embaixada de Timor-Leste em Pequim. Zhang Yi referiu durante a reunião que a fundação pretende desempenhar o papel de plataforma entre os dois países, visando promover o desenvolvimento económico e comercial mútuo, e estimulando a integração de recursos entre empresas de ambos os lados.

Associação de Jovens Empresários Portugal-China organiza Feira de Negócios

• A Associação de Jovens Empresários Portugal-China (AJEPC) organizou, em Novembro do ano passado, a quarta edição da Feira Internacional de Negócios (FIN), este ano em formato virtual. Un I Wong, vice-presidente da Assembleia Geral da AJEPC, diz que o evento pode ajudar empresários que pretendem conhecer a melhor forma de explorar os mercados de Portugal ou da China. Entre os oradores da feira estiveram o presidente do Banco da China (Luxemburgo) S.A. – Sucursal de Lisboa, Xiao Qi; o director regional para a Europa do Conselho de Desenvolvimento Comercial de Hong Kong, William Chui; e a vice-presidente do sub-Conselho de Pequim do Conselho para a Promoção do Comércio Internacional da China, Lin Bin. A FIN faz parte do projecto da AJEPC “3 Eventos, 3 Continentes em Português”, que pretende realizar eventos de *networking* em três continentes todos os anos, incluindo em Macau.

Politécnico de Macau cria centro de exames chinês-português

• O Instituto Politécnico de Macau (IPM) vai estabelecer o primeiro centro de realização de exames nacionais de qualificação profissional para a área da tradução chinês-português em Macau e Hong Kong, com habilitação internacional. O anúncio foi feito pela secretária para os Assuntos Sociais e Cultura de Macau, Elsie Ao Ieong U, no debate sectorial das Linhas de Acção Governativa para 2021, na Assembleia Legislativa, em Dezembro. Elsie Ao Ieong U prometeu ainda reforçar a promoção da língua portuguesa e a formação de quadros qualificados para incrementar a cooperação entre Macau, as cidades da região da Grande Baía e os países de língua portuguesa.



Exportações de Macau para países lusófonos disparam

• Macau exportou mercadorias no valor de 10,5 milhões de patacas (US\$1,3 milhões) para os países de língua portuguesa nos primeiros 10 meses de 2020, oito vezes mais do que em igual período do ano passado. Segundo dados da Direcção dos Serviços de Estatística e Censos de Macau, a esmagadora maioria (mais de 10,2 milhões de patacas) correspondeu à exportação de produtos ‘Made in Macau’. Portugal foi o principal destino lusófono para as exportações de Macau, recebendo mercadorias no valor global de 9 milhões de patacas, seguido do Brasil, com 1,3 milhões de patacas. Por outro lado, o Brasil foi o principal fornecedor lusófono de Macau, enviando mercadorias no valor total de 361,1 milhões de patacas nos primeiros 10 meses do ano passado.



Lisboa acolhe conferência sobre PME chinesas na Europa

• Realizou-se em Dezembro, em Lisboa, uma conferência sobre pequenas e médias empresas (PME) chinesas a actuar na Europa. O evento contou com a participação de vários representantes de PME chinesas, portuguesas e do resto da Europa, de acordo com a Xinhua. Segundo a agência oficial chinesa de notícias, a conferência – realizada em formato *online* – foi co-organizada pela Câmara de Comércio Portugal-China PME (CCPC-PME) e pelo Banco Bison, de capitais chineses e com sede em Portugal. Os participantes discutiram o desenvolvimento e o contributo das PME chinesas na Europa, bem como a situação actual destas empresas no contexto da pandemia da Covid-19. Chow Y Ping, presidente e fundador da CCPC-PME, afirmou durante a conferência que o organismo pretende criar um fundo de investimento para apoiar o desenvolvimento das PME. A CCPC-PME irá também trabalhar com outras câmaras de comércio e universidades em Portugal para desenvolver uma plataforma de intercâmbio de informação entre PME chinesas em Portugal, noutros países europeus e na China, acrescentou o mesmo responsável.



Macau quer ajudar medicina chinesa a entrar nos mercados lusófonos • A semelhança entre os sistemas jurídicos em vigor em Macau e nos países de língua portuguesa pode ajudar a cidade a tornar-se uma base para a entrada da indústria da medicina tradicional chinesa nos mercados lusófonos. A garantia foi dada pelo Chefe do Executivo, Ho Iat Seng, durante um encontro com o presidente da Aliança de Organizações Científicas Internacionais, Bai Chunli, em Dezembro. A pandemia da Covid-19 teve um grande impacto na economia de Macau e tornou evidente a necessidade de promover a diversificação moderada da economia, com a medicina tradicional chinesa como uma das prioridades, acrescentou o governante. Bai Chunli, que é também presidente da Academia de Ciências da China, disse esperar que esta visita resulte num impulso à cooperação entre Macau e o Interior da China na investigação científica, inclusive na área da medicina tradicional chinesa.

Feira de Produtos de Marca da Província de Guangdong promove artigos lusófonos

• Produtos dos Países de Língua Portuguesa estiveram entre os artigos em exposição durante a Feira de Produtos de Marca da Província de Guangdong e Macau 2020, que aconteceu em meados de Dezembro, sob a organização do Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau e pelos Serviços do Comércio da Província de Guangdong. A edição de 2020 incluiu a Zona de Exposição de Gastronomia Guangdong-Macau, com uma área superior a mil metros quadrados, onde foi possível conhecer as gastronomias de Portugal, Tailândia, Indonésia e da Província de Guangdong. O evento, com uma área de 9000 metros quadrados, contou com cerca de 400 *stands* de exposição e a participação de 340 expositores. Na sua 12.^a edição, a feira visa potenciar o papel de Macau como ponte de ligação no âmbito da iniciativa “Uma Faixa, Uma Rota”, demonstrando as vantagens da cidade enquanto plataforma entre a China e os países de língua portuguesa.



Congresso assinala os 60 anos do ensino da língua portuguesa na China

• Um congresso organizado pelo Instituto Politécnico de Macau (IPM) para celebrar os 60 anos do ensino de português no Interior da China atraiu mais de 800 pessoas. O evento, que teve lugar entre 23 de Novembro e 3 de Dezembro, foi organizado em formato online. Especialistas e investigadores de diversas instituições de ensino superior chinesas e internacionais, tradutores de obras literárias e autores de manuais didácticos participaram no congresso “Português na China: Seis décadas no Ensino Superior”, organizado pelo Centro Pedagógico e Científico da Língua Portuguesa do IPM. O evento contou com participantes de Macau, Interior do País, Portugal, Brasil, Estados Unidos, Reino Unido, Espanha, Rússia e Hungria, entre outros países e regiões. O congresso procurou também “consolidar o papel de Macau na construção do Centro Internacional Português de Formação e da Base de Formação de Quadros Bilingues em Chinês e Português”, sublinhou o IPM.



Guangdong Polytechnic of Science and Technology organiza seminário sobre ensino do português

• O Guangdong Polytechnic of Science and Technology organizou em finais de Dezembro um seminário sobre a formação de profissionais fluentes em língua portuguesa. O evento teve como objectivo promover o desenvolvimento do programa de ensino de português da instituição de ensino. Durante o seminário, Zhu Xiaoping, vice-presidente do Guangdong Polytechnic of Science and Technology, explicou que a instituição de ensino estabeleceu um programa de português visando apoiar o posicionamento de Macau enquanto plataforma de cooperação económica e comercial entre a China e os países de língua portuguesa e base de formação de quadros qualificados bilingues em chinês e português. A instituição de ensino pretende reforçar a cooperação com empresas a operar em Macau e nos países de língua portuguesa, de forma a oferecer oportunidades de estágio aos seus estudantes, visando aumentar a sua competitividade. O programa de português da instituição de ensino inclui, para além do ensino da língua, um foco sobre a história, cultura e sociedade dos países de língua portuguesa.



Centros agrícolas chineses dão formação a agricultores moçambicanos

• Os centros chineses de demonstração de tecnologia agrícola instalados em Moçambique, nomeadamente nas províncias de Maputo, Gaza e Sofala, ajudaram já a formar mais de 3000 agricultores no país africano, de acordo com o *Diário do Povo*. Segundo a notícia do jornal estatal chinês, publicada em Dezembro, especialistas chineses ajudaram a testar mais de 80 tipos de cultura em Moçambique, incluindo arroz, milho, algodão, soja e sésamo. De acordo com o Conselho Chinês para a Promoção do Comércio Internacional (CCPIT), os centros estabelecidos em Moçambique tinham sido incluídos pelo Ministério da Agricultura da República Popular da China no primeiro lote de centros internacionais de demonstração agrícola promovidos pelo país no exterior, numa iniciativa que beneficiou 10 nações parceiras. O investimento nos centros em Moçambique atingiu 418 milhões de yuans (US\$63,8 milhões), incluindo 151 milhões de yuans para o desenvolvimento de infra-estruturas de apoio.



Fórum em Macau termina com acordo para habitação social em Moçambique

• Um contrato para a construção de habitação social em Moçambique foi um dos 12 acordos, com um valor total de US\$4,7 mil milhões, assinados em Dezembro, durante o 11.º Fórum Internacional sobre o Investimento e Construção de Infra-estruturas (IIICF, na sigla inglesa), que decorreu em Macau. O presidente da Associação dos Construtores Cívicos Internacionais da China, Fang Qiuchen, sublinhou que mais de mil representantes vindos de 42 países e regiões, incluindo 14 representantes diplomáticos de países de língua portuguesa, participaram na última edição do IIICF. Segundo um comunicado do Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau (IPIM), o presidente do IPIM, Lau Wai Meng, disse que as oportunidades para cooperação em infra-estruturas entre a China e os países de língua portuguesa foram abordadas em três eventos: o 6.º Fórum para a Cooperação em Infra-estruturas entre a China e a América Latina; o fórum paralelo “Reforço da Cooperação China-Europa para o Desenvolvimento Sustentável de Infra-estruturas em África”; e o Seminário de Promoção do Investimento em Países de Língua Portuguesa.



O signo da positividade

O Búfalo é o símbolo da tranquilidade, da benevolência, da força e da gentileza. Em toda a China, bem como no leste asiático, os mamíferos da família dos bóvidos como o búfalo de água, o boi, a vaca, o yak, assim como os parentes asiáticos menores, são venerados na literatura, nas artes e em festas populares como um dos auxiliares mais valiosos dos seres humanos

Como afirmou Mircea Eliade, o mito reenvia-nos para “o tempo fabuloso dos começos” (*Aspects du mythe*, 1963). O mito é a irrupção do sagrado, o centro do mundo, que representa uma ruptura no espaço profano. E ao contrário do tempo secular/profano, que é linear e irreversível, o tempo sagrado é circular, reversível e recuperável, manifestando-se ao lado da existência comum, enquanto a precede como uma realidade mítica e eterna (Boskovic, 2006). Mas como também afirmou Lévi-Strauss (*Mythologiques II*, 1966), “a terra dos mitos é circular”, isto é, há uma parentalidade dos mitos ou, se quisermos, uma transversalidade naquilo que parece ser humanamente comum no pensamento mítico que é,



afinal, a partida à procura da origem humana e da origem do mundo – razão pela qual se nos afigura interessante estabelecer um confronto entre os mitos, grande parte deles convergentes, entre as mitologias a Oriente e a Ocidente.

Na mitologia chinesa, o Búfalo/ Boi é o segundo símbolo animal no sistema de 12 animais zodiacais chineses. Os astrólogos chineses utilizam o carácter Chōu 丑 para re-

presentar o símbolo do Búfalo nos 12 ramos terrestres¹. Chōu é um símbolo para o período do dia entre a 1h00 e as 02h59 e também para o 12.º mês no calendário lunar-solar chinês (Calendário do Agricultor), que é aproximadamente o período que vai de 6 de janeiro a 4 de fevereiro no calendário solar gregoriano. Chōu representa a hora mais escura do dia e o mês mais frio do ano (Blok, 2000. *I Ching*). É o período em



que a energia *yang* (o princípio masculino do cosmos associado ao céu, ao calor e à luz) está muito activa a preparar o novo ciclo de vida que se aproxima. O hexagrama Lín ䷒ do *Livro das Mutações (Yijing)* é utilizado também para simbolizar o Búfalo/Boi.

No *Livro das Mutações*, o hexagrama Kun 坤, o Receptivo/ o Puro *yin*, a terra que sustenta todas as coisas, associa-se também ao Búfa-

**NA MITOLOGIA CHINESA,
O BÚFALO É O SEGUNDO
SÍMBOLO ANIMAL NO SISTEMA
DE 12 ANIMAIS
ZODIACAIS CHINESES**

lo/ Boi que nos convida à calma e à tranquilidade e a usar este lugar e momento como fonte de força (Blok, 2000.op. cit.). Como uma onda rolando de volta para o mar, a sua origem focaliza-se atraindo novas energias, estando também associado aos 10 desenhos de pastoreio de búfalos simbolizando o eu inferior que se tornou branco, o que significa que é flexível, gentil e que pode armazenar todas as coisas como

uma mãe gentil (e cujo tópico apresentaremos adiante).

UM GRANDE ALIADO DOS HUMANOS

É universalmente consensual, tanto na civilização chinesa e no leste asiático como no mun-

1- Os 12 ramos celestes são forças cósmicas que, segundo a astrologia chinesa, são doze qualidades/padrões arquetípicos do Tempo, que são representados pelas características de 12 animais.

do ocidental, que o Búfalo (ou Boi, no Ocidente) é o símbolo da tranquilidade, da benevolência, da força e da gentileza. Em toda a China, bem como no leste asiático, os mamíferos da família dos bovídeos como o búfalo de água, o boi, a vaca, o *yak*, assim como os parentes asiáticos menores, são venerados na literatura, nas artes e em festas populares como um dos auxiliares mais valiosos dos seres humanos.

Explicámos no nosso artigo publicado na MACAU, IV série, n.º 13, em Dezembro de 2008, intitulado “O Ano do Búfalo” a razão da nossa preferência pela utilização do Búfalo de Água na representação deste signo zodiacal chinês. Resumidamente, dissemos que o carácter chinês 牛 (*niú*) é indistintamente utilizado na língua chinesa para designar a maior parte dos membros da subfamília dos bovídeos, mas também que havia razões históricas e culturais chinesas que nos levavam a acreditar que a escolha do animal que melhor representa o signo lunar chinês, e que no corrente ano do calendário gregoriano se inicia a 12 de Fevereiro, é o búfalo de água que, de resto, é adoptado também no ciclo zodiacal vietnamita.

A própria representação iconográfica do signo zodiacal em questão tanto na China, como no Japão, na Coreia, na Tailândia ou no Camboja, excluindo o Vietname em que é inequivocamente um búfalo, aproxima-se mais da configuração de um búfalo do que de um boi, de um touro ou de uma vaca. Assim, tal como na edição do belo álbum de selos dos 12 sig-

nos do zodíaco chinês da Divisão de Filatelia dos CTT de Macau de 2008, que apresentou o selo do ano de 1997 como do Ano do Búfalo, também parece fazer mais sentido privilegiar a imagem ainda hoje recorrente na China e em muitas zonas rurais do Sudeste asiático do búfalo de água imerso tranquila e pacientemente nos campos de cultivo, designadamente de arroz.

Na China a figura do Búfalo de Água é recorrente nas várias tradições populares, bem como nas tradições taoista e budista. No taoísmo, o exemplo mais conhecido refere-se à representação de mestre Laozi montando um búfalo de água,

**É UNIVERSALMENTE
CONSENSUAL, TANTO NA
CIVILIZAÇÃO CHINESA E NO
LESTE ASIÁTICO COMO NO
MUNDO OCIDENTAL, QUE
O BÚFALO É O SÍMBOLO
DA TRANQUILIDADE, DA
BENEVOLÊNCIA, DA FORÇA
E DA GENTILEZA**

deixando o Reino do Meio rumo às montanhas próximas da fronteira oeste do país². São célebres, por isso, as pinturas, as esculturas e a cerâmica popular ao longo dos séculos que ilustram este acontecimento. Pintores famosos como Chao Buzhi (1053-1110), Zhang Lu (1368-1644), Xu Beihong (1895-1953), Fan Zeng (nascido em 1938) e a famosa pintura de Laozi da Escola Chinesa do século XVIII reproduzem o tema. Também esculturas das dinastias Song, Ming e Qing, assim como esculturas em parques públicos da China, evocam igualmente tal evento, sendo a escultura pública mais famosa a localizada na praça do centro turístico da montanha Laojun, em Luoyang, na província de Henan, toda ela em ferro e com um peso superior a 80 toneladas.

Em alguns países ocidentais também se encontram tais esculturas de Laozi montando um búfalo de água em parques públicos como, por exemplo, em Duffryn Gardens, South Glamorgan, no País de Gales do Reino Unido, embora Menno Fitski, especialista holandês em arte japonesa, afirme que tal escultura pode tratar-se de um letrado e cortesão japonês – Sugawara no Michizane (845-903) –, o que parece pouco provável. Isto porque há, de facto, a tradição de representar o búfalo na arte japonesa, designadamente nas célebres pinturas *Ukiyo-e* de Hokusai (1760-1849), de Utagawa (1798-1861), de Totoya Hokkei (1780-1850) e de outros pintores *Ukiyo-e*, porém, representando apenas o búfalo, ou crianças ou mulheres

montando o búfalo, mas não sábios ou académicos montando um búfalo.

O pintor e aluno de Hokusai Totoya, Hokkei é dos poucos que apresentam explicitamente o mestre Laozi montando um búfalo na célebre pintura de 1820, denominada “Chinese Sage Reading While Riding on a Buffalo”. Contudo, na escultura e na arte japonesa *Netsuke* existem peças representando Laozi montando um búfalo de água e, curiosamente também, na cerâmica japonesa chamada “hot water plate”, muito em voga na Dinastia Qing e designada por Prato Azul e Branco de Água Quente (da Dinastia Qing Qianlong)³.

REPRESENTAÇÕES BUDISTAS

Também na tradição budista, particularmente no budismo *chan/zen*, o búfalo tornou-se um símbolo do domínio da natureza humana e da aprendizagem contemplativa. Nas *101 Histórias Zen*, compiladas por Paul Rebs (tradução portuguesa de *Zen Flesh, Zen Bones*, Pelican Book, 1971), foi incluído um capítulo com uma série de poemas curtos e 10 ilustrações de pastoreio de búfalos, do mestre chinês Juefan Huihong, em japonês Kakuan (1071-1128), usados na tradição *chan/zen* para descrever os estágios do progresso de um praticante na via da iluminação (Yamada, 2004, *Lectures on the Ten Oxherding Pictures*).

O mesmo tema foi adoptado por outros mestres *chan/zen* chineses como Puming (? -c. 1352), que desenhou 10 ilustrações de pastoreio de búfalos; Huihui (1090-1159) com

seis ilustrações de pastoreio de búfalos; um monge Chan desconhecido, também com 10 ilustrações de pastoreio de búfalos brancos que representam o Sangha⁴, bem como pintores japoneses como Soga Shohaku (1730-1781), Kawana-be Kyosai (1831-1889) Takeuchi Seiho (1864-1942) e outros, exprimindo o que se designa por “zen mind” (*zen kensho*).

Todas essas ilustrações tentam explicar o espírito do treino zen e o resultado espiritual esperado com esse treino. Nelas, o Búfalo representa o eterno princípio da vida, a autenticidade na acção e cada uma das ilustrações é um passo sequente na realização da verdadeira natureza de cada um.

Muitas são as lendas e as práticas populares referentes ao Búfalo, cuja imagem é muito especial e complexa na tradição chinesa. Uma das mais belas lendas chinesas é a história de amor entre Zhinu, a sétima filha da Deusa Rainha do Céu, cujo trabalho era tecer as nuvens, e o pastor Niulang, vivendo do pastoreio de bovídeos na Terra (Liming, 2005, *op.cit*; Writing Group, 2008. *What is the Ox*). Fugindo do céu, a princesa celeste apaixonou-se pelo pastor terrestre, de quem teve dois filhos. O casal encontrou um dia um velho búfalo já moribundo e este, às portas da morte, informou o casal de que a sua pele permitia um homem voar até ao mais recôndito lugar do céu. Pediu, por isso, que após a sua morte a guardassem cuidadosamente. Entretanto, a princesa foi descoberta e levada para o céu de novo pela Rainha Mãe. Ao regressar do



campo, Niulang encontrou os dois filhos a chorar. Interpelados pelo pai, estes disseram-lhe que uma senhora idosa tinha levado a sua mãe para o céu. O pastor lembrou-se, de imediato, do que o velho búfalo que havia dito. Colocou os dois filhos em dois cestos, carregou-os nos ombros, vestiu a pele mágica e voou em direcção ao céu. A sua velocidade permitiu-lhe ainda aproximar-se da sua mulher. Quando estava prestes a agarrá-la para a trazer de volta à Terra, a Rainha Mãe, com um gancho de cabelo, riscou o céu, traçando uma linha branca entre os dois. Um caudaloso rio nasceu, separando-os definitivamente, ficando cada um na sua margem. O rio do céu que os separava era a Via Láctea.

A história tem, porém, um final feliz. A Fénix (*Fenghuang*), que reina sobre todas as aves, comovida por tão

verdadeiro amor, ordenou a todas as pegas azuis do mundo que se reunissem e formassem uma ponte entre as duas margens do rio, permitindo assim que os amantes se reencontrassem. Daí a expressão chinesa “encontrar-se na ponte das pegas azuis”. Uma vez por ano, no sétimo dia do sétimo mês lunar, todas as pegas do mundo voam para o céu e formam uma ponte sobre o rio para que os amantes se possam reencontrar – razão pela qual se celebra o chamado Festival *Qixi* (A Noite dos Sete), também designado por

Festival *Qiqiao*, literalmente “Orando [a *Zhinu*] pela inteligência” (Wei, 2005. *Chinese Festivals*). O primeiro livro em que esta história de amor é narrada é a colecção de histórias *Xiaoshuo*, por Yin Yun (471-529) do período Liang (502-557).

CHICOTEAR O BÚFALO DE BARRO

Das variadas tradições populares chinesas, a tradição de “chicoteamento do búfalo da Primavera” era uma cerimónia antiga realizada a cada Primavera, no início da estação

2- Conta a tradição oral da China que Laozi, cansado da vida na corte de Zhou, que se tornava cada vez mais corrupta moralmente, partiu, com a idade de 160 anos, montado num búfalo de água até a fronteira ocidental do império chinês. Embora estivesse vestido de fazendeiro, o oficial da fronteira reconheceu-o e pediu-lhe que escrevesse os seus ensinamentos. De acordo tal tradição, Laozi escreveu *Dào dé jīng*. Depois de escrever isso, Laozi teria cruzado a fronteira e desaparecido da história, talvez para se tornar um eremita.

3- Um prato circular formatado para ser enchido com água quente, muitas vezes através de um bico idêntico a um pote de chá, como o objectivo de manter a comida quente por muito tempo.

4- Ordem monástica ou comunitária budista, tradicionalmente composta por quatro grupos: monges, freiras, leigos e leigas.



agrícola, mas particularmente na área de Wuyue⁵, nome que é um empréstimo linguístico das províncias chinesas de Jiangsu e Zhejiang. Assim, uma enorme escultura de argila de um búfalo, chamada Búfalo da Primavera, era levada para os campos para ser chicoteada com varas ou galhos de salgueiro sob a supervisão de uma figura de barro de Mang Shen (“o pastor”, um dos deuses chineses da agricultura). De acordo com o mito, Mang Shen bate num boi celestial com um galho de salgueiro todos os anos no final do Inverno para acordar a terra e a Primavera chegar. Astrólogos e outros oficiais da antiga corte chinesa decidiam de que cor e que posição da cauda teria o búfalo de argila de cada ano. Acreditava-se que as pessoas que compareciam à cerimônia sabiam como seria o clima e a colheita pela aparência do búfalo de barro. Por exemplo, um búfalo amarelo previa uma colheita abundante (Writing Group, 2008. Op. cit.).

Nos mitos e contos populares, os deuses da água mudavam, por vezes, de forma aparecendo nas margens dos rios como búfalos. Um mito, reportado à época da Dinastia Qin (221–206 a.C), conta como um oficial inteligente, Li Bing, se transformou num boi para resolver um problema com um deus do rio particularmente exigente. A cada ano, o deus do rio ameaçava inundar toda a região se o povo local não lhe fornecesse duas jovens donzelas que seriam sacrificadas no rio e se tornariam as esposas do deus do rio.

O problema era que o deus do rio era exigente. Queria apenas as donzelas mais belas da região e os pais das mesmas aumentavam o preço do dote das suas filhas. Num ano, o preço foi de um milhão de moedas de cobre. Li Bing, que tinha duas filhas lindas, elaborou um plano para derrotar o deus do rio de uma vez por todas. Trouxe as suas filhas e vários de seus funcionários até a margem do rio no dia designado para o sacrifício. Serviu

vinho, oferecendo um taça ao deus do rio e propôs um brinde em honra do casamento. Quando terminou de beber, Li Bing esvaziou seu copo e pediu em voz alta ao deus do rio para beber com ele. Mas a taça do deus do rio permaneceu cheia.

Desembainhando sua espada, Li Bing exigiu que o deus do rio pedisse desculpas a si e às suas filhas. Ainda assim, o vinho permaneceu na taça do deus. Li Bing então desafiou o

deus do rio para um duelo. Naquele momento, Li Bing desapareceu. Do outro lado da margem do rio, dois bois cinzentos, um dos quais tinha uma listra branca ao longo do corpo, apareceram e iniciaram uma luta. De repente, Li Bing reapareceu na frente de suas filhas e funcionários, explicando que mudara de forma para o búfalo com a listra branca e pediu ao seu oficial-chefe para matar o búfalo que não tinha listra. O oficial obedeceu a Li Bing e correu para o lado oposto da margem do rio para matar o ganancioso deus do rio. Assim terminaram os sacrifícios.

Entre as minorias étnicas Buyi, Miao e Gelao, em Anshun, na província de Guizhou, celebram-se festivais de oferendas ao Rei Búfalo em reconhecimento aos serviços prestados por aqueles no trabalho do campo. A minoria Buyi celebra no 8.º dia do 4.º mês lunar; a minoria Gelao no 1.º dia do 10.º mês lunar, a Tujia e a Miao realizam o festival de Abril a Junho do calendário lunar, embora na província Hubei estas minorias realizem tal festividade no dia 8 de Abril e ocasionalmente a 18 de Abril (Wei, 2005. Op. cit.). Perto da cidade de Yecheng, no distrito de Jianshi, em Enshi Tujia, e na Prefeitura Autônoma de Miao da província de Hubei, há um Templo do Rei do Boi, onde a minoria étnica Miao cultua e deposita oferendas ao Rei Búfalo. Durante o Festival do Rei Búfalo, considerado o seu aniversário, cada família deve preparar frango e vinho, bem como bolos de arroz glutinoso para adorar o rei, pen-

NAS CHINA A FIGURA DO BÚFALO DE ÁGUA É RECORRENTE NAS VÁRIAS TRADIÇÕES POPULARES, BEM COMO NAS TRADIÇÕES TAOISTA E BUDISTA

durando-os nos chifres do boi, e cuidar bem do gado, mantendo-o bem alimentado.

NA TRADIÇÃO OCIDENTAL

Também nas culturas a Ocidente (celta, com o deus *Tarvos Trigaranus*; grega, com o touro *Pasiphaë* de Creta, o touro de *Marathom*, o *Minotauro*; o *Taurus do deus Mars Neto*, dos romanos, dos ibérios e celtiberos; persa, com o *Gavaevodata*; Suméria, com o *Gugalanna/Touro do Céu*; Anatólia Oriental, com o *Tarhun*) os bovinos são um símbolo auspicioso de riqueza e poder e próximos dos deuses. O culto do bóvido teve origem no antigo Egito, onde a deusa Hathor, consorte do deus do céu Hórus e filha do deus-sol Rá, costumava ser retratada como uma vaca, simbolizando o aspecto maternal e celestial, embora a sua forma mais comum fosse uma mulher usando um cocar de chifres de vaca e um disco solar. Era uma das divindades comumente invocadas em orações privadas e ofertas votivas, especialmente por mulheres que desejavam ter filhos. Era, portanto, a mãe simbólica dos seus representantes terrestres, os faraós, razão pela qual o faraó era chamado “filho de Hathor” (*The Routledge Dictionary of Egyptian Gods and Goddesses*, 2005).

Um dos livros do Antigo Testamento, o *Êxodus*, recorda a influência que a religião egípcia teve no povo hebreu, na sequência do seu êxodo para o Egito (entre os séculos XV a.C. ou XIII a.C.), ao construírem e adorarem um bezerro de ouro como sendo a imagem do seu



DAS VARIADAS TRADIÇÕES POPULARES CHINESAS, A TRADIÇÃO DE “CHICOTEAMENTO DO BÚFALO DA PRIMAVERA” ERA UMA CERIMÓNIA ANTIGA REALIZADA A CADA PRIMAVERA, NO INÍCIO DA ESTAÇÃO AGRÍCOLA

Deus Jeová: “Então o Senhor disse a Moisés: “Depressa! Desce imediatamente, porque o teu povo que trouxeste do Egito está a corromper-se; desviou-se e rapidamente abandonou as minhas leis. Fizeram para si um bezerro. Estão a prestar-lhe culto e a sacrificar-lhe dizendo: ‘Aqui tens os teus deuses, ó Israel, que te fizeram sair do Egito!’” (*Exodus 32:7-8*).

De resto, a referência ao boi (e a outros animais também)

noutros livros que integram o *Antigo Testamento* é muito comum e de algum modo representa a sua importância social e económica (Deuterónimo, Isaías, Jó, Josué, Juizes, Levítico, Números, Provérbios, Salmos, Samuel). No *Livro de*

5- Wuyue é a área ao sul de Jiangsu, Xangai, Zhejiang, ao sul de Anhui e a nordeste de Jiangxi. Wu Yue é o nome do país de Wu e de Yue no período de Primavera e Outono (771 a.C. – 476 a.C.)



Isaías há inclusivamente uma referência em relação ao seu direito à vida tal como o humano, rejeitando a tradição sacrificial e ritualística do Antigo Testamento, colocando-o no mesmo patamar do valor da vida humana (Palhano & Sanches, 2012. *Sobre os animais não humanos: um resgate teológico*). No Livro de Isaías (Isaías 66: 2,3) é dito que: “A este eu estimo: ao humilde e contrito de espírito, que treme diante da minha palavra. Mas aquele que sacrifica um boi é como quem mata um homem; aquele que sacrifica um cordeiro, é como quem quebra o pescoço de um cão; aquele que faz oferta de cereal é como quem apresenta sangue de porco, e aquele que queima incenso memorial, é como quem adora um ídolo. Eles escolhe-

ram os seus caminhos, e suas almas têm prazer nas suas práticas detestáveis”.

Já no Novo Testamento, sobretudo no Evangelho de São Lucas, o boi, ou touro, é um antigo símbolo cristão da redenção e da vida por meio do sacrifício, uma vez que o boi era o mais alto sacrifício oferecido no Templo de Jerusalém, sacrificial que foi substituído por Jesus, o único e eterno sacrifício. Assim, as representações artísticas de São Lucas colocam sempre a seu lado a figura de um boi que, às vezes, aparece com asas. Além disso, o boi simboliza a paciência, a força e o serviço, virtudes demonstradas pela vida e pela obra de São Lucas. A simbologia do boi que acompanha Lucas pode expressar, também, a passagem entre céu e terra e, ain-

da, o sacrifício, a abnegação e a castidade (Bressan, Fernandes, Moraes, 2018, *Simbologias religiosas e imaginário: reflexões acerca do bestiário dos quatro evangelistas*).

Aliás, é paradigmática a presença do boi (tal como do burro) no presépio, que decorre da vontade de Francisco de Assis que estivessem presentes no primeiro presépio criado em 1223 em Greccio, na região de Lazio, na Itália, apesar de serem uma presença desconhecida nos relatos evangélicos. Mas Francisco de Assis quis “lembrar daquele menino (...) e como ele jazia no feno entre o boi e o jumento.” (P. Pietro Messa (2019). *O jumento e o boi no presépio. São Francisco os quis em Greccio*. Trad. portuguesa IHU on-line). O poeta inglês Thomas Hardy (1840-1928) tem um célebre poema sobre o Natal intitulado “The Oxen” que é apenas um exercício nostálgico de regresso à sua infância e às velhas certezas, que porventura já não partilha, numa época especial do ano.

Kathryn Wortley, no seu artigo “After a year of anxiety, what can we expect from the Year of the Ox in 2021?” no jornal *Japan Times* do dia 1 de Janeiro de 2021, preferiu responder a resposta para os astrólogos que profetizaram: “Os astrólogos dizem que o boi denota trabalho árduo, positividade e honestidade – qualidades estáveis que se manifestarão em todos nós de uma forma ou de outra nos próximos 12 meses.” Assim talvez possamos dizer na boa tradição epistolar latina: “Si vales, bene est, ego valeo”. 🍀

É PARADIGMÁTICA A PRESENÇA DO BOI NO PRESÉPIO, QUE DECORRE DA VONTADE DE FRANCISCO DE ASSIS DE QUE O ANIMAL ESTIVESSE PRESENTE NO PRIMEIRO PRESÉPIO CRIADO EM 1223, NA ITÁLIA

PERFIL ZODIACAL DO BÚFALO

RAMO TERRESTRE

Chǔu (丑)

MÊS LUNAR

12.º

YIN-YANG

Yin

ANOS DE NASCIMENTO

1937, 1949, 1961, 1973, 1985,
1997, 2009

CINCO ELEMENTOS

Chǔu (丑), pertence à Terra

CINCO VIRTUDES CONSTANTES

A Terra pertence à Sinceridade

ESTAÇÃO DO ANO

Inverno

DIRECÇÕES AUSPICIOSAS

Sudeste, Sul, Norte

DIRECÇÃO NÃO AUSPICIOSA

Sudoeste

DIRECÇÕES DA RIQUEZA

Sudeste, Este

DIRECÇÕES AMOROSAS

Sul

CORES AUSPICIOSAS

Azul, vermelho, púrpura

CORES A EVITAR

Branco e verde

NÚMEROS DE SORTE

3, 8, 9 ou números que contenham
estes números (23, 32, etc.)

NÚMERO A EVITAR

6

FLORES DA SORTE

Túlipa, flor de pessegueiro, aglaonema

CRISTAIS DE SORTE

Turmalina vermelha (rubelite), quartzo-
-rosa, topázio

PROTECTOR ESPIRITUAL

Akasagarbha Bodhisattava
(Tesouro Ilimitado do Espaço)

ESCOLHA DO NOME EM CHINÊS

Para os nascidos no Ano do Búfalo o nome a escolher deve ter os radicais de água (氵), que significa felicidade, conforto e harmonia familiar; os caracteres com o radical de pessoa (亻) ou madeira (木) que significam honestidade, integridade, retidão.

A escolha dos nomes em português deve relacionar-se com a virtude nobre de carácter, integridade e companheirismo. O nome de Filipa, por exemplo, que significa literalmente em grego “amiga dos cavalos”, era entendido como o de uma pessoa rica em sentido real e, em sentido metafórico, “nobre” “generosa”.





Previsões para 2021

Após os altos e baixos de 2020, o horóscopo chinês para 2021 traz uma mensagem de esperança: o ano será um período de recuperação, desenvolvimento e crescimento, tanto profissional como familiar

Texto | Catarina Brites Soares



A partir de 12 de Fevereiro, começa o ano do Búfalo de metal, o segundo dos 12 signos do zodíaco chinês. Na cultura chinesa, o Búfalo é um animal valorizado pelo papel que tem na agricultura. O mesmo acontece no zodíaco: pessoas sob este signo são consideradas trabalhadoras, optimistas e honestas. Também lhe são associadas qualidades como a honestidade, inteligência, capacidade de liderança e racionalidade. Veja nas próximas páginas o que dizem os almanaques chineses para cada signo.

Segundo as previsões do mestre de *feng shui* Peter So, a Cabra, o Cavalo e o Cão são os signos menos compatíveis com o Búfalo, ao contrário do Rato, da Serpente e do Galo, os mais compatíveis. O ano de 2021 será turbulento para o Búfalo, que será confrontado com vários desafios tanto na carreira como nos estudos, situações que o deixarão stressado, disperso e emocional. O metal ajudará a ultrapassar esses momentos e a chave está em usar a força de espírito para superar eventuais azares. De uma maneira geral, o ano que agora começa deve ser especialmente dedicado às relações, tanto no seio familiar como no círculos de amigos, já que estas podem ajudar a superar as vicissitudes e a valorizar o que se tem.

Na carreira, as perspectivas são de estabilidade e dificuldades acrescidas ao nível da progressão. À partida será um período pouco favorável a conquistas, mesmo com esforço e dedicação. Abril, Setembro e Dezembro serão meses de sorte, em oposição a Maio, Junho e

Julho, meses de azar.

Ao nível das relações também não se aproximam tempos fáceis. Quem está comprometido deverá esperar dificuldades que poderão afectar o relacionamento, que pode vir a ser posto em causa. Já quem está sozinho, terá a vida mais complicada para encontrar alguém.

De acordo com a astrologia chinesa, o Búfalo é um signo conhecido por sua lealdade, disciplina e determinação. Por isso, essas características que irão reger o ano de 2021 favorecem a prosperidade e sucesso. Também será um ano caracterizado pelo apego à tradição, então será fácil perceber a influência do conservadorismo ao longo de 2021.

O Búfalo de metal traz ainda um alerta: os conflitos podem ter resultados desastrosos, por isso, deixe as intrigas de lado e lide com as situações com bom senso, optando por manter a paz e a harmonia.

Diferentemente da astrologia ocidental, na qual o signo solar é definido pelo mês do nascimento, a astrologia chinesa o signo é definido pelo ano do nascimento. Além dos animais que regem cada ano, o zodíaco chinês também leva em consideração os cinco elementos (metal, madeira, água, fogo e terra) e as polaridades *yin e yang*. Considerando todos os elementos, é composto um ciclo de 60 anos, no total, com cada ano sendo regido por um animal e um elemento em sua polaridade *yin* ou *yang*.

O ano de 2021 será regido pelo Búfalo de metal *yin*, que carrega as próprias características e influencia cada um dos signos do horóscopo chinês 2021 de formas distintas. 🍀

SIGNOS EM DESVANTAGEM

BÚFALO

Todos os nativos de Búfalo estão em desarmonia com o regente do ano novo lunar. O mau humor pode ser mais comum do que o normal e será um ano pouco dado às relações e mudanças como de casa, trabalho. Prevê-se ainda rupturas e uniões.

CABRA

Também as Cabras terão um 2021 desafiante, uma vez que estão em conflito com o regente do ano lunar. Conflitos implicam sempre movimentos e transformações, e é provável que aconteçam no amor, na carreira e na vida em geral. As mudanças podem sempre ser boas ou más, e neste caso será determinante a data e a hora a que se nasceu. Também estarão mais susceptíveis em termos de saúde, especialmente em Junho e Dezembro. Para afastar os azares, ponha uma caixa de música a Nordeste e Sudoeste da casa, e ligue-a de tempos em tempos.

CÃO

O cão vai estar sob “tortura”. Significa isto que vai atrair más línguas, discussões e relações pobres. Ponha um copo de água a Sul na casa para melhorar as qualidades interpessoais.

CAVALO

Os Cavalos serão alvo de más línguas, mas nada sério. À semelhança do Cão, deve colocar um copo de água a Sul da casa para impulsionar as qualidades no trato interpessoal e um objecto rosa a Sudoeste para contrariar as más energias.

SORTE NO AMOR

TIGRE

A poderosa estrela das relações Hong Luan brilha para os Tigres, significa isto que será um ano excelente para os nativos deste signo neste campo, com muita sorte nos relacionamentos desejados e de longa duração. Os solteiros têm fortes chances de conhecerem alguém, enquanto que os comprometidos poderão dar o nó em 2021. Aos casados recomenda-se prudência e cuidado para evitar relações extraconjugais, já que a energia dos Tigres estará especialmente atractiva este ano. Sugere-se que esses usem a sorte de que gozam nos relacionamentos para investir noutra tipo de relações, como as profissionais, acabando eventualmente por resultar em ganhos na carreira.

MACACO

Também os Macacos estão abençoados por outra estrela boa para os relacionamentos. A Tian Xi traz uma sorte muito similar à Hong Luan. Os solteiros devem prestar mais atenção a quem os rodeia e sair mais de casa. Já os comprometidos, à semelhança dos Tigres, devem catalisar essa energia para outro tipo de relações, incluindo as do trabalho, resultando possivelmente em ganhos ao nível da carreira.

CAVALO

Para os nativos do Cavalo aparece a estrela dos relacionamentos temporários – a Xian Chi. É provável que os Cavalos comecem ou terminem relações este ano. Também há fortes possibilidades de o Cavalo acabar por se envolver com alguém próximo, relação essa que não deverá durar. Ainda assim, faz-se a ressalva de que se esse relacionamento resistir este ano, pode converter-se em algo mais substancial e, por consequência, perdurar.



PARA DAR SORTE

CORES

Azul, amarelo e verde

NÚMEROS

1 e 4

DIRECÇÃO PARA RIQUEZA

Noroeste

DIRECÇÃO PARA O AMOR

Sul

DÁ AZAR

CORES

Vermelho e castanho

NÚMEROS

3 e 6

PESSOAS FAMOSAS QUE NASCERAM NO ANO DO BÚFALO

Barack Obama (político)

Diana Spencer (princesa britânica)

Walt Disney (produtor de filmes de animação)

Louis Armstrong (cantor)

Albert Camus (Nobel da Literatura)

Michael Phelps (desportista)

RATO

Nascidos em 1936, 1948, 1960, 1972, 1984, 1996, 2008

Optimismo é o que se recomenda aos nascidos nos anos do Rato, o primeiro signo do zodíaco chinês. O signo, que no ano passado estava em colisão com o regente, estava mais susceptível a emoções negativas e ao pessimismo, sentimentos que poderão permanecer até ao Verão deste ano. O conselho é pensar positivo até à Primavera ou evitar fazer planos importantes para a primeira metade de 2021.

Espera-se, no entanto, que este ano seja bem melhor em termos de relações, com mais estabilidade e sem grandes imprevistos. Para o bom e para o mau, o ano novo lunar não será de grandes alterações em nenhum campo: relações, carreira e vida. Há sempre um ponto a favor do Rato, que é um dos quatro animais do zodíaco chinês com mais sorte nos relacionamentos.

O período propiciará confiança e segurança para aqueles que querem sair de um relacionamento insatisfatório. A vida a dois promete ser bastante estimulante, com muita cumplicidade e aprendizagem. Se houver conflitos ou divergências, estas deverão ser resolvidas com o diálogo franco e aberto. Para os solteiros, os encontros casuais poderão resultar em novas amizades ou algo mais interessante.

A semelhança do Porco, também o Rato terá de trabalhar mais para conseguir o que procura e, se o fizer, terá resultados, factor vantajoso sobretudo para quem trabalha por contra própria e empreendedores, já que o salário depende sempre do volume

de trabalho.

Uma das estrelas presentes na constelação do Rato é a Mo Yue, que ajuda à ascensão social. Os nascidos entre 1936 e 1996 têm ainda mais probabilidades que tal aconteça. Outras das estrelas associadas à sorte e também presente na constelação do Rato são as Sui He e Yu Tang, favoráveis às relações.

A desajudar está a estrela Gu Xu, associada a sentimentos de tristeza e solidão. Atenua o facto de este ser um ano de união para os Ratos, que faz com que estejam bem nas suas relações e possam contar com a disponibilidade dos outros. Ao nível da saúde nada de grave a assinalar, com excepção dos que têm doenças crónicas, a quem se recomenda mais atenção e cuidado com o bem-estar.



BÚFALO

Nascidos em 1937, 1949, 1961, 1973, 1985, 1997, 2009

Os Búfalos, que estavam em sintonia com a regência do ano lunar passado, passam para a posição oposta. Era esperado um 2020 de estabilidade, situação que deverá mudar a partir de 5 de Abril. De todos os signos, o Búfalo é o que deve ser mais cauteloso no ano que se inicia. Isto porque está em colisão com o regente deste ano lunar. Apesar de o facto não gerar azar per si, tende a conduzir a emoções negativas, o que acaba por ter um impacto negativo e indirecto na sorte.

A situação é também propícia a imprevistos, percalços e mudanças que causam mau humor ou acabam por estragar o dia. Vão ser mais frequentes situações como perder bens pessoais ou atrasos em eventuais viagens, ou ainda instabilidade emocional ou problemas de saúde com familiares. Há pouco a fazer, a não ser insistir no optimismo que ajudará os Búfalos a sobreviver este ano sem que se vão abaixo. Os nativos do signo também estarão mais débeis na saúde, o risco de problemas agrava-se nos meses de Junho e Dezembro.

Não há estrelas da sorte na constelação do Búfalo, significando isto que estão por sua conta e risco, e desprovidos do apoio natural dos outros. Presentes estão as estrelas do azar Jian Feng e Fu Shi, e a Hua Gai, associada ao sentimento de solidão, mas também à inspiração. Caso para levar a sério a expressão: "O caminho da criação é sempre solitário".

Contudo, não estar em harmonia com a regência do ano novo

lunar não implicará azar no dinheiro. Desde que se coloquem as más emoções de lado, podem esperar-se bons resultados em termos monetários. O mesmo não se pode dizer sobre a carreira, o amor e a saúde. É aconselhável mais prudência, calma e serenidade no que toca a reagir. Haverá uma propensão maior para a intolerância, a impaciência e a impulsividade que podem conduzir a situações negativas no emprego e na vida pessoal. É recomendado que se evite, por exemplo, falar com quem se gosta em momentos de mau humor.

Quando se está em desarmonia com o regente do ano lunar, está-se mais susceptível a lesões e doenças, sendo que o risco aumentará em Junho e Dezembro. É indicado mais cuidado com a dieta.



TIGRE

Nascidos em 1938, 1950, 1962, 1974, 1986, 1998, 2010

O Tigre é iluminado pela poderosa estrela de Hong Luan, que propicia relacionamentos bons, sorte no amor e boas interações com a generalidade das pessoas. Aqueles que estão em relações sérias há algum tempo, é o ano perfeito para dar o nó. Para os solteiros é o ano indicado para se esforçarem e encontrarem a cara-metade. Tendo em conta que a Hong Luan é a estrela do desejo e das relações duradouras, é bem provável que o romance iniciado em 2021 acabe por se tornar o parceiro de vida.

Além do amor, a mesma estrela também tem impacto nas relações em geral, ou seja, o Tigre está numa posição em que facilmente terá ajuda dos outros e em que as relações lhe correrão de feição.

2021 será um ano em que os Tigres não terão grande vontade de trabalhar e de se esforçar. Vale-lhes a presença da estrela Hong Luan, que também tende a fazer com que se consiga o dobro com metade do empenho.

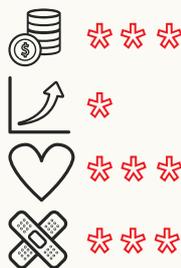
Os Tigres têm ainda na sua constelação a estrela da sorte Tai Yang, associada à força de figuras masculinas. Se por acaso tem chefes homens, será um ano positivo. A Hong Luan fará o resto: a estabilidade que goza nas relações graças à estrela acabará por ajudar também na carreira.

A Gu Chen, estrela da solidão, também surge na constelação dos Tigres, cujo impacto negativo acabará por ser minimizado

pelos efeitos positivos da Hong Luan.

Não é um ano bom para fazer planos e é propenso a perdas financeiras. Recomenda-se cuidado com os empréstimos, uma maior flexibilidade e melhor capacidade de improviso conforme as circunstâncias.

Apesar de ser um ano de preguiça, não se espera que seja mau em termos de riqueza. Os empresários podem esperar bons resultados nos negócios.



COELHO

Nascidos em 1939, 1951, 1963, 1975, 1987, 1999, 2011

Os Coelhos não estarão em sintonia com o regente do novo ano lunar, mas também não estarão em colisão. Antecipam-se, por isso, tempos de meio termo a todos os níveis.

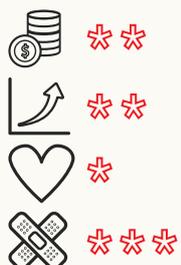
Na constelação deste ano não aparece qualquer estrela associada às relações, ou seja, não se prevêem grandes desilusões ou dissabores, mas também não se esperam relações especialmente fortuitas.

Será um ano calmo e sem vontade de grandes esforços. Os Coelhos são aconselhados a ponderar bem as situações antes de decidir o que quer que seja. A ausência de estrelas da sorte faz com que os Coelhos estejam entregues ao seu destino e que tudo dependa muito das suas energias.

O facto de ser um ano de preguiça reduz a probabilidade de ser vantajoso em termos de dinheiro. Há, no entanto, um factor que pode destabilizar qualquer previsão – para o bom e para o mau. O novo ano lunar será um período de transição para os Coelhos dada a mudança ao nível das energias. O elemento água será substituído pelo fogo, e é provável que haja alterações inesperadas.

A estratégia e a diplomacia do Coelho deverão ser colocadas em prática para superar os desafios que surgirão do convívio entre as pessoas próximas. O Coelho deverá moderar os seus gastos financeiros e evitar actividades especulativas, já que há um risco mais elevado de perdas.

Após um 2020 propenso às relações graças à presença da Hong Luan, este será de estabilidade. Não há grandes expectativas para lá da manutenção da situação em que se está – casado ou solteiro. Aos que estão sozinhos, sugere-se que invistam no romance em Janeiro e Fevereiro, já que depois terão de esperar até 2022 para gozarem de um novo ano forte nos relacionamentos.



DRAGÃO

Nascidos em 1940, 1952, 1964, 1976, 1988, 2000, 2012

Os nativos de Dragão podem esperar um ano frutífero em riqueza. Estão entre os signos com mais sorte neste campo em 2021. Já na saúde recomenda-se cuidado. Será um ano propício a problemas, especialmente do foro gastrointestinal. É crucial ter cuidados acrescidos com a dieta alimentar, descanso e ansiedade ou stresse.

Não é um ano dado a relações, ainda que também não estejam presentes estrelas propensas a conflitos. Apesar do período sinalizar a atracção física entre casais, o entendimento não será fácil, deixando transparecer os conflitos de interesses, que se não forem cuidados e solucionados poderão trazer rompimentos. O Dragão deverá respeitar o momento, reflectir e buscar uma ocasião propícia para discutir a relação e alinhar os objectivos. Para os solteiros as relações amorosas serão satisfatórias se estes, souberem moderar as suas atitudes extravagantes.

Este será um ano em que Dragão poderá colher os frutos de atividades iniciadas no passado. O período favorecerá o aprimoramento profissional, as viagens e as transacções comerciais. Haverá boas oportunidades de actuação e o Dragão deverá permanecer centrado para ser assertivo. Poderá também contar com o apoio e parceria de pessoas que possuem o mesmo propósito. A cooperação e o trabalho em equipa serão necessários para a expansão dos negócios.

Nas finanças, a estabilidade e os ganhos virão com soluções criativas e inovadoras.

Do seu lado têm a estrela Tai Yin, que coloca a seu favor a protecção de figuras femininas fortes. Com efeitos opostos, aparece a estrela do azar Yang Ren, propensa a explosões de temperamento. Manter a calma é fundamental para um ano mais pacífico.



SERPENTE

Nascidos em 1929, 1941, 1953, 1965, 1977, 1989, 2001, 2013

Na constelação das Serpentes, surgem as estrelas da sorte Jin Yu – que trará protecção dos superiores hierárquicos e de figuras dominantes; e a San Tai – que pode ajudar a elevar o estatuto social, bem como à promoção profissional.

Por outro lado, as Serpentes são o signo com as estrelas mais negativas na sua constelação, como a Fei Fu, Guan Fu e a Nian Fu, associadas a opiniões negativas, conflitos e desentendimentos. É sugerido que se coloque um copo de água a Sul na casa para proteger os relacionamentos.

Presente está ainda a Wu Gui, a estrela dos traidores; a Tian Ku, associada a maior sensibilidade e tendência para a emoção; a Zhi Bei, da inveja e cusquice, e a Di Sha, que apesar de aparecer não está numa posição ameaçadora.

Neste ano as relações familiares da Serpente poderão ser revistas e renovadas. Para tanto a Serpente deverá deixar a intransigência de lado e estar disposta a agir com imparcialidade, deixando para trás os julgamentos do passado. Desta forma, visando o bem maior, soluções serão propostas por meio do mútuo entendimento e união de todos os envolvidos. As amizades estarão favorecidas neste período, com disputas amistosas e companheirismo.

Antecipam-se oportunidades de aprendizagem e de investimento, ainda que sejam desaconselhadas novas aventuras. É provável que o que se tem agora dê frutos este

ano. Há fortes probabilidades de maior riqueza e de progressos na carreira.



CAVALO

Nascidos em 1930, 1942, 1954, 1966, 1978, 1990, 2002, 2014

Em conflito com a regência do ano lunar que agora termina, os Cavalos ainda terão de lidar com os efeitos negativos dessa circunstância até à Primavera de 2021. 2020 terá sido um ano de conflitos e a energia conflituosa residual pode manter os nativos deste signo nessa predisposição por mais uns tempos, acabando por gerar instabilidade e alterações.

Apesar disso, espera-se mais sorte, uma vez que os Cavalos deixam de estar em desarmonia com o regente. Contam com a presença da Xian Chi, a estrela das relações temporárias, vantajosa para os relacionamentos e que faz com que os outros tenham tendência a colocar os Cavalos à sua volta em primeiro lugar.

No amor, será um ano moderado para o Cavalo, que poderá estar mais selectivo e introspectivo. Haverá bons momentos afectivos com alguns reveses. Este ano possibilitará ao inquieto Cavalo acalmar a sua mente e identificar a qualidade das suas emoções e dos seus sentimentos. Uma nova compreensão chegará, ajustando-se à sua realidade, modificando a sua maneira de pensar e de se relacionar com o outro. Os conflitos deste período poderão ser decorrentes de influências externas. O diálogo sincero e a troca de experiências fortalecerão a sua relação. Os solteiros poderão desfrutar dos encontros afetivos e de novas aventuras amorosas.

Será um ano positivo socialmente, em que os Cavalos

deixarão boas impressões juntos dos outros. Os empresários e os trabalhadores por conta própria devem por isso fazer uso disso, já que será um ano favorável ao estatuto e reputação sociais.

A estrela Yue De pode tornar os percalços em boa sorte, é uma estrela de misericórdia e perdão. Ou seja, se os Cavalos não guardarem rancor e não procurarem vingança, todo o azar pode vir a transformar-se em bons designios.

A saúde também não está ameaçada.



CABRA

Nascidos em 1931, 1943, 1955, 1967, 1979, 1991, 2003, 2015

Os nativos de Cabra têm pela frente um ano custoso. Em desacordo com a regência do ano lunar, serão tempos de instabilidade e mudanças de vida incluindo nas relações e carreira. No caso de um casal, isso pode significar o fim, mas também uma alteração, como o casamento ou a gravidez.

O feng shui deve estar de feição. Até 2024, as Cabras devem optar por viver numa casa que esteja de frente para Sudeste ou Noroeste, posições que atraem segurança, saúde e riqueza. Se o objectivo for apenas a riqueza, a porta principal da entrada deve encarar as direcções Sul ou Oeste; para boas relações familiares, a entrada deve estar virada para Este ou Norte. De evitar, em qualquer circunstância, casas direccionadas para Nordeste ou Sudoeste. Se estiver numa casa com essas características, espere até 2024 e substitua todos os utensílios de cozinha por novos.

No que respeita à carreira, é aconselhada cautela já que a tendência será para os extremos. Devem evitar-se as mudanças por iniciativa própria. A sorte vai, no entanto, mudar em 2022, quando há mais probabilidade dos nativos de Cabra serem bem-sucedidos.

Há boas possibilidades de crescimento profissional, mas com mais trabalho. Será um ano em que vai ser preciso um esforço dobrado para se conseguir resultados satisfatórios.

Nas relações são esperadas mudanças, que não têm de ser

necessariamente más. A saúde é a que estará mais susceptível com propensão para acidentes e lesões. O cuidado com a alimentação, assim como com o estado físico e mental, ajudará a evitar desfechos infelizes.

As Cabras gozam ainda da presença da Di Jie, estrela que transforma os percalços em sorte e que ajuda a minimizar os impactos negativos das estrelas de azar como a Da Hao, associada a perdas económicas e despesas. A Sui Po, associada à instabilidade, também aparece na constelação da Cabra.



MACACO

Nascidos em 1932, 1944, 1956, 1968, 1980, 1992, 2004, 2016

Os Macacos, que estavam em sintonia com a regência do ano lunar em 2020 – e que, por isso, terão beneficiado ao nível das relações pessoais – podem esperar um 2021 igualmente promissor.

A Tian Xi, estrela dos relacionamentos, está bem brilhante, o que significa que os macacos ainda se sairão melhor no amor e nas relações em geral no novo ano lunar. É uma altura ideal para casar para os que estão em relações estáveis; será um ano propício a novos romances para os solteiros e de uma boa fase para os casados.

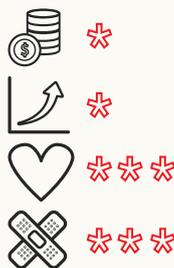
Também será um ano positivo tanto para investimentos como para aprender e por exemplo, investir em formação. 2021 será, no entanto, o último com o elemento água como energia dominante, que funciona a favor dos Macacos. O conselho é que não se desperdicem oportunidades este ano porque demorará até que apareça outro bafejado de tanta sorte.

Além da estrela das relações Tian Xi, estão também presentes Long De, Zi Wei e Gui Ren, estrelas da sorte e que atraem a presença e apoio de figuras fortes. Os Macacos terão mais gente a olhar por si e que o ajudarão.

Do lado do azar, aparecem a Hong Yan, negativa para os relacionamentos e que poderá atrair ameaças. O aviso é deixado especialmente aos casados, que devem resistir às tentações sob pena de porem em risco as relações longas e a sorte na

carreira.

Também ao nível do dinheiro, esperam-se perdas inesperadas e recomenda-se uma gestão sensata do orçamento em 2021. Os investimentos devem guardar-se para 2022, exceção feita aos Macacos que nasceram na Primavera ou Verão, que poderão arriscar.



GALO

Nascidos em 1933, 1945, 1957, 1969, 1981, 1993, 2005, 2017

Em harmonia com o regente do ano, é esperado que os Galos tenham sorte nas relações mesmo que não seja ao nível do ano que terminou, quando foi um dos signos do zodiaco chinês que mais vezes beneficiou das estrelas da sorte neste campo. O ano do Búfalo tende a ser muito positivo para a vida amorosa do Galo. O período promete trazer entendimento e harmonia emocional e afectiva, propiciando maior comprometimento e fortalecimento da união, com possível enlace matrimonial.

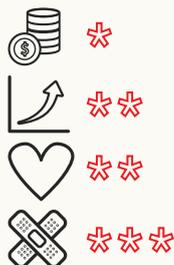
O Galo deverá manter-se confiante e seguir a sua intuição evitando dar crédito ao diz-que-disse e não deixando que experiências do passado contaminem o seu relacionamento. Para os solteiros em busca de um par, haverá boas expectativas de romance em encontros sociais e viagens.

2021 será um ano propício a investir, mas só ao nível da formação e educação, e isso aplica-se a qualquer idade. Já no que respeita ao investimento monetário não é aconselhado.

A presença das estrelas Ba Zuo e Jiang Xing, propícias a mais poder e à ascensão social, levarão os outros a respeitar mais os Galos. A Jin Gui, que literalmente significa “baú de ouro”, trará riqueza, mas a Fu Chen trará obstáculos. Traduzido do chinês o termo significa “boiar” ou “afundar”, ou seja, este ano um passo em frente poderá implicar outro atrás. Espera-se também que em 2021 se gaste mais do que se ganha, apesar da estrutura-base não sofrer abalos. Por isso, o Galo deverá evitar gastos

desnecessários.

Ao nível da carreira é um bom ano para arriscar e procurar a novidade, sair da zona de conforto e fazer novas apostas. Os Galos estão receptivos à mudança, mesmo que levem tempo a adaptar-se a elas. Os empreendimentos a curto prazo estarão favorecidos e o Galo poderá contar com o apoio de pessoas próximas. Entretanto, deverá cultivar o senso de realidade sendo diligente e minucioso ao analisar os planos e os documentos para não sofrer prejuízos.



CÃO

Nascidos em 1934, 1946, 1958, 1970, 1982, 1994, 2006, 2018

2021 será um ano para se ter cuidados extra com a saúde. Além da atenção à dieta, os nascidos sob o signo do Cão devem procurar relaxar e evitar stresse, que poderá potenciar o aparecimento de doenças. A boa notícia é que será um ano privilegiado ao nível do dinheiro, ainda que não a 100 por cento e em todos os casos. O Cão está numa situação que se diz de “tortura” em relação ao regente do ano, o que implicará inveja e, conseqüentemente, obstáculos na carreira e riqueza, entre outras conseqüências.

Apesar disso, e à custa da estrela da misericórdia Tian De, que transforma percalços em sorte, podem esperar bons designios. Mesmo quando sejam alvos de ataque, só precisam de evitar comportamentos de vingança, já que esta estrela significa perdão e bondade.

A Ban An dará aos nascidos no ano do Cão enormes oportunidades de serem promovidos e sorte no que concerne ao dinheiro.

A estrela Juan She, que tende a atrair as invejas, tornará o ano difícil e aumentará as probabilidades de um conflito grave com alguém. Para reduzir as probabilidades é sugerido que se coloque um copo de água virado para Sul no escritório e um objecto rosa a Sudoeste.

Este será um ano que possibilitará ao Cão reforçar e estreitar os laços com os seus familiares. Para que isso aconteça, o

deverá permitir-se estar mais presente no núcleo familiar, disponibilizando-se a ouvir e a conhecer melhor as necessidades de cada um dos entes queridos e, desta forma, compreendê-los melhor. Os amigos estarão mais amistosos e colaborativos e poderão apoiá-lo no que for preciso.

Também se recomenda mais atenção na relação amorosa, dado que será um ano propício a pequenas discussões que podem acabar por ter conseqüências mais graves. É aconselhado que se doseie a impaciência e impulsividade, e aumento do autocontrolo e da calma, especialmente nos meses de Março, Junho, Setembro e Dezembro.



PORCO

Nascidos em 1935, 1947, 1959, 1971, 1983, 1995, 2007, 2019

Os nativos de Porco tiveram do seu lado as estrelas favoráveis às relações em 2020. Este ano, é esperado que as relações também sejam um campo frutífero já que os Porcos contam com a estrela que garante o apoio de figuras fortes.

Neste período, a vida familiar do Porco será satisfatória. No entanto, situações imprevistas e inesperadas poderão trazer aborrecimentos e inquietações. O Porco poderá surpreender-se com a compreensão e colaboração dos entes queridos e amigos, ao permitir-se compartilhar as questões que o incomodam e o afligem. O período favorecerá as viagens, as reuniões familiares e as novas amizades. Será preciso evitar coscuvilhices.

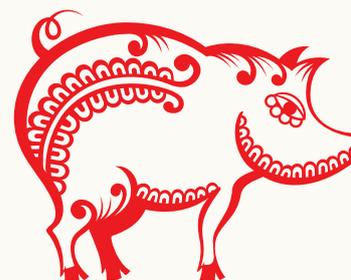
A estrela da mobilidade Yi Ma também aparece a brilhar na constelação, especialmente importante para quem viaja em trabalho com frequência e lida com várias pessoas em termos profissionais. Yi Ma significa mudanças, que podem ser boas ou más.

Os nativos deste signo têm maior probabilidade de viajarem e de viverem mudanças no trabalho e na vida pessoal. Não se indica nem sorte nem azar para este ano lunar, significando que o destino dependerá da disposição de cada um e não tanto da influência do zodíaco. Aos que lhe calhar o azar, acabarão apenas exaustos de tanta alteração sem um benefício real.

2021 será também um ano exigente em termos de riqueza, e que implicará mais esforço. Aparentemente, quanto mais se esforçar

mais dinheiro terá, facto particularmente benéfico para os que trabalham por conta própria ou têm profissões autónomas, como designers, agentes imobiliários e de seguros. Os empresários também têm mais oportunidades de fechar negócios rentáveis. De fora ficam os que trabalham por conta de outrem, já que a remuneração não oscila em função do volume de trabalho.

É também provável que ocorram grandes mudanças este ano, por exemplo de casa ou de emprego, ou passar-se por experiências marcantes como viagens longas e fortes. A estrela Tian Ma indica que devem surgir alterações na vida dos nativos de Porco. Acima de tudo, importa salientar que o Porco este ano está por sua conta e risco, sendo que terá de se dedicar a sério em todas as componentes da vida.



Doutores ‘made in Macau’

Em Macau, das 10 instituições de ensino superior há cinco que oferecem cursos de doutoramento. Ikram Saadaoui, Alexandre Lebel, Rachel Li, Eric Chan e Cristina Yang Shu contam porque escolheram Macau para estudar na fase mais exigente da carreira académica

Eric Chan, Alexandre Lebel, Rachel Li, Cristina Yang Shu e Ikram Saadaoui são uma ínfima parte dos 3020 alunos que frequentavam doutoramentos no ano lectivo 2019/2020. Os dados mais recentes da Direcção dos Serviços do Ensino Superior (DSES), referentes ao ano lectivo passado, mostram que a maioria (1206) estudava na Universidade de Macau, seguida da Universidade de Ciência e Tecnologia de Macau, com 1096 doutorandos. Do total, 323 eram estudantes locais e 2697 do exterior.

Se os estudantes locais têm vindo a diminuir, o mesmo não acontece com os de fora, maioritariamente os que chegam do Interior do País. Em 2010/2011, os alunos de Macau matriculados em instituições locais em todos os níveis do ensino superior eram 17.295; no ano lectivo passado ficaram-se pelos 15.969. Já os do exterior, eram 15.248 em 2010/2011, mas depois de uma queda significativa no ano subsequente, voltaram a aumentar. No ano lectivo de 2019/2020, eram 20.138.

Em resposta à MACAU, a DSES explica que há cinco instituições que oferecem o grau de doutoramento: a Universidade de Macau, a Universidade de Ciência e Tecnologia de Macau, a Universidade da Cidade de Macau, a Universidade de São José e o Instituto Politécnico de Macau. Os cursos oferecidos cabem a cada entidade, em função das áreas que priorizam. “As instituições do ensino superior de Macau têm as suas características, os seus rumos de desenvolvimento definidos e posicionamentos de ensino claros. Há instituições que privilegiam o ensino integrado, combinando a pedagogia com a investigação, e as que se concentram nas disciplinas aplicadas e no ensino com orientação profissional”, explica o organismo.

A DSES salienta que há áreas que têm tido mais protagonismo, em resposta ao posicionamento de Macau como ‘Um Centro, Uma Plataforma’, como é o caso dos cursos de Português, Tradução em Chinês/Português, Turismo, Convenções e Exposições, Gestão do Património Cultural, Artes, Design, Criatividade Cultural, Gestão Culinária, Gestão de Indústria de Serviços, e de Resorts, Estudos de Países de Língua Portuguesa e Relações Económicas e Comerciais Sino-Portuguesas. “Entre estes

cursos, estão vários na área do Turismo, ministrados por algumas instituições do ensino superior, que já obtiveram a credenciação de educação turística de qualidade TedQual, da Organização Mundial do Turismo das Nações Unidas.”

O organismo acrescenta ainda que se tem apostado na diversidade e sublinha que muitas instituições do ensino superior locais foram certificadas por entidades internacionais de avaliação ou organizações profissionais nas áreas de Gestão Empresarial e Direito, Arquitectura e Engenharia, Tecnologia da Informação e Comunicação, Ciências Sociais, entre outras.

A par da oferta, a DSES refere também a criação de laboratórios de referência como os de Estado em Circuitos Integrados em Muito Larga Escala Analógicos e Mistos, para Investigação de Qualidade em Medicina Chinesa, de Internet das Coisas da Cidade Inteligente, e para a Ciência Lunar e Planetária. “Pode afirmar-se em pleno que as instituições do ensino superior de Macau têm um nível superior de ensino e investigação nestas áreas profissionais, podendo também ajudar a promover o futuro desenvolvimento das instituições na inovação e criatividade das respectivas áreas.” 

HÁ ÁREAS QUE TÊM TIDO MAIS PROTAGONISMO, EM RESPOSTA AO POSICIONAMENTO DE MACAU COMO ‘UM CENTRO, UMA PLATAFORMA’, COMO É O CASO DOS CURSOS DE PORTUGUÊS, TRADUÇÃO EM CHINÊS/ PORTUGUÊS, TURISMO, CONVENÇÕES E EXPOSIÇÕES E GESTÃO DO PATRIMÓNIO CULTURAL



Ikram Saadaoui diz que não escolheu Macau, mas foi Macau que a escolheu a ela. A cidade não estava nos planos da tunisina que planeava seguir os estudos em França, por ser fluente em francês, a sua segunda língua e por estar mais perto de casa. A região caiu-lhe no colo por sugestão de um antigo professor, que insistiu que devia fazer o doutoramento na China, mais especificamente em Macau. Depois de pesquisar sobre o território – que desconhecia por completo –, decidiu que era o destino perfeito para prosseguir os estudos. “O que me atraiu mais foi a mistura entre as culturas portuguesa e chinesa. Nunca tinha viajado, e foi o principal motivo”, conta-nos na biblioteca da Universidade de Ciência e Tecnologia de Macau (MUST, na sigla inglesa), onde estudou depois de conseguir uma das bolsas para o grau de doutor.

Além de poder conhecer as culturas europeia e chinesa no mesmo lugar, salienta outro ponto que pesou a favor: “Enquanto muçulmana, era determinante encontrar um sítio que fosse seguro, com diversidade cultural e que respeitasse pessoas de diferentes contextos. Aqui sempre me senti acolhida e respeitada.”

O doutoramento foi mais um passo na car-

reira, que iniciou há 10 anos. Depois da Licenciatura e Mestrado em Engenharia Informática, na National Institute of Applied Sciences and Technology (INSAT), em Tunes, e de dois anos a trabalhar numa empresa internacional na capital da Tunísia, percebeu que queria voltar a estudar. Foi assim que iniciou o doutoramento em Engenharia dos Sistemas, no Macau Institute of Systems Engineering da MUST.

“Antes de se implementar um sistema na vida real, temos de criar um modelo. O processo é semelhante ao da construção de infra-estruturas. Para serem construídas, tem de haver um desenho feito por um arquitecto e só depois, caso esteja tudo bem, é que se avança. O mesmo acontece com os sistemas. Fazemos um modelo, que não é o real, simulamos como se comporta num computador e só depois, se tudo estiver bem, é que se pensa em implementar”, explica.

Ikram Saadaoui, de 29 anos, dedica-se sobretudo à segurança de sistemas complexos. “O meu trabalho é garantir que a informação pessoal recolhida pelos diferentes sistemas não fica exposta, nem acessível!”, detalha. Uma sociedade cada vez mais informatizada realça a relevância do que faz e mostra como está



IKRAM SAADAOU

Universidade de Ciência e Tecnologia de Macau
Recém-doutorada
em Engenharia dos Sistemas

presente no dia-a-dia. Dá o exemplo das caixas multibanco – que identificam o utilizador através da informação do cartão – e do voto online, cada vez mais usado nos processos eleitorais. “São sistemas muito complexos. Ao mesmo tempo que devem ser transparentes ao público, têm de conseguir preservar a privacidade dos eleitores, ninguém deve saber em quem se votou. Ou seja, temos de nos assegurar que é transparente e confidencial.”

A parte criativa é outra das aliciantes que a cativa na área das novas tecnologias, na qual sente interesse desde pequena e que escolheu por ser tão necessária nos tempos de hoje. “Quando o sistema não existe, temos de o imaginar, conceber e testar em diferentes cenários. Acaba por ser um processo criativo e eu gosto dessa componente artística.”

A paixão e a experiência facilitaram esta fase

na academia, que começou em 2017. No primeiro e segundo anos do doutoramento ainda teve aulas, mas só aos fins-de-semana – horário pensado para permitir que estudantes-trabalhadores também frequentem os cursos. A organização do curso acabou por lhe ser favorável ainda que não trabalhasse, porque permitiu que avançasse com a sua investigação durante a semana. Dedicou-se a fundo ao seu trabalho de pesquisa no terceiro e último ano da formação.

O receio de não conseguir dominar a língua chinesa – que antecipava ser um dos principais obstáculos – também acabou por se dissipar, já que o doutoramento foi todo em inglês e tanto professores como colegas tinham bom nível do idioma. “Publiquei três artigos académicos em inglês. Não houve qualquer problema.”

Ainda assim, lamenta ter aprendido pouco de chinês. Chegou a tentar, mas o doutoramento consumia-lhe o tempo que a língua também exige. “A experiência foi fabulosa. Integrei-me bem. Tinha colegas de vários sítios, incluindo da minha zona, como da Tunísia e Argélia”, sublinha. Durante a estadia de três anos do curso que concluiu em Julho, viveu em Macau e na Taipa, e dedicou-se sobretudo a conhecer a cidade e Hong Kong. Gostava de ter viajado mais, mas nunca conseguiu o visto para ir ao Interior do País e nas vezes que pensou em viajar pelo Sudeste Asiático acabou por ser desencorajada por amigos mais medrosos.

“O que me chamou muito atenção aqui foi a presença da herança portuguesa”, refere. Aponta como maior desvantagem a distância do país natal, onde só ia uma vez por ano, nas férias de Verão. “Períodos como o Ano Novo Chinês, em que todos os meus colegas voltavam a casa e eu ficava praticamente sozinha na universidade, eram bastante duros.”

Ainda assim Macau marcou-a, e tanto que, a concretizar-se o que deseja, o futuro passará por esta parte do mundo. “Quando passamos tanto tempo num sítio, acabamos por nos habituar. Talvez procure trabalho no Interior do País. A longo prazo quero voltar para a Tunísia, mas a curto prazo gostaria de ficar, quero descobrir e conhecer mais da cultura chinesa. Há muito mais que gostava de saber. Quero prosseguir a vida académica e quem sabe tornar-me professora.” 



“ENQUANTO MUÇULMANA,
ERA DETERMINANTE ENCONTRAR
UM SÍTIO QUE FOSSE SEGURO,
COM DIVERSIDADE CULTURAL
E QUE RESPEITASSE PESSOAS
DE DIFERENTES CONTEXTOS.
AQUI SEMPRE ME SENTI ACOLHIDA
E RESPEITADA”



O patuá, crioulo de Macau em vias de extinção, foi a escolha de Alexandre Lebel para o doutoramento na Universidade de São José (USJ). Curioso e interessado na origem das coisas, acabou por ser uma escolha natural. A licenciatura em Antropologia na Universidade de Montreal (2002 a 2009), e o mestrado em Ambiente, que também completou na USJ entre 2015 e 2017, não deixavam adivinhar que a linguística fosse a opção seguinte, mas Alexandre salienta as semelhanças. “Há um ponto comum: todas procuram perceber a origem de fenómenos através da pesquisa, de mergulhar num assunto. A arqueologia foi o que me atraiu na antropologia, que implica escavar o solo para se perceber um fenómeno. O mesmo se passa com a linguística, na qual temos de mergulhar nos arquivos e escavar, escavar, escavar para perceber a língua. Além disso, a vertente cultural da antropologia sempre foi a que mais me interessou.”

Desconhecia o patuá antes de chegar – ou

melhor dizendo, regressar mais tarde – a Macau, onde nasceu em Julho de 1982. Foi na USJ que teve um conhecimento mais profundo do idioma depois de ter sido desafiado pelo actual orientador, Alan Baxter – especialista na investigação do português afro-brasileiro, dos crioulos de Malaca e de São Tomé e Príncipe e com vasta obra feita no estudo e na divulgação do patuá – a integrar a investigação sobre o tema. Como queria voltar às humanidades, decidiu aceitar a proposta. Começou em Janeiro de 2016, e espera terminar em breve.

“A grande mais-valia do doutoramento é o tema. A política cultural de Macau é algo muito particular. É uma cidade desenvolvida, com um estilo de vida moderno. O inconveniente de estudar aqui é que é muito pequena e acaba por ser limitada na oferta e troca de experiências. Não há tanta especialização e diversidade como nos EUA ou na Europa.”

Além da estrutura gramatical da língua, a pes-



ALEXANDRE LEBEL
Universidade de São José
Doutorando em Linguística

quiza que tem em mãos centra-se sobretudo na parte histórica. “Através de documentos que remontam ao século XIX, estamos a fazer a comparação do patuá com outros crioulo da zona. O império colonial português abrangeu locais na Índia, Timor, Malásia e havia uma comunicação entre esses portos. As línguas que as pessoas usavam para o comércio assim como os colonos estão interconectadas”, afirma.

“A ideia que vinga é que o patuá resulta de uma mistura entre as culturas chinesa e portuguesa, mas é muito mais complexo e envolve outras comunidades asiáticas na Índia, Sri Lanka, Malásia. A origem do patuá é muito interessante. Apesar de ser normalmente representado como um resultado da mistura entre o português e o chinês, é muito mais que isso.”

Admite que é um campo difícil, especialmente devido à escassez de documentos escritos em e sobre o patuá, por ser uma língua pouco falada e porque tem sofrido mutações em função da época e de quem a usa. Exemplifica com o grupo de teatro local Dóci Papiçám di Macau e

dos textos do actor e professor macaense Carlos Coelho, que também moldaram o dialecto.

O obstáculo acaba por ser também a riqueza do campo de investigação que escolheu, já que essas alterações reflectem características de períodos e comunidades, que acabam por ser reveladoras de pontos importantes sobre a sociedade e o indivíduo. “Quando se pensa numa nação, pensa-se numa língua. A comunidade macaense, por exemplo, comprova que nem sempre tem de ser assim. Sente-se confortável com diferentes idiomas, nações e culturas, e continua a ter um sentimento de identidade. A evolução do patuá mostra inclusivamente que uma língua não tem de ter regras rígidas e acaba por se tornar no que os falantes fizerem dela. No caso do patuá, o que vai sendo acrescentado nunca é encarado como errado ou que desrespeita o original”, argumenta. “Este aspecto é muito interessante porque no mundo, e falando nos casos de Macau e Hong Kong, que nos são próximos, há questões linguísticas. Há a percepção de que é a língua que nos define. O que a comunidade acaba por nos ensinar é que não é assim tão importante ter uma visão monolítica da mesma.”

“Macau tem uma componente especial e única no que respeita ao contexto cultural porque é uma mistura interessante de vários horizontes e influências”, realça, como mais um argumento que o convenceu a enveredar pela especialização num assunto relacionado com o contexto cultural da cidade.

Apesar do interesse com que fala da tese, confessa que o futuro pende mais para o Ambiente, que nunca abandonou totalmente. Entre 2009 e 2015, trabalhou na área no Canadá, onde cresceu e viveu antes de voltar a Macau.

Na cidade, esteve envolvido em projectos como o “Nature-based Solutions for a Cleaner and Safer Macao”, financiado pela Clean the World Foundation; e o “Bringing science to the schools in Macao: from genes to ecosystems”, do Fundo para o Desenvolvimento das Ciências e da Tecnologia (FDCT) – projecto da USJ relacionado com a recuperação das florestas de mangais, desenvolvido há cerca de 10 anos e seleccionado para uma série documental da BBC. Ainda sem planos concretos, sabe que por enquanto quer ficar em Macau depois de terminar o doutoramento. **M**

“MACAU TEM UMA COMPONENTE ESPECIAL E ÚNICA NO QUE RESPEITA AO CONTEXTO CULTURAL PORQUE É UMA MISTURA INTERESSANTE DE VÁRIOS HORIZONTES E INFLUÊNCIAS”



O doutoramento não estava nos planos. Segui a carreira académica por conselho dos pais. Passados três anos e na recta final, diz que foi das melhores experiências que teve. O passo que nunca pensou dar mudou-lhe o rumo. A concretizarem-se os planos, para o ano estará em Portugal para fazer um pós-doutorado no Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE), a convite da Universidade de Lisboa. “Não tinha a ambição de fazer o doutoramento, mas agora sinto-me feliz por ter tomado esta decisão. Tenho muito claro que quero continuar a minha investigação mesmo depois de terminar o doutoramento.”

E assim será, mas em Portugal, onde quer conciliar o curso no ISCTE com outro sobre a China e os países de língua portuguesa na Universidade de Coimbra. O desfecho foi o resultado da investigação que tem em mãos: parcerias chinesas no âmbito da iniciativa “Uma Faixa, Uma Rota” com a tónica nas relações com os países lusófonos. Diz que a sorte lhe caiu no colo. O que era para ser só um trabalho para uma disciplina se tornou no tema da tese.

Licenciada em Direito pela Universidade de Nanjing e mestre na mesma área pela Universidade de Macau, achou que fazia sentido enveredar agora pelo âmbito das Relações Internacionais. Decidiu-se pelo programa de Doutoramento em Estudos dos Países de Língua Portuguesa, da Universidade da Cidade de Macau (CityU, na sigla em inglês), por causa do enfoque na lusofonia.

“Há um grande interesse dos alunos chineses neste instituto, mas a maioria julga que se limita ao ensino do português. Diria que o mais importante é o que aprendemos sobre as relações entre a China e os países de língua portuguesa”, vinca.

Acréscita às vantagens as oportunidades que teve na cidade. Salienta as diversas conferências em que participou e os simpósios anuais organizados pela CityU, dos quais resulta um livro com os trabalhos dos participantes. Para o ano, será publicado o que também assina por ter sido uma das intervenientes da última conferência. Há mais dois detalhes a acrescentar à lista: em 2019 ganhou o prémio de melhor artigo académico, e este ano a bolsa do Instituto de Estudos Europeus.

“A última fase de investigação da minha tese é sobre a resposta a problemas, ou seja, o po-

tencial e vantagens do centro de arbitragem em Macau no que respeita às relações entre a China e os países de língua portuguesa”, detalha. “Basicamente, quero seleccionar diferentes centros de arbitragem na China, Portugal, Macau entre outros, talvez de Hong Kong e Singapura, e conduzir um estudo comparativo. Espero que a minha investigação contribua para reforçar o papel de Macau.”

Além da parte académica, cativa-a o ambiente. Cada turma do doutoramento tem por norma 15 alunos, e apesar da maioria ser do Interior do País há sempre alguns estudantes de outras partes do mundo. Desde que iniciou a formação, teve colegas de Cabo Verde, Portugal, Moçambique e Índia. As aulas são em chinês e inglês, em função da cadeira, mas Rachel acabou por aprender cantonês e português. Dedicou-se à língua portuguesa por iniciativa própria. Depois de um curso na Universidade de Macau e outro online de Verão na Universidade do Porto, já diz em português que consegue falar “um pouco”. Quanto ao cantonês, conta que sempre percebeu, mas não falava. Hoje é fluente graças à ajuda do colega com quem partilha casa e aos cinco anos que já leva na cidade. “Na altura de escolher um mestrado, submeti candidaturas em Macau e no Interior do País. Acabei por escolher Macau. Já tinha feito a licenciatura em Nanjing, cidade próxima da minha terra natal, e Macau era novidade”, refere.

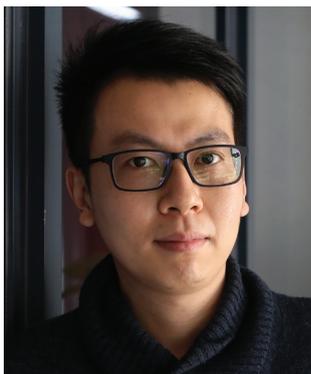
“A vida em Macau é muito agradável. O que mais me tem marcado são as pessoas, muito acolhedoras e simpáticas. Fascina-me como são prestáveis e dedicadas mesmo quando não há uma relação próxima.” M



RACHEL LI

Universidade da Cidade de Macau
Doutoranda em Estudos dos
Países de Língua Portuguesa





ERIC CHAN

Universidade de Macau
Recém-doutorado em Engenharia
Electromecânica

Nasceu, cresceu e foi em Macau que cumpriu o percurso académico. O doutoramento no território foi um passo óbvio para Eric Chan, que queria aprofundar ainda mais conhecimentos na área da Engenharia Electromecânica, a que se dedica desde a licenciatura (2005-2009). Fez todo o seu percurso na Universidade de Macau – o mestrado entre 2009 e 2011, seguido do doutoramento e agora, mais recentemente, tornou-se investigador da instituição.

Nunca interrompeu a vida académica. Começou o doutoramento logo depois do mestrado, em 2011, e concluiu-o em finais do ano passado.

Ao longo da última década, o tempo foi consumido entre o curso e o trabalho na faculdade. “Uma das grandes lições do doutoramento é aprender a ser independente. Temos um orientador que nos aconselha, mas a maioria das vezes estamos por nossa conta e somos nós que temos de procurar a solução para o problema. É de um grau de exigência muito elevado que nos obriga a sermos determinados se queremos cumprir as metas a que nos propomos. Ter o diploma é muito importante, mas o caminho é ainda mais.”

Confessa que não foi fácil, e agora que estava

“CONHECEM-SE VÁRIAS PESSOAS DA ÁREA E QUE ESTÃO EM BOAS EMPRESAS E EM CARGOS IMPORTANTES. É A MELHOR FORMA DE SE ENTRAR NO MERCADO”



prestes a terminar, quando falou com a MACAU, só pensava em dedicar mais tempo aos hobbies, como a música e a fotografia. “Estudar e trabalhar foi bastante complicado. Passava praticamente todos os fins-de-semana e férias, como o Ano Novo Chinês, encerrado no quarto a escrever a tese”, recorda Eric, agora com 33 anos.

Não o lamenta. Está convicto de que acertou na carreira. Quer continuar a trabalhar na Universidade de Macau e na área que elegeu, sobretudo pelos benefícios que os estudos que tem levado a cabo podem representar para a sociedade. “A tecnologia é fundamental hoje em dia. Está em tudo na nossa vida e está-se sempre a inventar novas formas de a usar. Na minha linha de investigação procuro criar vias alternativas na área da electromecânica usando a tecnologia para reduzir a poluição.”

Em jeito de balanço, fala das vantagens e desvantagens de estudar em Macau. Diz que para quem quer trabalhar na cidade é sem dúvida fundamental, sobretudo na licenciatura, já que é a melhor forma de se conhecer a sociedade local e também de se ganhar uma rede de contactos que podem depois abrir portas. “Conhecem-se várias pessoas da área e que estão em boas empresas e em cargos importantes. É a melhor forma de se entrar no mercado”, salienta. Já sobre o doutoramento, aponta como grande mais-valia o apoio da universidade para tirar o maior proveito de outra componente inerente à academia: o contacto com outras universidades e investigadores. “Já estive nos Estados Unidos, Japão, Xangai, Hong Kong. Assisti a inúmeras conferências. Ao mesmo tempo, ter estudado aqui também me permitiu continuar com outros interesses que tenho, como a música e a fotografia.”

A ausência de alunos de outras partes do mundo é a desvantagem que encontra em escolher Macau. “Há alguns estudantes de fora, mas não há assim tantos como noutros locais. No caso da licenciatura, a maioria são locais. No doutoramento, são sobretudo do Interior do País”, afirma.

Já os professores são maioritariamente de Macau, do Interior do País e de Hong Kong, mas o doutoramento é lecionado em inglês. “Não houve problema nenhum. Aliás, seria muito mais difícil em chinês porque já estava habituado ao idioma uma vez que a licenciatura e o mestrado já foram em inglês”, realça. **M**



Foi no curso de Linguística, na Universidade de Estudos Estrangeiros de Tianjin, na China (2005-2009), que Cristina Yang Shu despertou para a língua portuguesa. O caminho que começou por traçar há quase uma década trouxe-a a Macau e conduziu-a ao doutoramento em Português do Instituto Politécnico de Macau (IPM), onde também dá aulas há quatro anos. “Senti a necessidade de formação mais aprofundada. Depois de contactar com várias universidades e de conhecer os currículos, achei que o programa do IPM era o ideal para mim”, começa por dizer.

O curso está dividido em três áreas de especialização: ensino de língua portuguesa, literatura e cultura dos países e regiões de língua portuguesa e estudos de tradução, e inclui, entre outras, as cadeiras de Didáctica, Gramática e Tradução. “Também temos literaturas e culturas de Portugal, do Brasil e de outros países lusófonos. Combinando todos os facto-

res, achei que era perfeito”, acrescenta a professora de 33 anos, originária da província de Jiangsu.

O passo foi natural depois de 10 anos de carreira como docente, tanto em Macau como no Interior do País, tendo leccionado português na universidade onde se licenciou, em Tiajin, até 2016.

Antes passou ainda por Portugal, onde fez um ano de intercâmbio no terceiro ano da licenciatura e voltou para fazer o mestrado, entre 2012 e 2014, na Universidade do Minho. “Gosto do ensino e acho importante dedicarme a um estudo relevante enquanto professora. Ainda existem muitas lacunas na área do ensino do português como língua estrangeira para chineses. Acho que é pertinente a investigação nessa área e o IPM tem professores para me orientar.”

O currículo e a facilidade de contactar com docentes e orientador por ser também a cidade



CRISTINA YANG SHU
Instituto Politécnico de Macau
Doutoranda em Português

onde vive e trabalha foram outros dos factores que a convenceram a optar pelo IPM. “Acho fundamental o contacto presencial”, frisa, lamentando, por outro lado, a ausência do mesmo contacto com instituições e alunos da área lá fora. “Aqui somos só nós, um grupo pequeno. É difícil chegar ao outro lado do mundo, Portugal ou Brasil. Falta-nos um contacto mais próximo com outros lusófonos.”

Escolheu a área da linguística inicialmente por interesse, mas também por achar que pode contribuir para a política e relações entre países, neste caso entre Portugal, os países lusófonos e a China.

Com o doutoramento, que iniciou em 2019 e que deverá concluir em 2022, Cristina Yang espera consolidar a formação, mas também ajudar à consolidação de Macau como plataforma entre a China e os países de língua portuguesa – objectivo que diz ser transversal aos colegas, maioritariamente professores universitários

em Macau e no Interior do País. “É um motivo comum a todos os doutorandos deste curso. O português é uma língua que nos traz vantagens no campo profissional. Podemos aproveitar o doutoramento e conhecimentos adquiridos para formar mais tradutores e intérpretes para os governos de Macau e da China.” 

“O PORTUGUÊS É UMA LÍNGUA QUE NOS TRAZ VANTAGENS NO CAMPO PROFISSIONAL. PODEMOS APROVEITAR O DOUTORAMENTO E CONHECIMENTOS ADQUIRIDOS PARA FORMAR MAIS TRADUTORES E INTÉRPRETES PARA OS GOVERNOS DE MACAU E DA CHINA”



ESTAMOS MAIS PERTO DE SI!

Macau 澳門

A PARTIR DE AGORA A REVISTA MACAU PODE SER LIDA ATRAVÉS DE UM SIMPLES CLIQUE

Disponível na Apple Store e no Google Play, a nova aplicação da **MACAU** em língua portuguesa para telefones inteligentes, tabletes e computadores disponibiliza, em formato PDF, todas as revistas da série IV. Pode mesmo descarregar a edição pretendida e lê-la, mais tarde, em modo offline.



EDUCAÇÃO

Da escola para o palco

A Escola de Teatro do Conservatório de Macau foi lançada em 1989 como incubadora de talentos. Mais de 30 anos depois, o panorama teatral e a produção artística local estão mais reforçados e a crescer. Há alunos que se tornam actores e encenadores profissionais, outros prosseguem a formação académica no exterior e há quem crie novas associações de teatro. A MACAU foi saber como está o ensino do teatro em Macau

Para José Ieng Un Ku, professor da Escola de Teatro do Conservatório de Macau durante mais de uma década, o panorama teatral contemporâneo da cidade está a “florescer”. Porque, diz ele, “há muitos estudantes que, depois de frequentarem a nossa escola, vão para o exterior para estudar profissionalmente. E, quando voltam, iniciam a sua própria companhia de teatro, a sua própria associação”, explica o agora antigo docente da Escola de Teatro nas áreas de representação, teatro infantil, teatro para jovens e teatro na educação. Actualmente, acrescenta, “podemos ver cada vez mais projectos e representações no Festival de Artes de Macau ou no Fringe. Os antigos estudantes começaram a usar o teatro também como ferramenta para trabalhar com a comunidade, com os idosos ou as pessoas com deficiências”.

A Escola de Teatro do Con-

servatório de Macau, fundada em 1989 pelo Instituto Cultural (IC), tem contribuído para o desenvolvimento das artes performativas em Macau, na opinião de estudantes, profissionais e aficionados do teatro contactados pela MACAU. A escola não atribui graus académicos, nem certificados, estando antes vocacionada para funcionar como incuba-

dora de talentos, desenvolver a criatividade e a capacidade de expressão e comunicação dos estudantes, contando com mais de 370 alunos no ano escolar de 2019/2020. Ao oferecer formação básica em artes performativas, cultivando o interesse pelo teatro em crianças e adultos, a escola tem servido de rampa de lançamento para estudantes procurarem formação académica em universidades no exterior e criarem as suas próprias associações de teatro em Macau.

A ESCOLA DÁ AS BASES

O teatro aplicado é uma das áreas em que se especializou Nicole Wong, que dedicou seis anos a estudar dramaturgia, representação e outras matérias que lhe deram conhecimentos sólidos para lançar-se como encenadora. Mais tarde, essas bases permitiram-lhe introduzir-se no teatro aplicado como forma de gerar consciência so-

A ESCOLA DE TEATRO DO
CONSERVATÓRIO DE MACAU,
FUNDADA EM 1989 PELO
INSTITUTO CULTURAL,
TEM CONTRIBUÍDO PARA O
DESENVOLVIMENTO DAS ARTES
PERFORMATIVAS EM MACAU



bre determinadas situações e contribuir para um posicionamento crítico. “Antes de ingressar na escola, eu tinha um conhecimento muito limitado sobre teatro. Lá eles oferecem conhecimentos elementares importantes para que possamos ter uma base sólida para começar”, explica a jovem de 34 anos.

Depois de deixar a escola, encenar com a Associação de Representação Teatral Hiu Kok foi o primeiro passo para Nicole mostrar que estava à altura de criar um espectáculo. Apresentou duas peças na série da Hiu Kok dedicada aos novos encenadores, em Novembro de 2011, “A Metamorfose de Phoebe”, que escreveu e encenou, e outra em Dezembro de 2012, “Amor por toda a sua vida”, para a qual escreveu o argumento. Depois disso, Nicole seguiu para Taiwan, onde estudou Teatro Aplicado. Escreveu o texto e encenou “Migrações”, peça apresentada pelo



Um dos ensaios dos actores da Associação de Representação Teatral Hiu Kok

Teatro Experimental de Macau, na edição de 2018 do Festival de Artes de Macau, com um elenco composto por elementos da comunidade imigrante indonésia em Macau e enredo focado nas suas histórias de vida. Actualmente, enquanto funcionária do Centro de Ciência de Macau, Nicole Wong aplica o teatro à ciência e à educação.

Para Gary Ng Ka Wai, de 32 anos, a Escola de Teatro ensinou-lhe técnicas de representação em palco. Mas “o ponto alto foi aumentar o meu interesse e paixão pelo teatro. Isso fez-me decidir ir para Taiwan fazer um mestrado em Artes Performativas, em 2016”, explica o antigo estudante. Gary regressou de Taiwan em 2019

e tem trabalhado para várias companhias locais.

O jovem acredita que o teatro poderia ter mais espaço na agenda cultural do território. “Espero que o teatro de Macau possa se desenvolver cada vez mais e melhor. Como cidade de cultura, acho que Macau deveria ser mais inclusiva em termos de actuações teatrais. No momento, o teatro não tem lugar garantido, mas acredito que melhorará no futuro.”

Bobo Leong Ka Wai, 32 anos, frequentou cursos na Escola de Teatro entre 2009 e 2016 e já colaborou com várias companhias. Diz que na escola adquiriu bases em representação, teatro na educação, direcção de cena. Mas, acabou por

se dedicar mais à produção e organização de eventos culturais, área onde julga haver mais oportunidades, deixando de lado a ideia de representar em palco. “Não tenho talento para ser actriz, também não é fácil ser actor a tempo inteiro. Isso fez-me pensar numa maneira diferente de desenvolver a minha carreira no teatro. Então percebi que podia dedicar-me à organização de espectáculos.” Actualmente, Bobo combina o teatro com a profissão de agente imobiliária.

ACORDAR PARA O TEATRO

José Ieng Un Kun faz parte da primeira geração de professores da Escola de Teatro onde ensinou entre 2005 e 2016,

tendo regressado por alguns meses em 2019. “Alguns dos professores da escola foram meus alunos, muitos estudantes quando terminam a nossa escola vão para Taiwan, Hong Kong, Pequim, Xangai para prosseguir com os estudos na universidade. Quando se formam, alguns voltam e ingressam na escola de teatro e tornam-se professores. Outros fundaram as suas próprias companhias de teatro”, diz.

A Escola de Teatro do Conservatório de Macau “é a única instituição de ensino em Macau que fornece formação básica sistemática e formal de representação teatral, oferecendo programas para diferentes idades, a partir dos seis anos”, indica o IC. Todos os programas são conduzidos em regime de tempo parcial, “visando nutrir talentos locais e promover a educação artística para o público em geral”, acrescenta o organismo responsável pela escola.

Actualmente com nove docentes, a Escola de Teatro dá formação em teatro e em ópera cantonense, oferecendo 13 programas, todos em cantonês, incluindo cursos de um ano e de três anos. Nos cursos anuais ou plurianuais incluem-se matérias como Teatro para Jovens, Representação, Dramaturgia, Técnicas de Maquilhagem de Palco e Teatro na Educação. A escola “utiliza textos e práticas de tradição ocidental e oriental/chinesas, com um currículo que enfatiza a teoria e a prática. Os alunos podem aprender a disciplina básica do teatro e adquirir o conhecimento geral do desenvolvimento do

teatro. Depois de concluírem os cursos oferecidos pela escola, podem escolher tornarem-se actores de profissão ou continuar os estudos em instituições de arte terciárias ou de teatro no exterior”, indica o IC. Cerca de 250 alunos formaram-se em programas de três anos focados na representação e na dramaturgia nos últimos 10 anos, informa ainda o IC.

“Acho que, como existe apenas uma escola dedicada ao teatro, com professores que são profissionais, porque o ensino é dirigido a crianças e adultos, a sociedade torna-se mais consciente da arte teatral. A partir daí, incentivamos as pessoas a desenvolverem as suas próprias associações de teatro”, prossegue José Ieng Un Kun, que tem um mestrado em Encenação pelo Instituto de Rose Bruford, da Universidade de Manchester (Reino Unido) e completou em Singapura o Programa de Formação e Pesquisa Teatral.

O também actor e encenador conta que, em miúdo, queria ser estrela de cinema e televisão. Mas como estas indústrias em Macau não existiam na sua juventude, o jovem optou pelo teatro. Em 2013 fundou em parceria com amigos a “Artistry of Wind Box Community Development Association” e, em 2018, lançou a associação teatral, “The Funny Old Tree Theatre Ensemble”, que agora se dedica ao teatro de rua direccionado para as escolas. O objectivo é “divulgar a arte teatral, consciencializar mais as pessoas sobre esta forma da arte, não apenas dentro das



Fernando Sales Lopes, fundador do grupo de arte dramática Min Koi — Máscara

salas de teatro, mas em todos os lugares, e sensibilizar o público”, explica.

EXPLORAR O POTENCIAL CRIATIVO

As associações de teatro começaram por ser a única escola disponível em Macau e continuam a desempenhar um papel importante no ensino da arte da representação. Billy Hui, director artístico da Associação de Representação Teatral Hiu Kok, fundada em 1975, conta que na sua juventude, nas décadas de 1980 e 1990, era “muito difícil encontrar formação de actores em Macau, estes aprendiam com os mais velhos”. Além disso, a situação económica de muitas famílias não permitia que

ACTUALMENTE COM NOVE
DOCENTES, A ESCOLA DE
TEATRO DÁ FORMAÇÃO
EM TEATRO E EM ÓPERA
CANTONENSE, OFERECENDO
13 PROGRAMAS, TODOS EM
CANTONÊS, INCLUINDO CURSOS
DE UM ANO E DE TRÊS ANOS

os jovens fossem estudar para fora, acrescenta. O próprio Billy diz que se tornou um homem do teatro aprendendo com os mais experientes, frequentando *workshops* em Hong Kong de representação, escrita para teatro, encenação, direcção artística e, ainda, assistindo a peças de teatro, vendo filmes e lendo livros.

Nessa época, conta Billy, a Hiu Kok organizava sessões de formação de cerca de três meses para actores, seguiam-se mais três meses de ensaios e a representação pública da peça em palco funcionava como um exame de qualificação para os principiantes. “A partir de 2006, a Escola de Teatro do IC começou a desenvolver-se cada vez mais, e passou a poder fornecer mais recursos de formação”, explica Billy.

Foi quando a Hiu Kok re-

duziu as suas sessões de formação, apesar de continuar a organizar *workshops* para actores veteranos, acrescenta. Em todo o caso, lembra o director artístico da Hiu Kok, a Escola de Teatro não está vocacionada para competir com escolas de Hong Kong ou do Interior do País. “A sua estrutura e alvo são completamente diferentes. A Escola de Teatro do IC não oferece cursos a tempo inteiro, é mais focada em explorar o potencial do aluno, fazer com que goste de teatro, enquanto que as escolas de Hong Kong e do Interior do País oferecem cursos universitários com o objectivo de formar actores profissionais”, explica.

Entretanto, em 2019, e depois de muitos anos, a Hui Kok voltou a ter aulas. Trata-se de uma formação abrangente para principiantes, que inclui

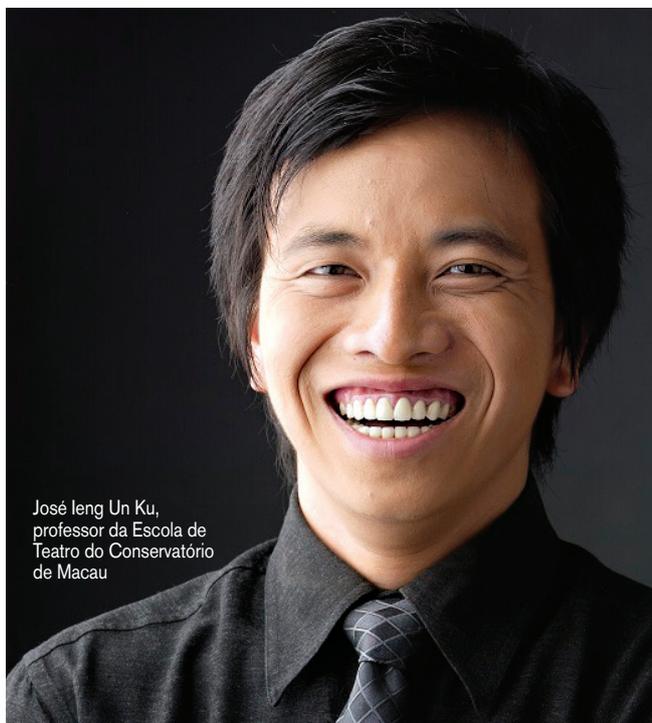


Erik Kuong,
produtor teatral

representação, mas também outras disciplinas. “Queremos abrir as mentes com mais elementos teatrais”, explica.

Há, no entanto, quem gostasse de ver a Escola de Teatro a crescer e a tornar-se numa academia de ensino com mais competências. Na opinião do produtor teatral independente Erik Kuong, seria importante redefinir o estatuto da Escola de Teatro do Conservatório de Macau. Para Kuong, a instituição “não funciona como uma verdadeira escola, uma vez que não pode fazer planos de aulas como uma escola nem emitir certificados”, por exemplo. O também gestor e director criativo da Creative Links, do BOK Festival e da “Point View Art Association”, reconhece, no entanto, que o IC, através do Festival de Artes de Macau, “tem colocado mais recursos nas produções locais nos últimos 10 anos, o que é bom”, afirma. Mas, “há ainda aspectos-chave que podem ser melhorados, nomeadamente a qualidade artística das produções locais”, adiciona.

Essa melhoria poderia fa-



José Ieng Un Ku,
professor da Escola de
Teatro do Conservatório
de Macau

OS ALUNOS PODEM APRENDER A DISCIPLINA BÁSICA DO TEATRO E ADQUIRIR O CONHECIMENTO GERAL DO DESENVOLVIMENTO DO TEATRO. DEPOIS DE CONCLUÍREM OS CURSOS, PODEM ESCOLHER TORNAREM-SE ACTORES DE PROFISSÃO OU CONTINUAR OS ESTUDOS NO ESTRANGEIRO

zer-se, explica, quer alargando o prazo para a produção de novas peças pelas companhias seleccionadas para integrarem a programação do festival – que é agora de apenas cinco meses –, quer convidando curadores locais ou do exterior para comissionar as produções, com pelo menos três anos de antecedência. Esta opção poderia “ajudar a promover as produções locais no estrangeiro, uma vez que o curador tem as suas próprias redes”, sugere o produtor, que se dedica a promover no mercado internacional produções de Macau.

TEATRO COM IDENTIDADE

O jornalista, historiador, fundador do grupo de arte dramática Min Koi – Máscara, Fernando Sales Lopes, confirma que quando chegou a Macau, em 1986, as artes performativas e teatrais estavam pouco desenvolvidas. “Havia poucas coisas, sobretudo ligadas à igreja ou às escolas. Estou a falar de teatro ocidental, em português, porque teatro chinês, nomeadamente a ópera chinesa, sempre houve, sempre existiu a contar histórias”, afirma.

Quando o IC criou o Conservatório, onde se integra a Escola de Teatro, “começou a haver um ensino que não era apenas o amador” e criaram-se condições para que as artes se pudessem desenvolver, explica Sales Lopes. “O IC vai buscar gente para dar formação no teatro, e em todas as áreas, criando uma componente didáctica importante para as pessoas

aprenderem seguindo regras, com conhecimento da técnica. Por outro lado, criou um sistema de apoio às associações, com subsídios que permitem às pessoas estudarem no estrangeiro”, com a atribuição de bolsas de estudos, por exemplo.

Positivo e optimista em relação ao futuro das artes performativas no território mostra-se também Miguel de Senna Fernandes, que realça a importância do teatro de Macau estar a ganhar uma identidade própria. “Tenho esta noção de que agora há um novo despertar para as artes performativas. Ainda bem que assim é”, afirma o advogado que é também director, encenador e guionista dos Dóci Papiacám di Macau. O grupo de teatro em patuá, fundado em 1993, recruta geralmente principiantes “que nunca pisaram o palco, pessoas disponíveis para experimentar algo absolutamente novo. É uma grande responsabilidade”, diz.

O advogado afirma que desde há muitos anos que opina que “Macau precisa do seu próprio estrelato, dos seus artistas de palco, dos seus canto-



Miguel de Senna Fernandes, director dos Dóci Papiacám di Macau

res, compositores, criadores, actores, precisa do seu próprio teatro. Há que firmar culturalmente e intelectualmente Macau. Já ando a dizer isto há muitos anos. Para minha satisfação nós temos hoje pessoas que estão a ir para a frente com as suas obras, há um tipo de indústria que se está a desenvolver com origem em actores e artistas locais”, sublinha o também presidente da Associação dos Macaenses (ADM) e da Associação Promotora da Instrução dos Macaenses (APIM).

“Prevejo com muitos bons olhos o desenvolvimento das artes performativas e artes tea-

trais de Macau, e estou mesmo muito optimista, porque há pessoas que têm o sentir, mas é o sentir de Macau, são chineses de Macau, e têm essa noção, de que precisam de se afirmar como gente de Macau”, afirma o advogado, prosseguindo: “Há mais pessoas que abraçam esta ideia da identidade de Macau, porque o facto de ser residente de Macau tem as suas características, e que abraçam o passado de Macau, e isto tudo forçosamente vai criar uma nova maneira de abordar o tema Macau e transportar isto para diversos palcos. Espero que assim seja”, remata Senna Fernandes. M



O grupo Dóci Papiacám di Macau, em patuá, foi fundado em 1993 e leva uma nova produção ao palco todos os anos



ARTE DE ESCULTURA RELIGIOSA COM TOQUE À MACAU

© GLP

Com mais de um século de história, a escultura de imagens sagradas em madeira tornou-se uma forma de expressão artística religiosa em Macau e uma tradição requintada. Tsang Tak Hang, escolhido como representante da arte desde que é património, alerta para o risco de desaparecer e insiste na importância de se encontrarem novas formas para que persista no tempo

Texto | Catarina Brites Soares

Fotos | Gonçalo Lobo Pinheiro e Instituto Cultural



© GLP

Em 2008, a Escultura de Imagens Sagradas em Madeira foi inscrita na Lista Nacional de Manifestações Representativas do Património Cultural Intangível da China. Em 2014, Tsang Tak Hang foi reconhecido como transmissor da arte. Três anos depois, a tradição foi inscrita no inventário do Património Cultural Intangível de Macau.

Na cidade, surgiu em inícios do século XX, quando a maioria dos pescadores vivia em barcos e não sabia ler nem escrever, explica o documento do Instituto Cultural (IC) sobre o tema. Recorriam por isso a pequenas figuras de madeira para prestar culto aos antepassados e deuses, em vez das placas com os nomes dos familiares. As esculturas eram também cons-

NO PERÍODO ENTRE 1920 E 1930, JÁ ERAM MAIS DE 10 AS LOJAS NA RUA DA MADEIRA, JUNTO AO PORTO INTERIOR, EXEMPLO DE COMO A TRADIÇÃO FLORESCIA

truídas para serem colocadas em posições importantes nos barcos, como na proa e na cabine de comando, para pedir protecção aos espíritos, dado o elevado risco associado à pesca.

“Os pescadores mandavam fazer uma estátua que representava o avô falecido, com cerca de 10 centímetros, e outra para representar o bisavô, com perto de 12 centímetros.

A da geração mais antiga tem de ser maior. A estátua que representava o avô tinha barba preta, e a do bisavô barba branca”, exemplifica Tsang Tak Hang à MACAU.

O desgaste causado pelo embate das ondas do mar e pelas intempéries fazia do ofício de escultor uma necessidade, já que as placas e esculturas sagradas tinham de ser substituídas com frequência.

A grande procura por parte dos habitantes e dos templos aliada à dos pescadores levaram ao rápido desenvolvimento de negócios dedicados à escultura de imagens sagradas em madeira. No período entre 1920 e 1930, já eram mais de 10 as lojas na Rua da Madeira, junto ao Porto Interior, exemplo de como a tradição florescia. Após o final da década de 1930, a guerra, a industrialização da economia e o abrandamento da indústria da pesca acabariam por levar ao declínio da actividade.

OUTROS TEMPOS

À MACAU, Tsang consente que apesar de ainda hoje se praticar, há o risco de desaparecer. “O mundo está a mudar, mas, no que respeita ao património, o mais importante é saber que esta tradição existe, e dar a conhecer as etapas que devem ser respeitadas para se construírem as estátuas. A tradição não tem por que se extinguir, há sempre maneiras de a preservar mesmo que seja através de registos como documentários.”

É com nostalgia que fala dos tempos áureos de uma arte que já teve mais merca-



As peças são esculpidas meticulosamente com um cinzel



As peças são lacadas e polidas várias vezes até o verniz de base estar completamente liso

do. Tsang repetiu a profissão do avô e do pai, com quem aprendeu e de quem herdou o negócio, na família há gerações. Aos 8 anos, já ajudava os mais velhos. “Quando comecei a exercer foi mais fácil porque já tinha visto como se fazia lá em casa”, recorda.

A Escultura de Imagens Sagradas em Madeira, como refere o documento do IC, é considerada uma forma de expressão artística religiosa de Macau, com origem na escultura tradicional chinesa de

imagens sagradas, e que também bebe de influências de outros países ao nível da concepção e da montagem.

Tsang é disso prova. Foram várias as viagens a Taiwan, Japão, Hong Kong e outros destinos –onde o mercado era muito mais desenvolvido -- com o objectivo de aprender e progredir. “Em 1970, ainda usávamos machados, mas os japoneses já usavam serras eléctricas”, exemplifica. “Passados 40 anos, passei de um aprendiz novo a um profissional velho. É uma experiência.”

O quase meio século de dedicação fez dele uma marca viva da tradição no território e o emissor de uma herança cultural que vai das técnicas aos materiais usados. “Há muitos pormenores a ter em conta”, sublinha. “Quando nos dedicamos, descobrimos que há muito para aprender, há muitos detalhes que têm de ser respeitados. A tradição é essa sabedoria acumulada de séculos.”

Nem sempre foi fácil aguentar o negócio, que conheceu altos e baixos. Relata que, na altura do avô e do pai, a procura era instável, o que o levou a ir para Hong Kong quando jovem, onde aprendeu grande parte do que sabe. “Estar em Hong Kong abriu-me muito os horizontes. Lá havia templos muito maiores que exigiam estátuas proporcionais, ao passo que o negócio familiar em Macau se limitava a estatuetas para pescadores”, compara.

Hoje, e apesar da queda do mercado, o escultor ainda não se ressentido. “Como a nos-

A ESCULTURA DE IMAGENS SAGRADAS EM MADEIRA É CONSIDERADA UMA FORMA DE EXPRESSÃO ARTÍSTICA RELIGIOSA DE MACAU, COM ORIGEM NA ESCULTURA TRADICIONAL CHINESA DE IMAGENS SAGRADAS, E QUE TAMBÉM BEBE DE INFLUÊNCIAS DE OUTROS PAÍSES



Aplicação de folha de ouro



Aplicação de tinta



Imagens sagradas de deuses protectores da familia de pescadores



Placa usada na proa dos barcos



Imagem taoista da deusa de A-Má

sa loja é antiga e conhecida, não nos afecta o facto de haver menor procura. Os templos têm sempre necessidade de estátuas.”

Quando ao futuro, não se mostra tão seguro, já que nos últimos anos foram poucos os jovens que abraçaram o ofício. “Não serve para quem quer ganhar dinheiro de forma fácil. As obras demoram muito a ser construídas”, justifica. A solução, acredita, pode estar em atrair quem já domina talentos essenciais do processo,

como a carpintaria, o artesanato e a pintura.

O documento do IC refere que, actualmente, restam apenas duas lojas em Macau: a de Escultura de Imagens de Buda e Objectos de Madeira, e a de Ídolos Sagrados e Objectos de Madeira. Os estabelecimentos, garante o organismo, têm tido o cuidado de coleccionar e preservar documentos relevantes para impedir que a arte morra e que permita revitalizá-la, depois do declínio pós-anos 1970.

A COOPERAÇÃO COM ENTIDADES PÚBLICAS E ACADÉMICAS, A ORGANIZAÇÃO DE EXPOSIÇÕES TEMÁTICAS, DE WORKSHOPS E SEMINÁRIOS, ASSIM COMO A PARTICIPAÇÃO EM FEIRAS NOUTROS LOCAIS, TÊM SIDO APOSTAS DO GOVERNO E PRIVADOS NO SENTIDO DE PROMOVER A TRADIÇÃO

A cooperação com entidades públicas e académicas, a organização de exposições temáticas, de *workshops* e seminários, assim como a participação em feiras noutros locais, têm sido apostas do Governo e privados no sentido de promover a tradição e garantir que persiste, reforça o instituto.

TRAÇOS GERAIS

O processo é meticuloso. Inicialmente, as esculturas de madeira eram sobretudo de

imagens sagradas utilizadas pelos pescadores em respeito de rituais e crenças budistas, taoistas e devoções populares. Com o declínio da indústria da pesca, nos anos de 1980, e as transformações sociais que se sucederam, o ofício passou a concentrar-se na construção de esculturas budistas.

O documento do IC explica que o método em Macau assenta num estilo conceptual e tem por base antigas técnicas de aplicação de laca da escultura tradicional de Ningbo, da província de Zhejiang, técnicas japonesas de encaixe de madeira e técnicas de escultura de Taiwan. Trata-se de um processo artesanal muito rigoroso e que exige materiais de excelente qualidade.

“Se for uma estatueta para casa, é muito mais simples. Ao passo que nos templos, as estátuas não podem ser iguais e é nestas que entra a herança cultural, porque têm de ser seguidas determinadas técnicas e processo”, refere Tsang.

Há vários passos até ao resultado. O processo começa

com a selecção de materiais, depois a concepção, o entalhe, o encaixe e o polimento. A seguir vem a aplicação de cal, de tecido, de verniz de base, da laca e da folha de ouro, e finalmente a pintura. “Todos estes passos requerem um elevado grau de rigor, uma técnica especializada, bem como uma longa experiência por parte do artista”, reitera o documento do Instituto Cultural.

Na perspectiva religiosa, acrescenta Tsang Tak Hang, o ouro, o bronze, a madeira e o barro são materiais naturais aos quais é associada uma espiritualidade. O escultor acrescenta que a madeira é particularmente especial por ser considerado um material com vida.

O trabalho começa precisamente com a selecção da madeira, que tem de se saber trabalhar por causa das texturas. Aspectos como a contracção e dilatação do material não podem ser ignorados sob pena de comprometer a longevidade da peça, ressalva o artista.



Uma das lojas tradicionais de esculturas de imagens sagradas

“Há que utilizar a parte melhor da peça. Diferentes estátuas requerem diferentes tipos de madeira. Como não é um simples produto de artesanato, não usamos a casca nem os ramos porque são húmidos e podem levar ao aparecimento de larvas ou apodrecer. Entalhamos as peças, evitando que apareçam fendas. Depois temos a escultura em si, que não é tão importante como muitas pessoas acham, corresponde a um quarto do processo todo. A seguir, ainda temos o polimento e outras etapas.”

Polir, detalha, é outra parte delicada já que, se for mal feita, a escultura pode sair deformada. Segue-se a aplicação da cal – que torna a superfície mais macia, e eventualmente volta a polir-se – “porque há etapas que podem ter de ser repetidas mais do que uma vez”. Depois a aplicação da tinta e da folha de ouro finalizam a peça.



Imagens sagradas budistas

**RESTAM APENAS DUAS
LOJAS EM MACAU. OS
ESTABELECIMENTOS TÊM
COLECCIONADO E PRESERVADO
DOCUMENTOS RELEVANTES
PARA IMPEDIR QUE
A ARTE MORRA**



Tsang Tak Hang foi reconhecido como transmissor da arte em 2014

O IC refere que, em Macau, as lojas que produzem a arte dominam o processo de fabrico de pequenas estatuas assim como de grandes estátuas budistas com dezenas de toneladas. “O elevado nível artístico é reconhecido tanto na China como no exterior, levando à encomenda de esculturas de imagens sagradas em madeira, instrumentos para altares budistas e pagodes budistas por parte de muitos templos e santuários budistas privados de Macau, Hong Kong, Sudeste Asiático, Estados Unidos e Canadá, atendendo igualmente vários pedidos de restauro de esculturas”, acrescenta o IC.

O organismo ressalva ainda que a arte é abrangente e transversal, acabando as lojas locais por produzir também materiais com outros fins como letreiros comerciais, decorações para espaços privados e outras componentes em madeira. 



CARLOS MORAIS JOSÉ

“Na civilização chinesa também há uma história do mundo, que desconhecemos”

Foi o interesse pela versão do país onde vive há décadas e a necessidade de a dar a conhecer aos outros que o motivou a criar a Livros do Meio. Através da editora, Carlos Morais José procura colmatar a lacuna que existe de obras e autores chineses traduzidos em português, e que considera fundamentais para se perceber a China. O antropólogo, jornalista e autor tem priorizado os clássicos. “Não podemos começar uma casa pelo teto, temos de começar pelas fundações”, afirma, para justificar a opção da editora que, no ano passado, traduziu, editou e publicou sete livros dedicados à cultura chinesa

Texto | Catarina Brites Soares
Fotos | Gonçalo Lobo Pinheiro



Como começou o projecto da Livros do Meio, que se tem dedicado muito à publicação de obras e autores chineses?

Começou com a minha vinda para Macau. Sou de antropologia e logo à partida tenho uma apetência especial pela apreensão de outras culturas, neste caso não-europeias. Desde que cheguei que me dedico ao estudo do pensamento chinês, e à própria etnografia chinesa. Anos mais tarde, quando fiquei como director do *Hoje Macau*, resolvi que tinha de publicar todas as semanas traduções de clássicos chineses para ter esse espólio que, na maior parte dos casos, estava por traduzir. A sinologia portuguesa é bastante deficitária.

Quis colmatar a lacuna?

Antes de 1999, sugeri ao então Governador de Macau que se instalasse aqui um Instituto de Sinologia Portuguesa, que faria todo o sentido e que acabou ainda mais reforçado com o facto de Macau ter sido designado, em 2003, como ponte para os países lusófonos. Nunca aconteceu. Continuei o meu trabalho no jornal. Passados muitos anos, reuni traduções importantes de clássicos chineses de várias áreas além da poesia, que também fui fomentando, à margem do jornal, com amigos poetas e tradutores. Cheguei a um ponto em que tenho muitos livros para publicar, mas que precisam de revisão, de notas e de edição, que sozinho tenho alguma dificuldade em fazer rapidamente.

Mas, entretanto, publicou vários.

Publicámos livros importantes, nomeadamente a tradução de poemas de Han Shan, Tao Yuanming, os *Quinhentos Poemas Chineses*, como forma de comemorar os 500 anos de presença portuguesa nesta zona do mundo. A ideia era haver um poema traduzido por cada ano que aqui estivemos como forma de homenagear a cultura chinesa. Acabei por fazer isso em 2013, com o António Graça de Abreu. Digo da China o que Freud dizia do inconsciente: põe um pé, mas há um mundo inteiro por descobrir. Acendemos uma luzinha, mas há imenso por explorar.

Tem-se dedicado especialmente aos clássicos. Porquê?

Para compreender o contemporâneo tem de se ler os clássicos. Não se pode ler um poeta contemporâneo chinês se não se tiver conhecimen-

to das origens da cultura chinesa. Não podemos começar uma casa pelo teto, temos de começar pelas fundações. Em português não temos quase nada sobre os escritores chineses e há uma apetência das editoras comerciais pelos escritores contemporâneos, nomeadamente os que ganham prémios Nobel. O meu trabalho é aquele que ninguém quer e que devia ser feito por fundações. Exige uma equipa e é por isso que demoro tanto tempo a publicar um livro.

A que autores se tem dedicado além dos que referiu?

Em termos de poesia, editámos os que não estavam publicados: Li He, Han Shan e Tao Yuanming. De pensamento, estou a editar os quatro clássicos fundamentais do Confucionismo: o Estudo Maior, a Prática do Meio, os Analectos – esse sim já traduzido recentemente em português do Brasil – e o Mêncio, que também nunca foi traduzido. Estes quatro formam o núcleo do Neo-Confucionismo, tal qual foi encontrado pelos jesuítas quando chegaram ao Oriente. Quan-

“SÓ COMPREENDENDO CERTOS FENÓMENOS QUE TÊM ORIGEM EM DINASTIAS DE HÁ 3000 ANOS É QUE COMPREENDEMOS DETERMINADAS ATITUDES QUE HOJE EXISTEM NA CHINA”

do nós portugueses chegámos ao Oriente, este era o cânone. Era a base do Confucionismo Moderno, da Idade Média da China – da Dinastia Song para a frente, que é quando o Confucionismo volta a ter importância ao nível do poder e da sociedade chineses. Desde a Dinastia Han até à Song, houve uma grande intromissão do Budismo e do Taoísmo Mágico no pensamento chinês, que depois veio a ser renegado ou contemporizado pelo renascimento do Confucionismo na Dinastia Song até à Revolução Republicana.

Como é o processo até chegar ao livro publicado?

Tenho pessoas que traduzem a partir do chinês, do inglês e do francês – através de traduções que já existem. Faço as revisões e as notas.

O trabalho tem tido influência em si como autor e escritor?

Tem. Quando se mergulha num pensamento, há dois momentos: o de absorção e, depois, o do clique, quando tudo faz sentido. Como diz um sinólogo francês, é interessante pensar a Europa a partir da China e analisar o nosso pensamento clássico com os olhos de um estrangeiro, mas que esteve numa civilização extremamente complexa. Dá-nos outra perspectiva. Temos uma história do mundo muito baseada no eurocentrismo, mas há outra para ser contada. Na civilização chinesa também há uma história do mundo, que na maior parte dos casos desconhecemos. Ter diversas perspectivas dessa história tem-me enriquecido imenso como pessoa e como autor.

Como é que explica a ausência de traduções, sobretudo dos clássicos, tendo em conta a presença portuguesa de 500 anos nesta zona do mundo?

Ao nível do Estado nunca houve grande preocupação em estabelecer esse caminho de compreensão mais profunda do outro. Se estamos aqui, deve-se muito a iniciativas individuais. Temos uma riquíssima antropologia dos locais que colonizá-

“PARA COMPREENDER O CONTEMPORÂNEO TEM DE SE LER OS CLÁSSICOS”



mos, ao contrário dos ingleses e dos franceses. As nossas elites não só eram muito fracas sob o ponto de vista intelectual e cultural, como abafavam aqueles que se queriam dedicar realmente ao estudo. O problema nunca acabou, nem com o Portugal democrático. Nunca tivemos uma academia como deve ser, universidades que se tivessem empenhado no estudo das outras culturas.

Incluindo da chinesa?

A China, que ainda é mais difícil por ser extremamente complexa e por ter uma escrita ideográfica, muito mais difícil de penetrar que uma escrita alfabetizada, foi sempre vista como impenetrável e houve pouco esforço para a compreender. O único que foi feito foi pela Igreja Católica, através dos jesuítas, quem mais tentou compreender a cultura e a civilização chinesas com o objectivo da missão, que também não é propriamente um fim académico e altruísta.

Tem a expectativa de contribuir para a aproximação dos povos por tornar acessíveis estas obras?

Sou uma pessoa sozinha, não estou a fazer nada de muito importante. É só um pequeno contributo, que talvez sirva de exemplo. Hoje já existem universidades portuguesas que se dedicam aos estudos chineses e aparecerão pessoas mais qualificadas para fazer este trabalho. O que faço aqui em Macau é, por um lado, uma forma egoísta de me ilustrar, de aprender mais sobre estas pessoas no meio das quais vivo e que me permite perceber uma série de fenómenos à minha volta, e isso é importante; por outro lado, sim, de disponibilizar esses livros. Mas é muito difícil. Gostaria de distribuir estes livros para o mundo lusófono e é impossível fazê-lo sozinho.

Como é ao nível da distribuição?

Não tenho conseguido. Os livros ficam aqui e são testemunho de um trabalho. Publiquei sete livros em 2020, a maior parte nunca antes traduzidos. Tenho muitos mais para publicar, pelo menos 10 livros importantes que deviam ser publicados hoje para haver uma compreensão melhor do que se passa na China hoje.

Como por exemplo?

Só compreendendo certos fenómenos que têm origem em dinastias de há 3000 anos é que com-

preendemos determinadas atitudes que hoje existem na China, porque são aceites e fazem parte do quotidiano do povo chinês. Se não soubermos estas coisas não compreendemos os fenómenos que se passam na China ou compreendemos à luz dos nossos preconceitos. É esta falta de cultura que vejo muito à minha volta. Há países onde se tem feito um grande esforço de tradução dos clássicos, mas também de livros marginais e que, por isso, têm um interesse fantástico porque revelam muito sobre este país e civilização.

Pode dar exemplos desses livros que estão na gaveta por publicar?

Um muito importante é o livro de Han Feizi, grande filósofo do Legalismo, a teoria filosófica que enforma o primeiro imperador que unificou a China, Qin Shihuang. A obra de Han Fei é muito importante para compreender um dos aspectos do exercício do poder na China. Se formos para o lado do Taoísmo, tenho Zhuang Zi, Wen Zi, Huainan Zi. Também traduzimos parte de Wang Xong, que é um céptico da Dinastia Han, um homem que nega a vida depois da morte, a existência de fantasmas, que tem um pensamento completamente crítico e talvez raro no contexto chinês, mas que já existe na Dinastia Han, ou seja, 200 anos d.C. Agora está a ser traduzido todas as semanas Xun Zi, o segundo filósofo mais importante do Confucionismo pré-Qin, que se opõe ao Mêncio. Enquanto que Mêncio diz que a natureza humana é intrinsecamente boa, uma espécie de Rousseau do século III a.C., Xunzi diz exactamente o contrário: que a natureza é cruel e que só através da moral conseguimos endireitá-la. São duas correntes opostas dentro do Confucionismo, como havia dezenas. Tudo isto está por estudar em português, mas é difícil remar num barco tão pequeno neste mar tão grande.

Não sabendo chinês, como é que chega às obras e as escolhe?

Leio noutras línguas e depois decido. Os franceses têm feito um trabalho extraordinário nos últimos anos. Há uma editora conhecida por ter traduzido todos os clássicos gregos e latinos, a Les Belles Lettres, que desde 2000 está a traduzir todos os clássicos chineses. Traduziram inclusivamente um livro que é uma vergonha não estar em português que foi escrito pelo Matteo Ricci, o *Discurso sobre o Senhor do Céu*, um diálogo en-



tre ele e um letrado chinês sobre questões filosóficas. Não consigo perceber os conceitos se não estudar os caracteres e estudo-os. Posso não saber falar fluentemente chinês, mas todos os conceitos filosóficos que me aparecem, vou estudar um a um, porque senão é impossível compreender onde querem chegar, que partes da realidade recortam. É muito difícil encontrar uma palavra que traduza exactamente a outra. A palavra “definir” não cabe aqui. Uma das características do pensamento chinês é a sua maleabilidade. Por isso é que, antes da tradução do Estudo Maior, fiz uma pequena introdução com nove conceitos do pensamento chinês para explicar cada um.

Organizou a Semana da Cultura Chinesa, sob o lema conhecer melhor a China e combater os preconceitos. Que preconceitos são esses?

Há tantos. Podemos começar logo pela ideia de Império Imóvel, em que a China é um sítio onde as coisas ficaram permanentes, onde nada mudou, século após século, é um preconceito absurdo. Obviamente que houve uma extraordinária energia e mudanças ao longo da história da China. O preconceito deve-se sempre ao medo e à ignorância. Mas isso não são só os europeus, os chineses também o têm. Simplificar o que se desconhece é o caminho do facilitismo.

De que forma o trabalho de tradução e edição pode ajudar Macau a afirmar-se na lusofonia?

Isso era uma parte importante. Se houvesse o tal

Instituto de Sinologia Lusófona... Atendendo ao contexto e ao objectivo de Macau ser uma ponte para os países lusófonos, faria sentido que houvesse uma instituição dedicada a isso. No âmbito do Fórum de Macau devia ter sido uma das suas incumbências desde o princípio.

Optou-se pela via das relações comerciais?

O problema é que se pensou que a economia ia aproximar os povos. A economia não aproxima, é fria, tem que ver com a ambição, aspectos negros do ser humano. Enquanto que a cultura e o pensamento aproximam e criam laços duráveis, a economia nunca resolve nada, apenas os interesses de um grupo. Começo a notar sinais nos discursos, mas os caminhos da cultura são estranhos. Não vivem de efemeridades, como exposições de artistas, festivais de música e outros acontecimentos passageiros, mas sim de um trabalho demorado e profundo. As pessoas entendem a cultura como entretenimento.

Sente isso?

A cultura é o mais profundo recurso que um povo tem. O que achamos bem ou não, o que nos é confortável ou não, tudo está inscrito em redes culturais e é isso que é preciso estudar, aprofundar, mostrar ao outro e trazer o outro até nós porque a troca é fundamental, vai evitar muitos problemas como guerras, racismos, a xenofobia. É esse investimento cultural que é fundamental ser feito, sobretudo sobre a cultura chinesa que é vastíssima e tem tanto para dar ao mundo. É uma pena que não se faça, e também é uma pena que Macau, com o desígnio que tem, não faça da cultura um dos seus pilares.

Como?

Se se gastasse um por cento do dinheiro do Fórum de Macau em cultura que já se gastou em negócios, fazia-se muito na área académica e da cultura, e em coisas que não passam, não se esgotam na efemeridade.

Falta mais investimento nessa área?

Durante anos traduzimos textos sobre pintura clássica chinesa, dos ensaístas chineses desde o século VI até ao XIX. Fizemos uma colecção desses textos e publicámos, isto merecia ser divulgado junto das Faculdades de Belas Artes de Portugal, do Brasil, de África. Está a ser feito? Não.



“GOSTARIA DE DISTRIBUIR ESTES LIVROS PARA O MUNDO LUSÓFONO”



“TENHO MUITOS MAIS PARA PUBLICAR, PELO MENOS 10 LIVROS IMPORTANTES QUE DEVIAM SER PUBLICADOS HOJE PARA HAVER UMA COMPREENSÃO MELHOR DO QUE SE PASSA NA CHINA HOJE”

Devia haver acordos com editoras fora de Macau para republicar esses livros. Macau também devia ter um papel muito maior na divulgação de autores lusófonos de Macau, como por exemplo do Camilo Pessanha, e não tem. Em 2020 cumpriram-se os 100 anos da edição de *Clepsydra*. Esperei até ao fim do ano para ver se acontecia alguma coisa, não aconteceu e por isso decidi publicar dois livros para comemorar: um com uma coleção de artigos de vários académicos da Faculdade de Letras que escreveram sobre Camilo Pessanha, e uma colectânea de ensaios meus. Senti sempre o dever de não deixar morrer esta memória.

Tem algum autor chinês predilecto?

Na Dinastia Tang deu-se o grande momento da poesia chinesa. No século XVII, sob a égide do imperador Kanxi, foi feita uma colectânea de poemas Tang que atingiu os 24 volumes, só para ter uma ideia da quantidade de poesia produzida nessa altura. A produção foi imensa, com poetas geniais como Li Bai, Du Fu, Wang Wei, Bai Juyi, Li He, o último que publiquei. Essa altura da poesia chinesa é notável. Ao nível do pensamento, gosto muito do Wang Fuzhi, um filósofo do século XVII, e de Wang Chong, da Dinastia Han, que é um céptico, que me agrada particularmente por causa disso. Gosto muito do Zhuang Zi, mestre

OBRAS DE 2020

Estudo Maior
Prática do Meio
As Leis da Guerra, de Sun Bin
Balada do Mundo, de Li He
Teoria da Pintura Chinesa I: Os eixos da tradição
Teoria da Pintura Chinesa II: O fascínio do gesto
Divino Panorama: Um inferno chinês

taoista. A cultura chinesa não se resume a uma dicotomia entre confucionistas e taoistas, à poesia sobre a lua reflectida no rio: existe de tudo.

Já se surpreendeu?

Ainda agora descobri numa tradução francesa sobre uma polémica entre dois pensadores pós-Dinastia Han (Ge Hong e Bao Jingyan), que escrevem cartas um ao outro em que discutem temas filosóficos. O tema é basicamente se deve ou não haver Governo, ou seja, um é anarquista e o outro não. O debate passa-se na transição do século III para o IV. Este é um pequeno exemplo. É preciso perceber o que está enraizado na mentalidade chinesa desde tempos imemoriais e que depois nas margens surgem coisas completamente diferentes. Há uma riqueza gigantesca de posições, de teorias, de saberes. A China não é uma, é muito diversa. M

ELOI SCARVA

“Esculpir é transpirar o que vai dentro”

Eloi Scarva nasceu em Macau, mas cresceu a viajar o mundo por terra com os pais e a irmã mais nova. Brasil e Portugal foram os lugares onde poisou mais tempo e o ajudaram a decidir caminhar pela escultura, a arte que faz com prazer porque se não lho desse “nem valia a pena”

Texto | Catarina Mesquita

Foto | Eloi Scarva

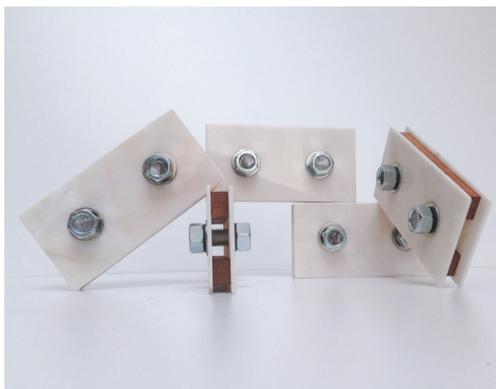


Cedo as mãos disseram a Eloi Scarva que, na vida, as usaria para criar. Aos dois anos já tinha escrito um abecedário que os pais guardam como um tesouro. Na infância desenhava muito. Desenhava mapas, cidades e os lugares por onde passou em tantas viagens que fez com os pais e a irmã mais nova. Um desses lugares desenhados ao pormenor foi Hac Sá, em Coloane. Tinha seis anos e já se percebia uma noção natural do espaço arquitectónico.

Anos mais tarde sentado nesta povoação, Eloi Scarva conversa com a MACAU à mesa da casa que construiu com as próprias mãos e com o pai. Fala de arte, de história da arte, do estado da mesma nos dias que correm e de como se sente enquanto artista.

Não se considera então “artista”, mas afirma que para o ser “tem de se gostar do que se está a fazer”. “Às vezes gostava de só olhar e não fazer porque sinto que há pessoas com mais motivos para fazer do que eu.”

Aos 26 anos, Eloi Scarva considera que existe na sua geração quem queira tornar o seu lugar melhor através da arte sem que seja necessária uma grande base intelectual. “Basta irmos atrás na história. Quem esculpia de forma realista não tinha uma base intelectual: dedicava-se a esculpir ao detalhe algo. Hoje, as pessoas que também não têm grande base intelectual são aquelas que são criadoras de algo bem mais humano. Quem tem conhecimento torna-se fútil e dedicado a postar



coisas no Instagram. Os jovens que hoje criam algo com significado são aqueles que não querem ir na direcção do resto do mundo.”

“Quando fazes arte não tem que ver com produzir ou inventar, mas sim em modificar a realidade”, afirma.

ISTO DE SER ESCULTOR

Eloi formou-se em Escultura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. A decisão, em parte, é responsabilidade do pai. “Vi-o calado durante uns dias e sabia que ele estava a pensar em algo. Numa conversa informal disse-me ‘porque não vais para escultura?’”, conta.

Saltou da vontade de ir para arquitectura – seguindo o desejo da mãe – para a ideia de estudar pintura, porque na verdade diz que não sabia nada sobre o que era a escultura. “Tudo começou com aquela ideia um pouco errada de que porque eu desenhava bem deveria seguir arquitectura ou pintura. A pintura também era moda: ia retratar coisas e conceitos e eu conhecia obras de escultura como o *David* e assim mas eu não sabia praticamente nada sobre o que é ser escultor mas fui na mesma”, explica.

“Não existem muitos escultores. Como esculpir uma pedra ou fazer uma peça em barro é um mundo que não tens noção. Na escultura tu tens de fazer tudo: desenhar, pintar e sair do plano para o tridimensional”, acrescenta o jovem escultor que se especializou durante seis semestres em pedra.

Para Eloi Scrava faz mais sentido que, para

quem quer ser pintor, comece com a escultura do que o inverso. “As pessoas pensam que é mais lógico ir para pintura primeiro porque é uma espécie de base, mas isso já acontece no plano mental. As pessoas quando têm uma ideia já passam por esse processo evolutivo de desenhar na cabeça primeiro e depois passar para o plano real. Para esculpir directamente uma pedra ou desenhar na pedra não é preciso ser um mestre de desenho, mas é certo que se se praticar muito este talho directo, quando for para desenhar, desenha-se muito melhor que antes porque se ganha noção das formas, da realidade, das sombras, da tridimensionalidade e se percebe que se pode sair fora da linha.”

A faculdade foi o momento em que percebeu o que a escultura era realmente. “Não sinto que a faculdade me tenha educado de forma nenhuma, porque só o que procuras te educa realmente. Aprendi mais a observar como se fazia do que com o professor a dizer-me para fazer um determinada técnica de um determinado jeito. A educação nas artes é subjectiva. Tanto podes estar a aprender uma técnica que te será útil como a perder tempo e é ali, na faculdade, que tens de te provar se queres fazer aquilo ou não.”

Actualmente, apesar de ter um trabalho a tempo inteiro de produção artística do qual a sua escultura não faz parte, conta-nos que está sempre ligado a esta arte. “Eu estou sempre a fazer escultura porque ela é um processo: tenho de estar a idealizar, a pensar e só depois então a executar. Assim sinto que estou a pensar numa coisa a fundo.”

“SOU ESCULTOR
PORQUE ME
SINTO SEGURO
NA ESCULTURA
NO SENTIDO EM
QUE ELA NÃO
TEM UM VALOR
QUALITATIVO”

“No trabalho vendes o suor. Na arte vendes as tripas, vendes as tuas ideias. No dia-a-dia estou num lugar de inspirações porque não gosto de desperdiçar tempo, mas há um foco no trabalho mais relacionado com a sobrevivência enquanto que na arte prefiro fazer coisas que não sejam para sobreviver”, explica.

Em geral, o jovem escultor diz não ter um conceito para as suas obras: “o que o espectador encontrar, encontra. Mesmo que as pessoas não se relacionem com a peça ficam a pensar o que será aquilo. Mas a mim dá-me prazer fazer, se não desse então não valia a pena.”

“Sou escultor porque me sinto seguro na escultura no sentido em que ela não tem um valor qualitativo. Tem, sim, um valor intrínseco. A escultura é diferente da pintura que tem de retratar um sonho. Na escultura, mesmo sendo uma escultura má, tens a capacidade de olhar de vários ângu-

los para despertar a curiosidade. A verdade é que o espectador quase nunca pensa que a peça é má; mais depressa pensa que foi ela que não entendeu bem [risos].”

A INFINITUDE DA FOTOGRAFIA

Em Outubro de 2019, Eloi Scarva apresentou outra das suas paixões: a fotografia. Na mostra *Not so recent work*, que teve lugar na galeria de arte Casa do Povo, em Coloane, estiveram em exposição 12 fotografias que retratam pessoas e lugares de Macau, Hong Kong e lugares no Sudeste Asiático pelos quais Eloi passou nos últimos anos.

“Ao contrário da escultura, a fotografia é algo que não é pensado para mim. Até perderia o sentido se assim fosse. Com uma fotografia pode-se contar uma história ou não. Ela é infinita: não tem tempo e permite que sempre que se olhe para uma imagem captada se possam descobrir sempre coisas novas”, afirma.

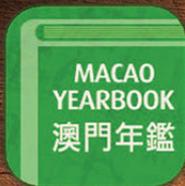
Gosta de alimentar esta paixão e retrata a vida quase diariamente com as fotografias que vai tirando. A *Not So Recent Work* foi a primeira exposição a solo de Eloi enquanto fotógrafo tendo estado ligado a outras mostras, mas no papel de curador.

Já na escultura, está patente a exposição “Capsule Formation & Asymbiotic Seed Germination”, em parceria com Chan Un Man, na galeria do Creative Macau. Após a recolha de materiais em diferentes zonas do território, criou cápsulas que se encerram no interior de uma prisão de cimento (polímero e aço) de Macau em forma de objecto-metáfora da situação actual. “Sentindo que convivemos nesse espaço coletivo, resguardados de uma pandemia mundial, redescobrimo nosso lar com olhos diferentes daqueles que não têm liberdade - em uma cela aberta em escala absurda, redefini-mos nossas prioridades, refletindo sobre nossa irmandade e questionando o futuro”, define o artista. A mostra fica patente até 27 de Fevereiro. 



“NO TRABALHO VENDES O SUOR. NA ARTE VENDES AS TRIPAS, VENDES AS TUAS IDEIAS.”





<http://yearbook.gcs.gov.mo>

“Macau 2020 - Livro do Ano” em formato digital já publicado

As versões em chinês, português e inglês em formato digital do “Macau 2020 - Livro do Ano” produzidas pelo Gabinete de Comunicação Social do Governo da Região Administrativa Especial de Macau, foram publicadas.

O anuário “Macau 2020 - Livro do Ano” regista de forma sistemática o desenvolvimento político-económico e sócio-cultural do território, disponibilizando, ao longo das suas páginas, dados e informação variada para todos quantos desejam estudar e compreender melhor Macau.

Desde 2002 que o “Macau - Livro do Ano” é publicado em três línguas, chinês, português e inglês. Com 252 fotografias, 581 páginas (versão chinesa), 722 páginas (versão portuguesa) e 667 páginas (versão inglesa), o “Macau 2020 - Livro do Ano” está dividido em quatro secções: prioridades da acção governativa da RAEM; cronologia dos acontecimentos mais relevantes; apresentação geral da RAEM; e apêndices com informação útil e dados estatísticos.

A apresentação geral da RAEM retrata as prioridades no âmbito

da Administração, Legislação e Justiça realizadas em 2019, das quais fazem parte quinze capítulos que cobrem as seguintes áreas: sistema político e administração; ordenamento jurídico e sistema judicial; relações externas; economia; turismo; ordem pública; educação; cultura e desporto; saúde pública e assistência social; comunicação social, telecomunicações e tecnologia da informação; solos, infra-estruturas, habitação e entidades públicas; transportes; geografia e população; religiões e hábitos; e história.

Tomando em consideração a popularidade da leitura em formato digital e a protecção ambiental, a partir de 2016, o “Macau - Livro do Ano”, tanto na língua chinesa, como na portuguesa e na inglesa, deixou de ser publicado em suporte papel. Entretanto, facultamos mais informações, fotografias bem como vídeos, para responder à procura dos leitores.

Os interessados podem consultar a página electrónica do “Macau 2020 - Livro do Ano” (<https://yearbook.gcs.gov.mo>) ou fazer o download da seguinte aplicação.



EXPOSIÇÃO

Yao Feng Uma nova face artística

Habitou Macau nos seus trabalhos ligados à literatura seja enquanto escritor, tradutor ou estudioso. Agora, Yao Feng revela outra face enquanto artista, com a sua primeira mostra a solo de fotografias, pinturas e instalação

Texto | Catarina Mesquita
Fotos | Yao Feng

Até dia 21 de Fevereiro, o Albergue SCM abre portas para a exposição “Não Conjuntivo”, a primeira mostra a título individual de Yao Feng, pseudónimo de Yao Jingming. As 58 obras expostas revelam uma nova faceta do poeta, tradutor e académico da Universidade de Macau que exploram tanto representações figurativas quanto abstractas.

Apesar de a experiência em exhibir a solo ser uma novidade, Yao Feng revela que, porém, a fotografia não é uma paixão recente e que a captação de imagens já o acompanha há vários anos, tendo até mesmo publicado alguns dos seus retratos como ilustrações em livros de poesia da sua autoria, publicados em chinês e em português. Yao Feng já publicou mais de uma dezena de livros e foi agraciado múltiplas vezes pelo seu trabalho literário.

completo domínio.

O forte domínio das línguas chinesa e inglesa também serviu de inspiração para esta exposição. O nome com que o artista baptizou a exposição, “Não Conjuntivo”, está, segundo o próprio, relacionado com a não existência de conjuntivo na língua chinesa, sendo a conjugação e a aplicação de verbos deste modo verbal um dos maiores desafios para os falantes de língua chinesa quando aprendem a falar português.

Yao Feng vê então assim uma semelhança entre a sua forma de fazer outro tipo de arte que não o da escrita com a conjugação do conjuntivo em português: um desafio. O escritor confessa ter precisado de algum tempo de preparação para a exposição numa área que não é a do seu

completo domínio.

Numa altura em que devido às medidas de contenção da pandemia foi necessário passar mais tempo recolhido, Yao Feng revelou ter tido assim mais disponibilidade para a produção artística, tanto ao nível da escrita como de exploração de outras formas de expressão.

Com curadoria de Guilherme Ung Vai Meng, antigo presidente de Instituto Cultural de Macau e amigo há cerca de três décadas de Yao Feng, a exposição inaugurada em Dezembro passado surge por ocasião das celebrações do 21.º aniversário da criação da RAEM.

Até 21 de Fevereiro
Albergue SCM
Entrada Gratuita

NA AGENDA



Exposição de obras de Lam Un Mei e Ye Jiehao • São 38 obras e conjuntos de gravuras de sinetes que estão em exposição nas Casas Museu da Taipa assinadas pelos artistas Lam Un Mei e Ye Jiehao. Tanto Lam como Ye são artistas locais agraciados em 2018 e 2019 com os Prémios Juventude e Prémio Obra de Excelência na “Exposição Colectiva de Artes Visuais de Macau”. Nesta mostra é possível ver algumas peças inspiradas na reclusão causada pela pandemia vivida durante o ano passado e algumas reflexões dos artistas sobre o actual estado da vida nesta fase de maior recolhimento.

Até 14 de Março
10h00-19h00
Casas Museu da Taipa
Entrada livre



Aparência majestosa • São 87 conjuntos de trajes e acessórios dos imperadores e imperatrizes da Dinastia Qing estão em exposição no Museu de Arte de Macau. O peso da indumentária na manifestação de uma dinastia e uma época é sublinhado nesta mostra que celebra o 21.º aniversário da cooperação entre o Museu de Arte de Macau e o Museu do Palácio.

Até 14 de Março
Museu de Arte de Macau
Entrada livre

Pintura e Caligrafia de Jao Tsung-I • Uma selecção de obras do académico e pintor Jao Tsung-I, que vão desde a caligrafia tradicional chinesa a representações pictóricas de elementos da natureza como paisagens, flores, árvores, pedras assim como também figuras taoístas e budistas, ocupam o primeiro piso do Museu de Arte de Macau. Uma homenagem a Jao Tsung-I, aquele que é considerado um dos mais conceituados criadores de Hong Kong de caligrafia.



Até 28 de Março | Museu de Arte de Macau | Entrada livre



Âmagos • “Uma mostra frenética de contrastes” é a promessa do espectáculo “Âmagos”, que chega ao palco do Grande Auditório do Centro Cultural de Macau pela mão da coreógrafa chinesa de bailado contemporâneo Xie-xin e oito bailarinos. Um bailado que desafia a elasticidade do corpo, trabalhando o momento em que as vidas humanas se cruzam e deixam de existir universos paralelos.

24 e 25 de Fevereiro | 19h45 | Grande Auditório do Centro Cultural de Macau | 180 patacas

Longrun • Após encontrar uma cadela num parque, um homem de meia idade vê-se dividido entre o carinho que tem pelo animal que adoptou e o desgosto da sua esposa. Uma história escrita pelo premiado roteirista da Broadway, A.R. Gurney e que sobe ao

palco do Centro Cultural de Macau para mostrar ao público até onde pode ir o amor por um animal de estimação.

4 a 6 de Março
19h45
Centro Cultural de Macau
230 patacas





Uma paixão antiga por Pessanha

Foi lançada em Dezembro a obra *Ladrão de Tempo*, pela mão de Carlos Morais José. O livro reúne um conjunto de textos e artigos publicados por Camilo Pessanha, escritor admirado pelo jornalista português radicado em Macau

Texto | Catarina Mesquita

Passados cerca de 100 anos da publicação de *Clepsydra*, a única obra de Camilo Pessanha, surgem agora dois novos livros inspirados naquele que foi considerado o expoente máximo do simbolismo em português em Macau.

As obras lançadas em Dezembro pela mão do jornalista Carlos Morais José são a materialização de um paixão antiga que este já tinha pela obra de Pessanha. *Ladrão de Tempo* apresenta-se assim como uma compilação de textos e artigos publicados ao longo dos anos sobre o escritor português do século XIX, onde os leitores poderão perceber “as teorias sobre a vida de Pessanha”.

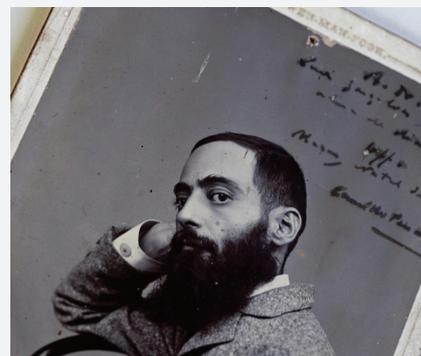
Já *Clepsydra 1920-2020: Estudos e revisões*, por seu turno, é uma colecção de ensaios sobre a vida e obra de Camilo Pessanha pela ponta dos dedos de vários outros autores além de Carlos Morais José, como Catarina Nunes de Almeida,

Daniel Pires, Duarte Drummond Braga, Fernando Cabral Martins, Paulo Franchetti, Pedro Eiras, Ricardo Marques, Rogério Miguel Puga e Serena Cacchioli.

Com a mudança de Portugal para Macau há largos anos, Morais José diz ter conseguido perceber com melhor e maior dimensão a importância e profundidade da escrita de Camilo Pessanha, poeta que também ele viveu em Macau e aqui acabou por falecer, estando a sua campa no Cemitério de São Miguel Arcanjo.

Durante a apresentação oficial das obras, na Casa de Portugal, Carlos Morais José lembrou que a escrita de Pessanha não tem só um papel de peso para a história da literatura portuguesa, mas também de Macau, uma vez que os seus poemas vieram colocar o território “no mapa da literatura lusófona.”

O jornalista lembrou também que as interpretações do único livro publicado

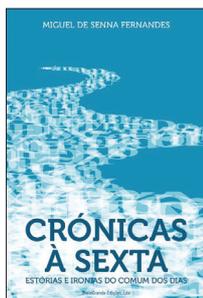


por Camilo Pessanha podem ser infinitas, à semelhança da obra de Fernando Pessoa ou de Camões. “É sempre possível encontrar novas leituras (...), tornando este livro numa obra imortal.”

Catarina Nunes de Almeida, coordenadora da obra *Clepsydra 1920-2020: Estudos e revisões*, que se fez presente no lançamento do livro via on-line, lembrou que não só a obra de Camilo Pessanha foi inspiração para outros grandes nomes da literatura em português como Fernando Pessoa e Eugénio de Andrade, como a própria vida e “os seus mistérios” deram espaço para a criação de ficções.

“Há muitas brechas ao longo da vida de Pessanha em Macau e na metrópole e, a literatura tem aproveitado para criar uma séria de ficções e de se deleitar com esses espaços em branco”, afirmou a professora da Faculdade de Letras de Lisboa.

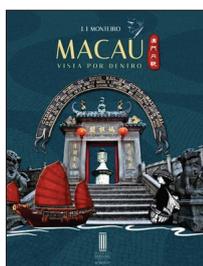
PARA LER



Crónicas à Sexta – Estórias e Ironias do Comum dos Dias

Miguel de Senna Fernandes | Praia Grande Edições | 2020

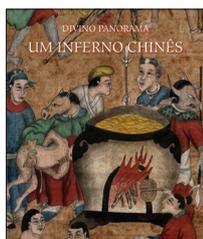
Advogado, dramaturgo e comentador televisivo, Miguel de Senna Fernandes reúne no seu primeiro livro de contos *Crónicas à Sexta: Estórias e Ironias do Comum dos Dias* o conhecimento profundo que tem pela cidade. Nascido e crescido em Macau, é aqui que se inspirou para a criação destas páginas que dão a conhecer personagens reais e imaginárias em histórias e que transpiram os ritmos e as estratégias dos dias que correm por esta cidade do Delta.



Macau vista por dentro

J. J. Monteiro | Instituto Internacional de Macau | 2020

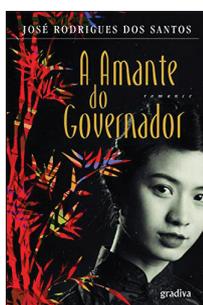
A reedição de *Macau Vista por Dentro*, obra de J. J. Monteiro publicada originalmente em 1983, serve de homenagem ao poeta popular que descreveu Macau em todo o seu detalhe. A edição a cargo do Instituto Internacional de Macau dá uma nova roupagem e leva ao público dos dias de hoje as descrições dos costumes, festividades e outras manifestações culturais das quais Macau foi palco em tempos passados e onde J.J. Monteiro teve papel activo.



Divino Panorama: Um Inferno Chinês

Livros do Meio | 2020

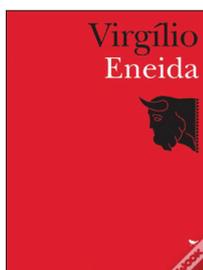
Originalmente escrito por Herbert Allen Giles, sinólogo e ex-diplomata britânico, *Divino Panorama: Um Inferno Chinês* tem como referência textos clássicos com influências confucionistas, budistas e taoistas e vê agora luz pela primeira vez em português. O trabalho de edição é da autoria da editora Livros do Meio.



A amante do governador

José Rodrigues dos Santos | Gradiva | 2019

Pela mão do jornalista português e escritor de grande sucesso em Portugal José Rodrigues dos Santos, *A amante do governador* é uma obra inspirada na vida de Macau durante a Segunda Guerra Mundial. Um romance histórico que atravessa lugares como a Praia Grande ou o Leal Senado num retrato de uma cidade no Extremo Oriente.



Eneida

Virgílio | Cotovia | 2019

O clássico da literatura *Eneida* surge agora numa nova tradução para português da autoria de Carlos André, ex-director do Centro Pedagógico e Científico da Língua Portuguesa do Instituto Politécnico de Macau. A obra escrita por Virgílio no século I a.C. foi um desafio de responsabilidade para o académico com fortes ligações a Macau.



Rua da Felicidade

Foto | *Álbum Macau 1844-1974*, Fundação Oriente, 1989

A Rua da Felicidade era uma área com diferentes tipos de entretenimento no início do século XX, na altura em que esta foto foi registada, e tem uma história mais rica do que se pensa.

A zona não foi sempre tão feliz como o nome sugere. A Rua da Felicidade foi, outrora, uma área inóspita e abandonada, apesar de localizada perto do Porto Interior. Porém, em 1870, o então governador de Macau António Sérgio de Sousa sugeriu aos maiores proprietários de terras da época, a família Wang, que construísse o primeiro teatro chinês do território, o Cheng Peng. Ali se pôde ver ópera chinesa, cinema e concertos, por mais de um século, até ter sido encerrado, em 1992.

Em 1932, a prostituição foi banida pelo Governo de Hong Kong e, subsequentemente, o “mercado das cortesãs” de Macau começou a florescer. Assim, no início do século XX, encontravam-se ali salas de ópio, bordéis, salas de jogo e tascas. A prostituição não era necessariamente a principal actividade destes espaços nessa altura. As cortesãs, normalmente órfãs e vendidas aos bordéis, tinham grande talento para tocar instrumentos mu-

sicais e cantar. Aliás, em chinês eram chamadas de *pei pa chai*, que significa, literalmente, a jovem rapariga que toca a pipa, um instrumento musical tradicional de quatro cordas. Eram ensinadas a entreter, de forma elegante, os convidados, mas também aprendiam poesia, desenho e xadrez. Quando cresciam e tinham desenvolvido estas competências, tornavam-se cortesãs.

Depois da Segunda Guerra Mundial, o Governo de Macau declarou a prostituição e a gestão de bordéis como actividades ilegais. Foi então que a Rua da Felicidade deixou de ser *Fa Kai* (o bairro vermelho ou, em sentido literal, a rua das flores), voltando ao seu já esquecido ambiente insípido.

Actualmente, a Rua da Felicidade, que é fechada ao trânsito de veículos, e as vias adjacentes são visitadas sobretudo por turistas. Dos antigos estabelecimentos, restam ainda para a memória o conhecido restaurante Fat Siu Lau, estabelecido em 1903 por Wong Man Seng, e também a antiga Hospedaria San Vá, que já serviu de cenário para várias filmagens. **M**

Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau

Prestação de “Serviço Completo” para si



O Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau (IPIM) é o organismo oficial da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) responsável pela cooperação externa, como a promoção do comércio externo, a atracção de investimentos, o desenvolvimento do sector de convenções e exposições e a cooperação económica e comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa. O IPIM, através do “One Stop Service” para os Investidores, do serviço de “Agência Única” para Licitação e Apoio em Macau das Actividades MICE, das actividades de promoção económica e comercial e dos serviços com os Mercados dos Países de Língua Portuguesa, criar um ambiente de negócio e de investimento mais favorável às empresas e investidores locais, nacionais e estrangeiros e também promover Macau como destino ideal para a realização de convenções e exposições.

Ambiente de Investimento em Macau

- “Um País, Dois Sistemas”, porto franco e zona aduaneira autónoma
- Uma das principais cidades da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau, posicionando-se como “Centro Mundial de Turismo e Lazer”, “Plataforma de Serviços para a Cooperação Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa” e “Base de Intercâmbio e Cooperação que, tendo a cultura chinesa como a cultura predominante, promova a coexistência de diversas culturas”
- Regime tributário simples com carga fiscal reduzida, com taxa do imposto complementar de rendimentos não superior a 12%
- Uma rede de mercado que abrange oito países de língua portuguesa e diversas partes do mundo
- Instalações completas para convenções e exposições, um centro modal de transporte externo mais otimizado e entrada em funcionamento da Ponte Hong Kong-Zuhai-Macau

Serviço de “Agência Única” para Licitação e Apoio em Macau das Actividades MICE e Actividades de Promoção Económica e Comercial



O IPIM, através do Serviço de “Agência Única” para Licitação e Apoio em Macau das Actividades MICE, presta serviços de apoio, em todos os domínios, aos organizadores interessados em realizar convenções e exposições em Macau.

Todos os anos, o IPIM organiza e co-organiza várias actividades de convenções e exposições económicas e comerciais de grande envergadura, incluindo:

- Fórum e Exposição Internacional de Cooperação Ambiental de Macau
- Fórum Internacional sobre o Investimento e Construção de Infra-estruturas
- Exposição de Franquia de Macau
- Feira de Produtos de Marca da Província de Guangdong e Macau
- Feira Internacional de Macau
- Exposição de Produtos e Serviços dos Países de Língua Portuguesa (Macau)

O IPIM também participa em várias actividades de convenções e exposições económicas e comerciais de grande envergadura realizadas na RAEM, no Interior da China e no Exterior, bem como organiza delegações de visita das empresas locais ao Exterior e recebe delegações do Interior da China e do estrangeiro, no sentido de promover o intercâmbio e a cooperação entre as comunidades empresariais de Macau, do Interior da China e do Exterior.

Serviços com os Mercados dos Países de Língua Portuguesa



O Departamento de Promoção Económica e Comercial com os Mercados dos Países de Língua Portuguesa do IPIM proporciona uma série de serviços externos às empresas dos Países de Língua Portuguesa interessadas em explorar os mercados do Interior da China, assim como às empresas do Interior da China, de Macau e outros países e regiões interessadas em explorar os mercados dos Países de Língua Portuguesa:

- Organização de visitas de prospecção económicas e comerciais aos Países de Língua Portuguesa
- Promoção económica e comercial de mercados dos Países de Língua Portuguesa
- Disponibilização da Conduta do Comércio China-PLP e realização de acções de promoção e propaganda online e offline das empresas e produtos dos Países de Língua Portuguesa
- Centro de Exposição dos Produtos Alimentares dos Países de Língua Portuguesa
- Portal para a Cooperação nas Áreas Económica, Comercial e de Recursos Humanos entre a China e os Países de Língua Portuguesa (www.platformchinaipm.mo)

“One Stop Service” para Investidores



O “One Stop Service” para Investidores do IPIM presta apoio, em todos os domínios, aos investidores que implementam os seus projectos em Macau. Para além de atender os investidores através de marcações, internet, telefonemas, entre outros, o IPIM designa pessoal para o acompanhamento dos projectos mediante o fornecimento de informações básicas, dando auxílio na implementação de projectos de investimento em Macau, no que toca aos procedimentos administrativos envolvidos. Conteúdo do serviço:

- Prestação de serviços de consulta sobre o ambiente de investimento em Macau
- Constituição de sociedades por notário privativo
- Designação de pessoal para o acompanhamento de vários procedimentos administrativos, incluindo o requerimento de licenciamento
- Prestação de serviços de consulta jurídica em relação ao investimento em Macau
- Prestação de informações sobre serviços comerciais complementares
- Disponibilização da Plataforma de Serviços das Bolsas de Contactos Online
- Disponibilização de escritórios temporários

Gabinetes de Representação do IPIM no Interior da China



- Gabinete de Representação em Hangzhou
- Gabinete de Representação em Chengdu
- Gabinete de Representação em Shenyang
- Gabinete de Representação em Fuzhou
- Gabinete de Representação em Guangzhou
- Gabinete de Representação em Wuhan

Principais funções e serviços:

- Prestação de “One Stop Service” para Investidores, ajudando as empresas dos dois territórios no tratamento de procedimentos
- Prestação de serviço de “Agência Única” para Licitação e Apoio em Macau das Actividades MICE, dispondo consulta sobre a organização de exposições e assistindo as empresas e organismos do Interior da China na realização de convenções e exposições em Macau
- Disponibilização da Conduta dos Países de Língua Portuguesa e as informações sobre o ambiente de negócios e de investimento nos Países de Língua Portuguesa
- Cooperação interdepartamental no âmbito da Secretária para a Economia e Finanças, prestando serviços de encaminhamento de casos, consulta de políticas e recepção de determinados documentos, por exemplo a consulta sobre o Fundo de Cooperação e Desenvolvimento China-Países de Língua Portuguesa
- Apoio aos jovens de Macau no estágio, emprego e empreendedorismo no Interior da China, mediante o Plano de Estágio nas Empresas do Interior da China para Estudantes de Macau que Frequentam as Instituições do Ensino Superior do Interior da China, Plano de Estágio em Tempo Parcial na área de convenções e exposições para estudantes de Macau e entre outras actividades
- Realização de visitas às empresas, associações comerciais e organismos governamentais do Interior da China, prestando apoio adequado às empresas interessadas em investir em Macau



澳門貿易投資促進局
Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau
Macao Trade and Investment Promotion Institute

澳門友誼大馬路918號世界貿易中心1至4樓
Av. da Amizade No. 918, World Trade Centre, 1st to 4th Floors, Macao
電話/ Tel: (853) 2871 0300
傳真/ Fax: (853) 2859 0309

www.ipim.gov.mo



微信
WeChat



網址
Website

澳門 ♥ 出發!
Macao Ready Go!

E-Platform
Now Available with
Great Offers



“Macao Ready Go!” E-Platform is devised by Macao Government Tourism Office to collate special offers in town - from exclusive dining offers, to attractive markdowns in retail, leisure, entertainment and many more!

Be sure to scan QR Code or visit
www.macaoreadygo.gov.mo
to find out more!



For inquiries, please email us at
macaoreadygo@macaotourism.gov.mo



MACAO GOVERNMENT TOURISM OFFICE
www.macaotourism.gov.mo

